



Universidade Federal do Rio Grande



Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde

Associação Ampla FURG / UFRGS / UFSM

MULHERES NO FUTEBOL: ENUNCIÇÕES EM
JOGO NAS TESES E DISSERTAÇÕES DO
BANCO DE TESES CAPES

Mahinã Leston Araujo

Orientadora: Méri Rosane
Santos da Silva

Rio Grande
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: QUÍMICA
DA VIDA E SAÚDE

Mahinã Leston Araujo

**MULHERES NO FUTEBOL: ENUNCIÇÕES EM JOGO NAS
TESES E DISSERTAÇÕES DO BANCO DE TESES CAPES**

RIO GRANDE
2015

Mahinã Leston Araujo

**MULHERES NO FUTEBOL: ENUNCIÇÕES EM JOGO NAS
TESES E DISSERTAÇÕES DO BANCO DE TESES CAPES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de mestra.

Orientadora: Prof^a Dra. Méri Rosane Santos da Silva.

Linha de Pesquisa: Educação Científica: Implicações das Práticas Científicas na Constituição dos Sujeitos.

RIO GRANDE

2015

TERMO DE APROVAÇÃO

AUTORA: Mahinã Leston Araujo

TÍTULO: MULHERES NO FUTEBOL: ENUNCIÇÕES EM JOGO NAS TESES E DISSERTAÇÕES DO BANCO DE TESES CAPES

Rio Grande, _____ de novembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Méri Rosane Santos da Silva (orientadora)

Prof^a. Dr^a. Rose Méri Santos da Silva

Prof^a. Dr^a. Josiane Vian Domingues

Prof. Dr. José Geraldo Damico

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone M. Firme - CRB 10/2323

A663m Araujo, Mahinã Leston

Mulheres no Futebol: Enunciações em jogo nas Teses e
Dissertações no Banco de Teses CAPES / Mahinã Leston
Araujo. - 2015.
96 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Méri Rosane Santos da Silva
Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) -
Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação
em Ciências: Química da Vida e Saúde, Rio Grande, 2015.

Inclui anexos.

1.Educação em Ciências. 2.Produção Científica. 3.Esportes.
I.Silva, Méri Rosane Santos da. II.Título.

CDU 37:5

AGRADECIMENTOS

A vocês que foram presentes e importantes contribuindo para a realização desta dissertação, meus maiores agradecimentos.

À minha orientadora, professora Méri, agradeço por toda sua dedicação e paciência, pelas leituras atentas e comentários em meus textos, pelo convívio e por fazer das orientações momentos prazerosos e alegres de aprendizagem, que me mantiveram confiante até a conclusão desta etapa.

Ao professor José Damico e as professoras Josiane Domingues e Rose Silva que compuseram a banca de defesa, agradeço pela responsabilidade, dedicação e contribuições que enriqueceram este momento.

Aos colegas do “Grupo”, agradeço pela parceria, pelos olhares atenciosos sobre minhas escritas contribuindo para que esta dissertação estivesse pronta hoje. Obrigada Méri, Rose, Gustavo, Josi, Arisson, Indira, Alessandra, Thiago, Ju, Carlinha, Fernanda.

A minha mãe Rosa e ao meu pai Tibiriçá, agradeço por me proporcionarem sempre as melhores condições para que eu me dedicasse aos estudos. A minha irmã Barthira pela franqueza em nossas conversas e por dedicar alguns minutos a me ouvir. Ao meu irmão Itauá pelo incentivo que me contagia todo o dia a ter vontade de pesquisar, estudar e buscar sempre mais. Ao meu irmão Junior pela calma e pelo apoio que sempre me deu. Família, obrigada por acreditarem em mim. Agora sim, acabou!

À Iohana, com carinho e amor, agradeço pela paciência, incentivo e companheirismo durante esta etapa.

Aos meus amigos e amigas agradeço pela companhia, pela parceria, pelo apoio, pelas risadas, pela energia contagiante e por estarem torcendo sempre por mim.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde agradeço pela possibilidade de produzir esta dissertação.

A CAPES pelo apoio financeiro durante este processo.

- Você não está seguro do que diz? Vai novamente mudar, deslocar-se em relação às questões que lhe são colocadas, dizer que as objeções não apontam realmente para o lugar em que você se pronuncia? Você se prepara para dizer, ainda uma vez, que você nunca foi aquilo que em você se critica? Você já arranja a saída que lhe permitirá, em seu próximo livro, ressurgir em outro lugar e zombar como o faz agora: não, não, eu não estou onde você me espreita, mas aqui de onde o observo rindo.

- Como?! Você pensa que eu teria tanta dificuldade e tanto prazer em escrever, que eu me teria obstinado nisso, cabeça baixa, se não preparasse - com as mãos um pouco febris - o labirinto onde me aventurar, deslocar meu propósito, abrir-lhe subterrâneos, enterrá-lo longe dele mesmo, encontrar-lhe desvios que resumem e deformam seu percurso, onde me perder e aparecer, finalmente, diante de olhos que eu não terei mais que encontrar? Vários, como eu sem dúvida, escrevem para não ter mais um rosto. Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever.

Michel Foucault, 2013

RESUMO

Esta pesquisa trata de uma dissertação de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, na linha de pesquisa Educação Científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos, com o objetivo de extrair e analisar as enunciações das teses e dissertações que falam sobre as mulheres no futebol, publicadas no Banco de Teses CAPES, entre os anos de 2005 e 2012. Buscamos tratar dessa temática dentro desse programa e linha de pesquisa, pois suspeitamos que os saberes e conhecimentos científicos, através da linguagem, produzem e constituem os sujeitos, neste caso, as mulheres no futebol. Para isso, enquanto modo de operar, utilizamos algumas ferramentas e estratégias teóricas e metodológicas, baseadas em estudos considerados pós-estruturalistas, principalmente aqueles relacionados a Michel Foucault, que nos permitiu desconfiar do pensamento e do olhar sobre a produção científica. A produção dos dados foi realizada a partir da análise das enunciações, em que investimos em dois (2) momentos: no primeiro, suspeitamos que ao falar sobre as mulheres no futebol, aciona-se e produz-se o modelo de homem, de masculino e de masculinidade, que serve como referência para pensar o que chamamos de a construção do ser mulher (da mulher) no futebol, implicando em modos de agir, de praticar, de se comportar, de ser e estar nesse esporte. Assim como identificamos que há uma associação do futebol com a masculinização da mulher, colocando sob suspeita a sua sexualidade e gênero. E também que elas são associadas a elementos como violências, preconceitos e discriminações, geralmente, relacionados à sexualidade e ao gênero. No segundo momento, destacamos a recorrência do acionamento da noção de gênero, pois foi um elemento trazido nas enunciações com certa regularidade, percorrendo a maioria das teses e dissertações. Identificamos diferentes usos que são feitos como pressuposto de temáticas relacionadas à mulher e também sobre a utilização e recorrência dos mesmos conceitos de gênero. Desse modo, colocamos sob suspeita a possibilidade de gênero se constituir enquanto enunciado a partir das recorrências que emergiram das enunciações e das características que compõem um enunciado. Isso porque atravessou e fez funcionar o discurso científico sobre as mulheres no futebol, produzindo verdades que as constituem e geram efeito. O que vem sendo dito sobre as mulheres no futebol se trata de perceber que a linguagem não é neutra, pois o que é dito sobre elas vem constituindo as mulheres de que se fala.

Palavras-chave: mulheres, futebol, produção científica, enunciações.

ABSTRACT

This research it was a Master dissertation linked to the Post-Graduation Program in Science Education: Chemistry of Life and Health, in the research line Science Education: implications of scientific practices in the subjects constitution, with the specific objective that was extract and analyze the enunciations of theses and dissertations talking about women in football, it was publish in the CAPES Theses Database, between the years 2005 and 2012. We try to find this tematic because we suspect that scientific knowledge through language, create and form the subject, in this case, the women in the football. To do it, we used some theoretical and methodological strategies, it was considered in post-structuralist studies, especially the works form Michel Foucault, which enabling us to look the scientific literature. The data production was performed through the analysis in two (2) moments: in the first moment we suspect that when talking about women in football triggers up the male mode, male and masculinity, which serves as a reference for thinking what we call the construction of the woman in the football, it is implying ways of acting, to practice, to behave, to be and to be in this sport. Similarly, we have identified that there is a strong association of football with the woman's masculinization, laying under suspicion their sexuality and gender. Still, they are associated with elements such as violence, prejudice and discrimination, usually related to sexuality and gender. At the second moment, we highlight the recurrence of about the notion of gender, because was a frequent subject found in almost all of the theses and dissertations. We identified different uses about the women and about the utilization of the same gender concepts. Furthermore, we put in suspicion, the possibility of constitution gender, while the enunciation, from the recurrences that have emerged of the enunciation. These developments lead us to suspect a supposed statement, that gender could be a statement that went through and made it work the scientific discourse about women in football, producing truths that constitute and generate effects. What has been said about women in football it comes to realize that language is not neutral. We understand that thought, as the way of speaking has been producing this theme.

Keywords: women, football, scientific production, enunciations.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Total de teses e dissertações encontradas nos quatro bancos de dados: NUTESES, BDTD, CAPES e DOMÍNIO PÚBLICO.....	24
Tabela 2 -	Total de teses e dissertações encontradas no Banco de Teses CAPES.....	25
Tabela 3 -	Total de teses e dissertações sem repetições do Banco de Teses CAPES.....	26
Tabela 4 -	Grandes áreas e Áreas do conhecimento das 38 teses e dissertações.....	29

SUMÁRIO

I. Em partes: estruturando e organizando a pesquisa.....	11
II. Entre encontros e movimentos: construindo um percurso no futebol.....	13
III. Um modo de operar: ferramentas e estratégias teóricas e metodológicas.....	17
3.1 O <i>corpus</i> de análise: escolhas, delimitações, delineamentos.....	22
3.2 As teses e dissertações do Banco de Teses CAPES: um esmiuçar analítico.....	27
IV. Mulheres no futebol: entre olhares, enunciações e recorrências.....	39
4.1 A construção do ser mulher (da mulher) no futebol: dialogando com possibilidades.....	40
4.1.1 Homem (s), masculino (s) e masculinidade (s) como referência no futebol.....	40
4.1.2 Postas à prova: as mulheres no futebol.....	49
4.1.3 Violências, preconceitos e discriminações: elementos associados ao falar sobre mulheres no futebol.....	59
4.2 Das recorrências ao acionamento da noção de gênero.....	66
V. E por falar em mulheres no futebol.....	81
REFERÊNCIAS.....	85
ANEXOS.....	92

I. Em partes: estruturando e organizando a pesquisa

Esta dissertação representa o momento em que me encontrei¹ no mestrado entre os anos de 2013-2015, inserida no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, na linha de pesquisa Educação Científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos, com o objetivo de extrair e analisar as enunciações das teses e dissertações que falam sobre as mulheres no futebol, publicadas no Banco de Teses CAPES, entre os anos de 2005 e 2012. Estruturei e organizei esta escrita em cinco (5) partes, assumidas enquanto peças necessárias que se encaixam e compõem o que realizei no transcorrer desta pesquisa.

Nesta primeira parte, nomeada **“Em partes: estruturando e organizando a pesquisa”** apresento uma descrição do que será abordado em cada momento desta escrita.

Na segunda parte, **“Entre encontros e movimentos: construindo um percurso no futebol”**, procurei contar minhas vivências e experiências no cenário futebolístico, seguida por caminhos, aproximações, embates, provocações, desconfianças, mudanças, suspeitas, escolhas, delimitações, deslocamentos enquanto movimentos que me permitiram delinear o tema, produzir um problema e construir um objetivo para esta pesquisa.

Logo em seguida, na terceira parte, intitulada **“Um modo de operar: ferramentas e estratégias teóricas e metodológicas”**, demonstrei como a pesquisa prosseguiu, operando com os dados e apresentando o uso de algumas ferramentas teóricas e metodológicas, a partir de uma perspectiva foucaultiana, utilizadas enquanto estratégias para delimitar, delinear, manusear, apresentar e esmiuçar o corpus de análise.

Na quarta parte, intitulada **“Mulheres no futebol: entre olhares, enunciações e recorrências”**, analisei as enunciações extraídas das teses e dissertações do Banco de Teses CAPES que falavam sobre as mulheres no futebol, movida pela suspeita de que os saberes e conhecimentos poderiam buscar produzir essas mulheres. Trabalhei nesta análise a partir de dois momentos: no primeiro, tratei sobre a construção do ser mulher (da mulher) no futebol, discorrendo sobre o fato desse esporte ser referenciado no(s) homem (s), no masculino (s), na masculinidade (s) e do tratamento dado àquelas que

¹ Na primeira e segunda parte, utilizei a 1ª pessoa do singular, pois se trata da minha apresentação, do meu percurso, das minhas vivências e experiências enquanto mestranda. A partir da terceira parte, utilizei a 1ª pessoa do plural, pois me referi aos movimentos que desenvolvi junto, com e a partir daquilo que foi produzido por mim, pelo grupo de pesquisa e por minha orientadora.

não se enquadram ao que é esperado de uma mulher. E também sobre elementos como preconceitos, violências e discriminações que são acionados a algumas mulheres que mantêm e outras que acabam escapando do modelo padrão de mulher. E no segundo momento, tratei daquilo que emergiu das enunciações em relação à recorrência do acionamento da noção de gênero e dos diferentes usos que são feitos dela como pressuposto de estudos e de análises relacionadas à mulher no futebol e dos mesmos conceitos de gênero. Aqui suspeitei da possibilidade de gênero se constituir enquanto enunciado a partir das recorrências que emergiram das enunciações e das características que compõem um enunciado.

“E por falar em mulheres no futebol...”, na quinta parte, lanço as considerações derradeiras desta pesquisa, não para por um ponto final, mas para reconhecer até onde cheguei e lançando algumas possibilidades para, quem sabe, num próximo encontro, dar sequência ao que foi analisado até o momento e propor novos investimentos.

II. Entre encontros e movimentos: construindo um percurso no futebol

Acredito que a pesquisa se produza por aquilo que nos move. Nesse sentido pergunto: o que me moveu a realizar esta investigação?

Início por essa pergunta que me permite, nesse começo, movimentar o pensamento para expor como foi possível que eu escrevesse esta dissertação, a qual não foi realizada por acaso, mas a partir de inúmeras práticas que me deram suporte para escolher e tratar do tema mulheres no futebol, assim como também construir o seguinte objetivo: extrair e analisar as enunciações das teses e dissertações que falam sobre as mulheres no futebol, publicadas no Banco de Teses CAPES, entre os anos de 2005 e 2012. Para isso, exercitei e agitei minha memória, para aludir minhas aproximações com essa temática.

Meu percurso, no cenário futebolístico, vem sendo composto e traçado há mais de 18 anos, através de vivências e experiências que vêm me constituindo enquanto uma mulher no futebol, ocupando diferentes posições, tais como jogadora, pesquisadora, treinadora, torcedora, espectadora, curiosa, admiradora de futebol.

Venho nutrindo esse gosto pelo futebol desde minha vida escolar, quando jogava nas aulas de Educação Física, no recreio, disputava campeonatos escolares, observava as professoras e professores de Educação Física e queria ser como elas(es). Concomitante a isso, participava de escolinhas de iniciação, times e clubes de futebol. Essas minhas vivências e experiências foram algumas condições que me incitaram para procurar o curso de Educação Física e ingressar na Universidade, pois acreditava que continuaria tendo contato com o futebol na profissão que havia escolhido.

Assim, prestei vestibular e ingressei nos cursos de Educação Física licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em 2008, e bacharelado na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em 2009. No decorrer das graduações realizei leituras sobre mulheres no esporte e, especificamente, no futebol, encontrando-me com produções científicas que traziam dados empíricos, históricos ou produziam realidades sobre as mulheres no futebol, apresentando narrativas que eu, enquanto jogadora, ainda não tinha conhecimento e assim não me interpelavam/atravessavam.

No sentido de suspeitar ou pensar a respeito sobre as mulheres que jogavam futebol, decidi, então, que meus Trabalhos de Conclusão de Cursos² (TCC) abordariam

² Trabalho de Conclusão de Curso - Mulheres e socialização: as trajetórias de jogadoras de futebol. Licenciatura - Universidade Federal do Rio Grande: 2008 - 2011; e Trabalho de Conclusão de Curso -

o “futebol feminino”. A partir do momento em que assumi uma posição de pesquisadora pude, então, problematizar algumas questões que me deparava em livros, artigos, teses e dissertações as quais eu não conhecia e que não faziam sentido para mim, mas que, ao mesmo tempo, tornavam-se potentes para exercitar o pensamento na direção de desconfiar do que estava sendo dito sobre essa temática.

Partindo daí, investi em pesquisas que me fizeram debruçar sobre o tema, sendo que, no ano de 2011, a escrita do TCC da licenciatura foi direcionada para as trajetórias de jogadoras de futebol feminino de um clube, trazendo os seus processos de socialização de mulheres adultas, que contavam suas trajetórias desde os primeiros chutes no futebol quando eram crianças. Com isso, minha curiosidade se inclinou para olhar as meninas que estavam iniciando nessa modalidade. Assim, em outro empreendimento, também em um TCC, só que no bacharelado, no ano de 2012, olhei para os discursos relacionados ao futebol que atravessavam as meninas que estavam iniciando essa prática, jogando em uma escolinha de iniciação ao esporte. No caso desses dois trabalhos, notei que os discursos que interpelavam essas meninas e mulheres não eram os mesmos. Se em décadas anteriores, as mulheres narravam o preconceito que sofriam, por exemplo, atualmente para as meninas entrevistadas no segundo trabalho, não é dada importância a estas narrativas ou até mesmo não eram mencionadas.

Pontuei esses dois TCC, pois eles se produziram em momentos e espaços diferentes e me permitiram pensar com o que encontrava nas produções científicas que tinha acesso e também com o que era obtido no material empírico produzido nos dois trabalhos, pois, à medida que penso, desconfio do meu próprio pensamento e do lugar aonde chego. Isso me possibilitou ativar, tatear, mapear coisas que me inquietavam me impulsionando para investimentos futuros.

Assim, movimenteimei-me para produzir um projeto de pesquisa para a seleção do mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, na linha de pesquisa Educação Científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos, investindo na temática “mulheres no futebol” a fim de problematizar parte do discurso³ científico que se dispõe a falar sobre as mulheres no

Um olhar sobre enunciações de meninas que jogam em uma escolinha de iniciação ao futebol na cidade de Pelotas-RS – Bacharelado – Universidade Federal de Pelotas: 2009 - 2012.

³ Como trataremos na terceira parte desta dissertação, por discurso entendemos como “um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns” (REVEL, 2011, p.41).

futebol. Produzi um problema de pesquisa, a partir de uma pergunta inicial: como parte do discurso científico vem constituindo as mulheres no futebol? Esse questionamento emergiu, a partir das experiências acadêmicas que vinha tendo as quais me instigavam e geravam desconfianças sobre o que estava sendo produzido cientificamente sobre esse tema.

Esses procedimentos e o ingresso no mestrado me levaram ao encontro da noção de ciência, que tomarei como uma das formas de produzir conhecimento, que entrou na disputa pela verdade e se consolidou na Modernidade, sendo entendida como uma produtora e legitimadora de conceitos, de saberes e que busca uma verdade estável, imutável, inquestionável (HENNING & CHASSOT, 2010). Trago essa noção, pois entendo que ela é pautada por uma vontade de verdade (FOUCAULT, 2012), por uma busca pela legitimidade e, para tanto, adota aquilo que Isabelle Stengers (2002) chama de “etiqueta científica”. Essa autora, no livro “A invenção das ciências modernas”, aponta que a busca pela “etiqueta científica” é entendida como àqueles procedimentos que os cientistas adotam para produzir suas pesquisas, com o objetivo de que seus resultados sejam considerados verdadeiros.

Assim, entendo que as mulheres, o futebol e a ciência, mais especificamente as produções que recebem essa “etiqueta científica” e tratam das mulheres no futebol se prendem em um nó, que não necessita ser desfeito, mas nele estão amarradas ideias, saberes, conhecimentos que foram produzidos em um determinado momento histórico-cultural e reverberando-se, a ponto de tornarem-se inquestionáveis e verdadeiras. Assim também fazem com que, em determinado tempo e espaço, esse nó venha se constituindo e que várias coisas sejam ditas sobre as mulheres que circulam no futebol.

A ciência é também um espaço na disputa pela verdade, que se naturalizou como uma forma de pensar sem ao menos colocá-las sob suspeita. Não entendo a verdade como "o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar" (FOUCAULT, 1979, p.11), mas como o "conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder" (FOUCAULT, 1979, p.11).

É dessa validade não interrogável da ciência que passei a desconfiar, no sentido de considerar que há rupturas e fragilidades se equilibrando num terreno de instabilidades, de incertezas, de desconfianças, que colocam sob suspeita essas “verdades” inquestionáveis (HENNING & CHASSOT, 2010). Entendo isso como uma mudança no meu modo de olhar para o que está sendo produzido, fazendo com que

emergissem inquietações que serviram de alavanca no percurso de constituição desta pesquisa.

Apoio-me em Foucault (2013) para pensar que é:

preciso pôr em questão, novamente, essas sínteses acabadas, esses agrupamentos que, na maioria das vezes, são aceitos antes de qualquer exame, esses laços cuja validade é reconhecida desde o início; é preciso desalojar essas formas e essas forças obscuras pelas quais se tem o hábito de interligar os discursos dos homens; é preciso expulsá-las da sombra onde reinam. E ao invés de deixá-las ter valor espontaneamente, aceitar tratar apenas, por questão de cuidado com o método e em primeira instância, de uma população de acontecimentos dispersos.

É preciso também que nos inquietemos diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares (FOUCAULT, 2013, p.26).

Nesse sentido, passei a problematizar parte do discurso científico que constitui as verdades sobre as mulheres no futebol, uma vez que põe em jogo uma série de ferramentas e procedimentos para que o que é dito passe a funcionar como verdade, como algo inquestionável, estável, irredutível (STENGERS, 2002). Dessa maneira, “a ciência é, então, produzida por nós, uma vez que o nosso discurso a constitui” (HENNING e CHASSOT, 2010, p.45).

Porém, não é de todo ou qualquer discurso científico que falo, mas de uma parte dele, que está materializado nas teses e dissertações do Banco de Teses CAPES, que falam sobre as mulheres no futebol, pois o entendo como um espaço que faz funcionar parte do discurso científico, acionado a partir das teses e dissertações. Isso, porque a partir dos encontros que fui tendo com as teses e dissertações fui instigada a fazer outra pergunta: o que buscam produzir quando falam das mulheres no futebol?

Desse modo, as produções que estão nesse espaço são reconhecidas como científicas, ou seja, estão sob o prisma daquilo que é entendido como um conhecimento científico, que passou por rituais de avaliação, com regras e normas bem definidas. Assim, não é de toda a ciência, de todo o discurso associado à ciência que estou me referindo, mas sim de algumas produções que compõem esse discurso, ou seja, que fazem com que ele circule, reverbere.

III. Um modo de operar: ferramentas e estratégias teóricas e metodológicas

Enquanto modo de operar, utilizamos⁴ algumas ferramentas e estratégias teóricas e metodológicas, baseadas em estudos de Michel Foucault e outros autores que adotam uma perspectiva pós-estruturalista. Tratamos de algumas noções de linguagem, a priori histórico, produção do sujeito, poder, saber, discurso, enunciado e enunciações, que se fazem potentes para pensar esta pesquisa e que no nosso entendimento também se comunicam, se relacionam, se aproximam, se distanciam, se atravessam à temática mulheres no futebol.

No que se refere especificamente à questão metodológica, destacamos que Foucault (2013) não traça um "caminho metodológico" a ser seguido para a produção e análise dos dados, mas nos possibilita suspeitar, levantar pistas, localizar elementos para que nos movimentemos na pesquisa, construindo o nosso próprio caminhar. Isso nos permite provocar o pensamento no sentido de experimentar uma forma de escrita e de método para produção de dados que escape de uma estrutura pré-determinada (WILLIAMS, 2013). Assim, consideramos “o pensamento como um processo que caminha com, mas também independente, da ciência”, pois “a vida não deve ser definida apenas pela ciência, mas pelas camadas de história e criações futuras capturadas em sentidos mais amplos da linguagem, do pensamento e da experiência” (WILLIAMS, 2013, p.22).

Desse modo, não estabelecemos minuciosamente um planejamento pré-definido, com uma lógica solidamente estabelecida ou um roteiro, um guia para começar a pesquisa, mas deixamos que o campo empírico nos mostrasse por onde caminhar. Com isso, concordando com o que é apontado por Guacira Louro (2007):

Não me parece adequado supor, portanto, um único modo de conhecer “científico” que deva ser buscado por todos. O modo como pesquisamos e, portanto, o modo como conhecemos e também como escrevemos é marcado por nossas escolhas teóricas e por nossas escolhas políticas e afetivas. É, certamente, afetado por nossa história pessoal, pelas posições-de-sujeito que ocupamos, pelas oportunidades e encontros que tivemos e temos. O modo como conhecemos é, por tudo isso, incontrolável, volátil. Mas essa constatação não significa que não possamos refletir sobre esse processo (LOURO, 2007, p. 213).

⁴ A partir desta parte, o tempo verbal utilizado foi a 1ª pessoa do plural, pois estamos nos referindo aos movimentos desenvolvidos junto, com e a partir daquilo que foi produzido pela mestranda, pelo grupo de pesquisa e pela orientadora.

Para tanto, partimos de uma perspectiva teórica pós-estruturalista que, como aponta Louro (2007),

Na perspectiva pós-estruturalista, que é a que privilegia, atribui-se especial atenção à linguagem. Supõe-se que a linguagem que se usa não apenas reflete o modo pelo qual se conhece, mas que ela faz mais do que isso, que ela institui um jeito de conhecer. [...] ao apresentarmos nossas idéias como “fatos”, nós nos colocamos na posição de quem sabe o que está afirmando e, de algum modo, oferecemos a quem lê a possibilidade de discordar ou concordar com o que estamos dizendo. [...] os textos que escrevemos são constituintes do nosso processo de conhecer e de dar a conhecer. Conseqüentemente, o modo como escrevemos tem tudo a ver com nossas escolhas teóricas e políticas (LOURO, 2007, p.214).

Neste sentido, consideramos a linguagem, como algo que não é neutro. E essa não neutralidade da linguagem é intencional, funcional, produtiva. Aquilo que se diz, constitui, constrói modos de ser, ou seja, a linguagem produz o objeto de que fala, não representando uma realidade, mas a produzindo. Nas palavras de Silva (1996), “a linguagem é encarada como um movimento em constante fluxo, sempre indefinida, não conseguindo nunca capturar de forma definitiva qualquer significado que a precederia e ao qual estaria inequivocamente amarrada” (p. 249).

A linguagem não é só representação de um sujeito, ela visa constituir e produzir o próprio sujeito que nomeia e fala. Para Veiga-Neto (2011, p. 91), “dado que cada um de nós nasce num mundo que já é de linguagem, num mundo em que os discursos já estão, há muito tempo circulando, nós nos tornamos sujeitos derivados desses discursos”. Assim, “ao falarmos sobre as coisas, nós as constituímos” (VEIGA-NETO, 2002, p. 31). Não buscamos “denunciar” o que vem sendo dito, mas compartilhamos do que aponta Fischer (2001), ao se referir a Foucault, no livro *Microfísica do Poder*:

Trata-se de um esforço de interrogar a linguagem - o que efetivamente foi dito - sem a intencionalidade de procurar referentes ou de fazer interpretações reveladoras de verdades e sentidos reprimidos. Simplesmente, perguntar de que modo a linguagem é produzida e o que determina a existência daquele enunciado singular e limitado (FISCHER, 2001, p.205).

Entendemos que as teses e dissertações produzem, falam quem são essas mulheres que acessam ao futebol. Considerando o tempo e o espaço em que as ideias são produzidas, de modo cultural, histórico, biológico e social, as mulheres não são sujeitos programados para se inserirem no futebol, ou seja, são constituídas por práticas discursivas, que são atravessadas por relações de saber e poder. Como aponta Foucault (1995), o “poder” é

um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele

incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações (FOUCAULT, 1995, p.243).

Engendrado ao poder, há também os saberes. Ambos se articulam, como aponta Veiga-Neto (2011, p. 117), “para ‘atender’ a uma vontade de verdade”. Assim, entendemos que as produções científicas estão implicadas em relações de poder-saber, uma vez que o espaço científico está em disputa, inclusive, de onde e de quem pode falar sobre determinados temas (FOUCAULT, 2012). Falar sobre mulheres no futebol é também produzir, constituir essas mulheres, além de reconhecer que neste espaço existe uma série de disputas pelo reconhecimento da “verdade”.

Somos objetivados e subjetivados, vamos nos tornando sujeitos a medida que nos inserimos e fazemos parte de espaços onde o poder e o saber circulam e diante das condições em que estes saberes e poderes são estabelecidos. Neste sentido, Michel Foucault (1995), no texto “O Sujeito e o Poder”, discorre sobre o objetivo de seu trabalho, em que propôs “criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos” (p.231). O autor, em sua escrita, toma como questão principal o sujeito, considerando que este vai se constituindo a partir das relações de poder, que

se articula sobre dois elementos que lhe são indispensáveis por ser exatamente uma relação de poder: que ‘o outro’ (aquele sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como o sujeito de ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis (FOUCAULT, 1995, p. 243).

Assim, consideramos que o sujeito é produzido discursivamente. A concepção de discurso adotada nesta pesquisa é entendida, como traz Revel (2011, p.41) se referindo a Foucault, enquanto “um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns”.

O enunciado é um “diz-se”, um “fala-se”, está nas relações, é anônimo. Ele é transversal, porque passa por unidades, condicionando o pensamento e sendo “capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele” (FOUCAULT, 2013, p.96). O enunciado não exige uma estrutura definida, não se limita e não se restringe a frases, palavras, atos de fala, mas é acionado por elas. Como aponta Foucault (2013):

Não acredito que a condição necessária e suficiente para que haja enunciado seja a presença de uma estrutura proposicional definida, e que se possa falar de enunciado todas as vezes em que houver proposição e apenas neste caso. Pode-se, na verdade, ter dois enunciados perfeitamente distintos que se referem a grupamentos discursivos bem diferentes, onde não se encontra mais que uma proposição, suscetível de um único e mesmo valor, obedecendo a um único e mesmo conjunto de leis de construção e admitindo as mesmas possibilidades de utilização (FOUCAULT, 2013, p.97).

Para o autor, reconhecer e isolar uma frase, por exemplo, não quer dizer que haja um enunciado, o que se busca é descrever

a operação que foi efetuada pela própria fórmula, em sua emergência: promessa, ordem, decreto, contrato, compromisso, constatação” (...) o que se produziu pelo próprio fato de ter sido enunciado – e precisamente esse enunciado (e nenhum outro) em circunstâncias bem determinadas (FOUCAULT, 2013, p.100).

Os enunciados possuem algo a “mais”. E como descrever esse algo a “mais”? O autor aponta que

ora, por mais que o enunciado não seja oculto, nem por isso é visível; ele não se oferece à percepção como portador manifesto de seus limites e caracteres. É necessária uma certa conversão do olhar e da atitude para poder reconhecê-lo e considerá-lo em si mesmo (FOUCAULT, 2013, p.135).

A linguagem e os discursos, atravessados por determinados enunciados, buscam fazer funcionar e constituir determinados saberes e verdades. Na perspectiva foucaultiana, esses enunciados também estão materializados nas enunciações. Para Foucault (2013), a enunciação é

um acontecimento que não se repete; tem uma singularidade situada e datada que não se pode reduzir. Essa singularidade, entretanto, deixa passar um certo número de constantes – gramaticais, semânticas e lógicas – pelas quais se pode, neutralizando o momento da enunciação e as coordenadas que o individualizam, reconhecer a forma geral de uma frase, de uma significação, de uma proposição (FOUCAULT, 2013, p.123).

Com base no excerto acima, as enunciações são entendidas como um acontecimento⁵ que irrompem num tempo materializado, singular, situado e datado em sua forma escrita, dita, não repetível e para este trabalho foram acionadas para analisarmos o que está sendo dito sobre as mulheres no futebol. As enunciações dão visibilidade e concretude ao que está sendo dito, uma vez que entendemos que não há nada por trás do que está sendo dito, não há nada que tenhamos que dar luz ou

⁵ Para Foucault, o acontecimento é entendido como “irrupção de uma singularidade histórica” (REVEL, 2011, p.62).

descobrir, pois nos situamos no nível das coisas ditas e operamos a partir daí (FISCHER, 2001).

Partimos das enunciações e ficamos no nível delas, pois entendemos que são aceitas como uma verdade sobre o que está sendo dito, no caso, sobre as mulheres no futebol em um espaço que se destina a produzir parte do discurso científico, ou seja, o Banco de Teses CAPES. É um campo considerado como produtor de conhecimento verdadeiro e que tem a pretensão de que o que produz seja tomado como verdade. Porém, são as verdades “naturalizadas” sobre as mulheres no futebol que vêm nos inquietando, nos movimentando no cenário científico e se tornando provocativas, à medida que questionamos: o que tem sido dito sobre as mulheres no futebol nas teses e dissertações vinculadas ao Banco de Teses CAPES?

Sendo assim, essa foi uma estratégia para analisar as teses e dissertações, utilizando algumas ferramentas da análise do discurso realiza por Michel Foucault, principalmente em sua fase arqueológica, em que o autor partiu das enunciações, extraindo alguns enunciados e identificando a função desses enunciados no discurso. Esta conduta de investigação nos permitiu também construir o objetivo desta pesquisa, uma vez que não partimos dele e sim chegamos a ele. Neste caso, nos propusemos a extrair e analisar as enunciações das teses e dissertações que falam sobre as mulheres no futebol, publicadas no Banco de Teses CAPES, entre os anos de 2005 e 2012⁶.

Desse modo, demonstramos e tratamos as recorrências que encontramos nessas teses e dissertações a partir das enunciações. Como já mencionamos, elas são entendidas enquanto um acontecimento, porém, não afirmamos que todas essas enunciações extraídas são recorrências ou acontecimentos. Isso faz com que o acontecimento seja entendido como uma singularidade, a qual Machado (2009) discorre sobre o trabalho arqueológico de Michel Foucault, o qual considera que as singularidades são tão ou mais importantes que as recorrências, no percurso da história. Enquanto escolha, não nos detemos nas singularidades, mas sim nas recorrências, pois entendemos que, mesmo que pareça redundante, as recorrências se repetem e nos permitem identificar elementos que transitam, podendo mudar de enfoque ou serem transformados, saindo do que está para o que pode ser.

⁶ Como consta no Portal CAPES: “A nova versão do banco de teses disponibiliza apenas as teses de 2005 a 2012. Os outros períodos serão incluídos no decorrer das atualizações” (Referência retirada do site <http://bancodeteses.capes.gov.br/>. Acessado durante o ano de 2013).

Como mais uma atitude de análise assumida, compartilhamos do entendimento de “a priori histórico” em Foucault (2013) como

um *a priori* que não seria condição de validade para juízos, mas condição de realidade para enunciados. Não se trata de reencontrar o que poderia tornar legítima uma assertiva, mas isolar as condições de emergência dos enunciados, a lei de sua coexistência com outros, a forma específica de seu modo de ser, os princípios segundo os quais subsistem, se transformam e desaparecem. *A priori*, não de verdades que poderiam nunca ser ditas, nem realmente apresentadas à experiência, mas de uma história determinada, já que é a das coisas efetivamente ditas (FOUCAULT, 2013, p.155).

Buscamos trabalhar com essa noção, pois procuramos não estabelecer a priori a respeito das questões que abordamos e nem julgar o que é certo ou errado e sim analisamos as coisas ditas destacando o que vem emergindo a partir disso, o que vem sendo produzido em relação às mulheres no futebol. Acreditamos que criar a priori é uma maneira de limitar e definir o olhar, porém mesmo que este não dê conta de analisar tudo, possibilita entender como determinadas questões são produzidas.

Olhamos o que é dito sobre as mulheres no futebol, pois partimos de um entendimento de que os indivíduos são constituídos, enquanto sujeitos, também pela linguagem, ou seja, não é de um sujeito natural, biológico que nos referimos, mas das relações de poder-saber que atravessam as práticas discursivas, como as sociais, as culturais, as históricas, as científicas que o produz.

3.1 O *corpus* de análise: escolhas, delimitações, delineamentos

O *corpus* de análise foi sendo delimitado entre os meses de março e dezembro de 2013 quando começamos a procurar um espaço que agregasse produções da área da Educação Física, pois tínhamos a pretensão inicial de analisar somente teses e dissertações de Programas de Pós-graduação vinculados a essa área. Desde então, iniciamos a busca na base de dados NUTESSES (Núcleo Brasileiro de Dissertações e Teses em Educação, Educação Física e Educação Especial). A NUTESSES é um “centro de informação automatizado voltado para a produção científica, desenvolvida por intermédio dos cursos de Mestrado e Doutorado em Educação Física, Esportes, Educação e Educação Especial, no Brasil e no exterior”⁷.

Ainda circulando por essa base de dados, procuramos outras, pois percebemos que havia inúmeras teses e dissertações em outros espaços que não apareciam naquele

⁷ Referência retirada do site <http://www.nuteses.ufu.br/index.php?id=22>, Acessado durante o ano de 2013.

que iniciamos a pesquisa e que também não estavam somente restrito à área da Educação Física. Assim tivemos acesso a mais três bases de dados: a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o portal Domínio Público (Biblioteca digital desenvolvida em software livre). Optamos por olhar esses outros três bancos de dados, pois acreditávamos que tinham sido criados no intuito de integrar, agrupar, visibilizar, divulgar teses e dissertações de diferentes programas de pós-graduação, ou seja, faz circular uma parte do discurso científico.

A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), é um projeto coordenado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT),

que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa brasileiras, e também estimula o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico. Este projeto – iniciativa inovadora do IBICT, em parceria com as instituições brasileiras de ensino e pesquisa – possibilita que a comunidade brasileira de C&T publique suas teses e dissertações produzidas no país e no exterior, dando maior visibilidade a produção científica nacional⁸.

No Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é possível consultar todos os trabalhos defendidos na pós-graduação brasileira ano a ano⁹ e o portal Domínio Público (Biblioteca digital desenvolvida em software livre)

constitui-se em um ambiente virtual que permite a coleta, a integração, a preservação e o compartilhamento de conhecimentos, sendo seu principal objetivo o de promover o amplo acesso às obras literárias, artísticas e científicas (na forma de textos, sons, imagens e vídeos), já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, que constituem o patrimônio cultural brasileiro e universal¹⁰.

Utilizamos nessas buscas as palavras-chave: futebol feminino, futebol mulher, futebol mulheres, futsal feminino, futsal mulher, futsal mulheres. Optamos por essas palavras-chave, pois partimos inicialmente de uma escolha pelo futebol feminino, porém, no encontro com inúmeras teses e dissertações, percebemos que não se falava somente de mulheres que jogavam futebol, mas sim de mulheres que ocupam diferentes posições e espaços nesse cenário futebolístico. Além disso, decidimos fazer a busca com a palavra “futsal”, pois obteríamos dados que contribuiriam para esta pesquisa, uma vez que algumas teses e dissertações utilizavam tanto futsal quanto futebol para se referir a

⁸ Referência retirada do site <http://bdtb.ibict.br/vufind/>. Acessado durante o ano de 2013.

⁹ Referência retirada do site <http://bancodeteses.capes.gov.br/>. Acessado durante o ano de 2013.

¹⁰ Referência retirada do site <http://www.dominiopublico.gov.br/Missao/Missao.jsp>. Acessado durante o ano de 2013.

mesma modalidade, mesmo que existam características diferentes entre elas. Entendemos que essas escolhas ampliaram o leque de possibilidades para olhar para as mulheres no futebol.

O que buscamos ao dizer “mulheres no futebol”? Queremos deixar claro que não escolhemos a priori as produções que tratavam sobre futebol feminino, torcedoras, jogadoras ou que estritamente trabalhavam com mulheres e futebol, mas as que traziam as mulheres vinculadas ao futebol/futsal, independente do modo que se relacionavam com essa modalidade, mesmo que estivessem relacionados a outros temas, mas que, de uma maneira ou de outra, falavam sobre mulheres e futebol.

As palavras-chave foram inseridas nos seguintes campos: na base de dados NUTESSES, foi caracterizada como “busca simples”, colocando o operador “E” entre as palavras, pois o tutorial da base indicava para usar esse operador para pesquisar os trabalhos que continham todas as palavras digitadas; na BDTD, o campo utilizado foi como “procura básica”; já no banco de teses CAPES foi respectivamente nos campos, “assunto” e “todas as palavras”, pois, como consta nas observações da base, “os documentos recuperados devem conter todas as palavras-chave informadas”; e, no Domínio Público, as palavras-chave foram inseridas, respectivamente, em dois espaços: “título” e “palavras-chave”, porque assim a busca seria ora em um espaço, ora em outro, já que não havia item para selecionar as palavras ao mesmo tempo nos dois espaços.

O total de teses e dissertações encontradas nos quatro bancos de dados foi de 244, sendo encontradas 25 no banco NUTESSES; 87 na BDTD; 128 no banco de Teses CAPES; e 4 no Domínio Público, como está exposto na tabela abaixo.

PALAVRAS-CHAVE	NUTESSES	BDTD	CAPES	DOMÍNIO PÚBLICO		TOTAL
				Título	Palavras-chave	
futebol feminino	11	22	33	1	1	68
futebol mulher	7	23	30	0	0	60
futebol mulheres	7	23	30	0	0	60
futsal feminino	0	7	13	2	0	22
futsal mulher	0	6	11	0	0	17
futsal mulheres	0	6	11	0	0	17
TOTAL	25	87	128	3	1	244

TABELA 1: Total de teses e dissertações encontradas nos quatro bancos de dados: NUTESSES, BDTD, CAPES e DOMÍNIO PÚBLICO.

Fonte: elaboração própria

Feito este levantamento, escolhas foram necessárias para delimitar o *corpus* de análise, devido ao número extenso de teses e dissertações encontradas. Para tanto, optamos por realizar apenas a análise das produções compiladas pelo Banco de Teses CAPES, principalmente, por entender, como consta no Portal CAPES, que a

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) em seu banco de dados envolveria todas as teses e dissertações dos programas de pós-graduação do país, uma vez que é a instituição responsável pelo acompanhamento e avaliação dos cursos de pós-graduação *strictu sensu* brasileiros. Com o objetivo de facilitar o acesso a informações sobre teses e dissertações defendidas junto a programas de pós-graduação do país, a CAPES disponibilizou o Banco de Teses – BT com referências e resumos das teses/dissertações defendidas nestes programas. Sendo que, a partir de então, os dados são atualizados anualmente, após o informe de atividades pelos programas de pós-graduação do país a Capes¹¹.

Embora seja uma ferramenta para consultar teses e dissertações defendidas junto a programas de pós-graduação do Brasil, assim como os outros bancos de dados, é preciso destacar que o Banco de Teses CAPES promete envolver todas as teses e dissertações dos programas de pós-graduação do país, porém, tendo acessado esses outros bancos de dados percebemos que havia alguns trabalhos que não constavam no da CAPES.

Mesmo assim, a partir de diferentes palavras-chave que utilizamos na busca, encontramos o total de 128 teses e dissertações no Banco de Teses CAPES, conforme é demonstrado na tabela abaixo:

PALAVRAS-CHAVE	CAPES
futebol feminino	33
futebol mulher	30
futebol mulheres	30
futsal feminino	13
futsal mulher	11
futsal mulheres	11
TOTAL	128

TABELA 2: Total de teses e dissertações encontradas no Banco de Teses CAPES.

Fonte: elaboração própria

¹¹ Referência retirada do site <http://bancodeteses.capes.gov.br/>. Acessado durante o ano de 2013.

Manuseando essas teses e dissertações, percebemos que algumas se repetiam nas palavras-chave. Ao eliminar as repetições, o total reduziu-se para 58, como é possível visualizar na tabela abaixo:

Palavras-chave	CAPES
futebol feminino	16
futsal feminino	4
futebol mulher/futebol mulheres	13
futebol feminino/futebol mulher/futebol mulheres	12
futsal mulher/futsal mulheres	2
futsal feminino/futsal mulher/futsal mulheres	4
futebol feminino/futsal feminino	2
futebol mulher/futebol mulheres/ futsal mulher/futsal mulheres	2
futebol feminino/futebol mulher/futebol mulheres/ futsal feminino/futsal mulher/futsal mulheres	3
TOTAL	58

TABELA 3: Total de teses e dissertações sem repetições do Banco de Teses CAPES.
Fonte: elaboração própria

Trabalhando com essas 58 teses e dissertações identificamos que o Banco de Teses CAPES disponibilizava somente os resumos dessas produções. Percebemos que somente a leitura dos resumos não seria suficiente para a análise. Assim, procuramos pelo documento completo em *sites* de busca. Porém, nos deparamos com alguns “desfalques”¹², ou seja, 15 documentos não foram encontrados. Para consegui-los, procuramos os contatos dos (as) autores (as) e encaminhamos um e-mail para cada um (a) deles (as), através dos endereços disponibilizados na Plataforma Lattes¹³. O período delimitado para aguardar o retorno foi de janeiro-fevereiro de 2014. Somente três (03) autores(a) retornaram os pedidos, reduzindo o total de teses e dissertações a serem analisadas para 46.

¹² Utilizamos esse termo metaforicamente, relacionando-o a ausência de um(a) jogador(a) numa partida de futebol, reduzindo a parte que compõe o todo, ou seja, nos referimos às teses e dissertações que não tivemos acesso.

¹³ “A Plataforma Lattes representa a experiência do CNPq na integração de bases de dados de Currículos, de Grupos de pesquisa e de Instituições em um único Sistema de Informações”. Procurei os autores através dos seus currículos contidos nessa plataforma, pois “o Currículo Lattes se tornou um padrão nacional no registro da vida pregressa e atual dos estudantes e pesquisadores do país, e é hoje adotado pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa do País. Por sua riqueza de informações e sua crescente confiabilidade e abrangência, se tornou elemento indispensável e compulsório à análise de mérito e competência dos pleitos de financiamentos na área de ciência e tecnologia” (<http://lattes.cnpq.br/>).

No transcorrer das leituras, nos indagávamos a todo instante: qual a relação entre mulheres e futebol? Isso propiciou que algumas produções fossem consideradas e outras não, pois as relações que se estabeleciam condiziam ou não com nosso objetivo, ou seja, possuíam características que se encaixavam ou fugiam da proposta desta pesquisa, estabelecendo ou não relação com a temática mulheres no futebol.

Nesse sentido, desconsideramos oito (8) teses e dissertações que foram realizadas somente com homens, não se referindo às mulheres e, ainda, outras, tratavam de outros esportes. Suspeitamos que tais teses e dissertações possam ter aparecido na busca devido a utilização de alguns termos de busca como: futebol, futsal, mulher ou mulheres.

Com isso, o *corpus* de análise¹⁴ dessa pesquisa se constituiu de um total de 38 teses e dissertações, das quais 11 são teses de doutorado e 27 são dissertações de mestrado, que foram concluídas entre os anos de 2005 e 2012¹⁵, pois, quando fizemos as buscas, o Portal CAPES havia sido atualizado e estava disponibilizando somente as produções correspondentes a esses anos.

3.2 As teses e dissertações do Banco de Teses CAPES: um esmiuçar analítico

Aqui, esmiuçamos as 38 teses e dissertações delimitadas enquanto *corpus* de análise, a partir de uma sistematização por áreas do conhecimento onde foram publicadas. Optamos por essa sistematização, pois um aspecto que nos chamou a atenção foi que a CAPES classifica as teses e dissertações por “áreas do conhecimento”. Primeiramente, procuramos o que seriam as “Áreas do conhecimento” e verificamos que, segundo o portal:

A classificação das Áreas do Conhecimento tem finalidade eminentemente prática, objetivando proporcionar às Instituições de ensino, pesquisa e inovação uma maneira ágil e funcional de sistematizar e prestar informações concernentes a projetos de pesquisa e recursos humanos aos órgãos gestores da área de ciência e tecnologia.

A organização das Áreas do Conhecimento na tabela apresenta uma hierarquização em quatro níveis [...].

1º nível - Grande Área: aglomeração de diversas áreas do conhecimento, em virtude da afinidade de seus objetos, métodos cognitivos e recursos instrumentais refletindo contextos sociopolíticos específicos;

¹⁴ Embora as teses e dissertações abordassem também outras modalidades esportivas ou tratassem de homens e mulheres, destacamos, nesta pesquisa, o que, no nosso modo de olhar, tinha relação e correspondia a mulheres e futebol.

¹⁵ Como consta no Portal CAPES: “A nova versão do banco de teses disponibiliza apenas as teses de 2005 a 2012. Os outros períodos serão incluídos no decorrer das atualizações” (Referência retirada do site <http://bancodeteses.capes.gov.br/>. Acessado durante o ano de 2013).

2º nível – Área do Conhecimento (Área Básica): conjunto de conhecimentos inter-relacionados, coletivamente construído, reunido segundo a natureza do objeto de investigação com finalidades de ensino, pesquisa e aplicações práticas;

3º nível - Subárea: segmentação da área do conhecimento (ou área básica) estabelecida em função do objeto de estudo e de procedimentos metodológicos reconhecidos e amplamente utilizados;

4º nível - Especialidade: caracterização temática da atividade de pesquisa e ensino. Uma mesma especialidade pode ser enquadrada em diferentes grandes áreas, áreas básicas e subáreas¹⁶.

Essas áreas do conhecimento servem para se referir à área de concentração do programa de pós-graduação no qual as teses e dissertações estão vinculadas, ou seja, são aquelas que a CAPES enquadró os Programas de Pós-graduação (PPG) para avaliação e, assim, classificou as produções. Tornou-se relevante olhar para elas, pois pressupomos que isso tenha implicações em diferentes escolhas, tratos, usos e enfoques teóricos e metodológicos que os autores das teses e dissertações utilizam para discutir a temática de pesquisa.

Com base na “Tabela de Áreas do Conhecimento”¹⁷, indicada no excerto acima, percebemos que cada uma delas é enquadrada em grandes áreas. Para visualizar esse enquadramento, construímos a nossa própria tabela¹⁸ que está esboçada abaixo, na tentativa de mapear, localizar e demonstrar o cenário das 38 teses e dissertações que estamos analisando. Ressaltamos que apontamos somente as áreas do conhecimento em que encontramos as teses e dissertações que compõem o corpus de análise.

¹⁶ Referência retirada do site <http://bancodeteses.capes.gov.br/>. Acessado novembro 2014.

¹⁷ A tabela está disponível no link: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>.

¹⁸ A ordem em que colocamos as grandes áreas e áreas do conhecimento foi uma escolha nossa, pois optamos por começar mencionando a grande área das Ciências da Saúde, pois foi onde mais encontramos teses e dissertações.

Grande área do conhecimento ¹⁹	Áreas do Conhecimento ²⁰	Total de teses e dissertações em cada área	Total de teses e dissertações em cada grande área
Ciências da Saúde	Educação Física	17	21
	Odontologia	1	
	Ortodontia**	1	
	Pediatria**	1	
	Reumatologia**	1	
Ciências Humanas	Educação	3	11
	Psicologia	2	
	Psicologia Social**	2	
	História	2	
	Sociologia	1	
	Antropologia	1	
Multidisciplinar	Sociais e Humanidades**	2	2
Engenharias	Engenharia Biomédica	2	2
Ciências Agrárias	Ciência e Tecnologia de Alimentos	1	1
Ciências Social Aplicadas	Serviço Social	1	1
TOTAL			38

Tabela 4: Grandes áreas e Áreas do conhecimento das 38 teses e dissertações

Fonte: elaboração própria

¹⁹ De acordo com os dados encontrados na “Tabela de áreas do conhecimento” no Portal CAPES, consideramos importante mencionar todas as áreas do conhecimento que compõem cada grande área. Salientamos que não encontramos publicações distribuídas em todas elas, somente nas que estão demonstradas na tabela 4. As grandes áreas encontradas são: - **Ciências da Saúde**: Medicina, Nutrição, Odontologia, Farmácia, Enfermagem, Saúde Coletiva, Educação Física, Fonoaudiologia e Fisioterapia e Terapia Ocupacional. - **Ciências Humanas**: Educação, Filosofia, Teologia, Sociologia, Antropologia, Arqueologia, História, Geografia, Psicologia e Ciência Política. - **Multidisciplinar**: Ensino, com a subárea ensino de Ciências e Matemática; Materiais, Biotecnologia e Ciências Ambientais; e área do conhecimento Interdisciplinar: Meio ambiente e agrárias, Engenharia/tecnologia/gestão e saúde e biológicas, na qual as Sociais e Humanidades são uma subárea que compõe essa área juntamente com outras. - **Engenharias**: Engenharia Biomédica, Engenharia Civil, Engenharia Sanitária, Engenharia de Transportes, Engenharia de minas, Engenharia de materiais e metalúrgica, Engenharia Química, Engenharia Nuclear, Engenharia Mecânica, Engenharia de produção, Engenharia Naval e Oceânica, Engenharia Aeroespacial e Engenharia elétrica. - **Ciências Agrárias**: Ciência e Tecnologia de Alimentos, Agronomia, Recursos Florestais e Engenharia Florestal, Engenharia Agrícola, Zootecnia, Recursos Pesqueiros e Engenharia de Pesca e Medicina Veterinária. - **Ciências Social Aplicadas**: Serviço Social, Direito, Administração, Turismo, Economia, Arquitetura e Urbanismo, Desenho Industrial, Planejamento Urbano e Regional, Demografia, Ciência da Informação, Museologia e Comunicação.

²⁰ As áreas do conhecimento assinaladas com dois asteriscos (**) são para destacar que quando fizemos a busca no Banco de Teses CAPES elas apareceram dessa maneira, isto é, foi desse jeito que encontramos na busca antes de ter acesso a “tabela de áreas do conhecimento” disponibilizada pela CAPES. Porém, quando analisamos a tabela de áreas do conhecimento para ver os níveis de hierarquização que a CAPES enquadra os PPGs, percebemos que elas são consideradas subáreas. Ortodontia é da área da Odontologia; Pediatria e Reumatologia são da área da Medicina II; Psicologia Social é da área da Psicologia; e Sociais e Humanidades é da área Interdisciplinar.

Olhando para a tabela acima, visualizamos 15 áreas do conhecimento compondo seis (6) grandes áreas, demonstrando que o maior número de teses e dissertações compiladas está nas Ciências da Saúde e dentro dela, a Educação Física. A segunda grande área com maior quantidade de trabalhos é a das Ciências Humanas, e dentro dela, a Educação. Logo percebemos que o tema mulheres no futebol circula por diferentes grandes áreas, áreas do conhecimento, subáreas e, mesmo que algumas tenham um número maior de publicações, trabalhar com esse tema não é interesse e nem está restrito a uma área apenas.

O que fomos encontrando sobre as mulheres no futebol nessas teses e dissertações, foi esmiuçado em três momentos: no primeiro, nos dedicamos as que foram encontradas na grande área das Ciências da Saúde; o segundo das Ciências Humanas; e no terceiro agrupamos as outras grandes áreas que possuíam poucas publicações.

Identificamos que as teses e dissertações tratam de treinamento esportivo, desempenho humano, biomecânica, avaliação nutricional, memória, história, escola, educação física, trajetórias etc. e falam das mulheres no futebol nomeando-as e identificando-as de diferentes modos: como torcedoras (3 produções); espectadoras (1), integrantes de torcidas organizadas (1), técnicas (1), gestoras (1) e “mulheres que jogam futebol” - jogadoras, praticantes, atletas, futebolistas... – (31). A partir disso analisaremos o que vem sendo falado sobre elas.

Então, neste primeiro momento, apresentaremos as teses e dissertações que estão concentradas nas Ciências da Saúde, já que esta foi a que agrupou uma maior quantidade de produções. Vamos dividir e nos dedicar a dois grupos: um relacionado a área do conhecimento da Educação Física pelo grande número de produções e o outro grupo com as outras áreas que se relacionam com a Odontologia, Ortodontia, Pediatria e Reumatologia.

Destacamos o primeiro grupo, a área do conhecimento da Educação Física²¹, que foi a que apresentou o maior número de publicações: 17 teses e dissertações. Identificamos que as produções traziam as mulheres no futebol como gestoras, técnicas e mulheres que jogam futebol, como trataremos a seguir.

Na pesquisa que tratou da gestora, uma dessas mulheres era presidente de uma federação de futebol e de outras que faziam parte da gestão esportiva em diferentes

²¹ As teses e dissertações dessa área correspondem a numeração 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37 e 38 do Anexo 1.

instituições. Esse trabalho conclui que as gestoras do esporte brasileiro são competentes, planejadas, experientes, autônomas e estão preparadas para liderar o esporte.

Encontramos também as mulheres como técnicas esportivas no Brasil, sendo que uma delas era de futebol masculino e outra de futsal feminino. Foi constatado que há baixa representatividade de mulheres nessa função e que essa carreira de comando ainda é voltada para os homens. Essa dissertação afirma que a credibilidade obtida por estas mulheres que trabalham como técnica se dá pelos resultados e é o que garante a permanência dessas treinadoras em tal função, porém as mesmas enfrentam preconceitos, baixa remuneração, associação com a masculinidade e homossexualidade.

Também identificamos as “mulheres que jogam futebol” - atletas jogadoras, praticantes no lazer e na educação física escolar.

Nas pesquisas sobre atletas encontramos diferentes abordagens como: associando a prática à dor física e consideram que a dor é um elemento natural para alcançar a vitória, podendo também ser limitante ou prazerosa quando não pode ser superada. Em outra pesquisa visaram avaliar a qualidade de vida a partir do treinamento esportivo, constatando que o esporte pode causar prejuízos à qualidade de vida, como, por exemplo, lesões ocorridas pelo número excessivo de treinamento. Em outro trabalho, analisaram as atitudes morais a partir de uma abordagem psicopedagógica do desenvolvimento humano, concluindo que as mulheres são empenhadas em buscar rendimento e que a sociabilidade parece ser um aspecto determinante.

Em outros trabalhos, as mulheres foram analisadas para saber como se percebiam no meio esportivo, afirmando que esse meio é discriminador e predominantemente masculino, sendo que as mesmas percebem mais as desigualdades de gênero e preconceitos, por que o futebol é um esporte considerado masculino. As atletas ouvidas pelas pesquisas dizem que são estigmatizadas como “fora do padrão”, diferentes ou eram consideradas como super mulheres, por terem alcançado um status diferenciado das outras não atletas. Elas dizem que existe tratamento desigual em relação às equipes masculinas, com salários menores, falta de apoio, pouca importância na mídia para as competições das mulheres e que a maioria dos cargos de poder são de homens. Para esta pesquisa, a mulher e atleta é sinônimo de determinação, objetividade e assertividade, mesmo que, no futebol, seja vista como inferior aos homens.

Outro trabalho analisou as estratégias de atletas de futsal feminino para conciliar os estudos e a prática do esporte verificou que elas têm facilidades de adequar os treinos à rotina escolar, pois havia uma flexibilização das normas da escola.

Sobre as jogadoras de futebol/futebol feminino de um clube, outro trabalho analisou as mulheres a partir de uma abordagem sociológica para saber como se dá a incorporação das disposições de ações dessas jogadoras. A dissertação constatou que elas se autodenominam guerreiras, deparam-se com o preconceito, a falta de profissionalização e de patrocínio, os baixos salários e são estigmatizadas em virtude de sua sexualidade e de seu gênero, pois são consideradas homossexuais, menos femininas ou masculinizadas.

Identificamos também as praticantes de futebol como atividade de lazer, num trabalho que analisou as mulheres/meninas que jogam futebol em projetos esportivos, que constatou que o futebol e a sexualidade estão intimamente relacionados, sendo que o autor do trabalho constatou que as mulheres/meninas que jogam futebol seriam transgressoras da feminilidade, masculinizadas, sapatão, brutas. Já em outra pesquisa, feita com mulheres de classe alta que praticam o futebol, o autor constata que elas se deparam com dificuldades para a prática do futebol como lazer, mas também tem apoio para persistirem nessa atividade, tida como física e de divertimento, pois é prazerosa e apresenta resultados físicos e estéticos.

Para outras mulheres praticantes de futsal feminino como uma forma de lazer, o vínculo entre elas se sustentava a partir da prática do esporte, da homossexualidade e da amizade. Outra pesquisa analisou o que homens e mulheres consomem como práticas de lazer e de bens culturais e constataram que o futebol é uma das mais consumidas pelos homens, sendo que não há essa mesma relação com as mulheres, afirmando que o gênero influencia na escolha dessas práticas de lazer. Neste caso, identificaram que as mulheres preferem outras experiências corporais, tais como dançar, ir ao teatro, jogos de mesa.

Outra pesquisa comparou a biomecânica de dois tipos de chute: o de potência e o de precisão, concluindo que esses dois chutes diferem e que esse resultado é importante para a preparação do treinamento de mulheres. Outra investigação, dentro de uma abordagem do desempenho físico humano, utilizando testes cardiorrespiratórios e buscando avaliar a influência do exercício físico regular sobre variáveis cardiorrespiratórias, constataram que nas mulheres o exercício físico regular promove adaptações metabólicas e fisiológicas benéficas ao organismo, como aumento da capacidade funcional aeróbia.

Encontramos as alunas na educação física escolar, em que as pesquisas analisaram as relações de gênero entre meninos e meninas, percebendo que o futebol era

um espaço e uma prática dos meninos, porém, as meninas habilidosas tinham condições de partilhar e disputar esse espaço e essa prática junto aos meninos, sem sofrer qualquer preconceito de gênero ou questionamento em relação à sexualidade. Além disso, essas pesquisas constataram que essas meninas eram também chamadas por outras meninas de “mandonas”, por controlarem o jogo.

Enquanto mulheres como técnicas e gestoras percebemos que elas representam um número muito menor comparado aos técnicos homens. Porém, o que permite que elas permaneçam nesses cargos é definido através das relações de poder que atravessam a prática de ser técnicas e que também é próxima a dos homens, como por exemplo, a busca de resultados.

Com relação às mulheres praticantes de futebol como atividade de lazer, percebemos que dependendo da classe econômica e do local onde elas estão praticando, o vínculo estabelecido para a prática do futebol é percebido e com objetivos diferentes entre elas, assim como o que vem sendo dito a respeito de como as mulheres são vistas.

Em síntese, as teses e dissertações da área da Educação Física falam das mulheres no futebol como as que jogam futebol (atleta, jogadora, praticante), a técnica ou gestora, e afirmam que elas sofrem com preconceitos, porém, aparentemente as que jogam sofrem muito mais com isso do que as gestoras e as técnicas. Nesse sentido, independente de onde a mulher está posicionada, a questão da feminilidade e da masculinidade está associada ao modo de ser mulher, a uma suposta masculinização, remetendo à temática de gênero. Além disso, a sexualidade é também evocada e posta em jogo ao falar, principalmente, das mulheres que jogam futebol.

No segundo grupo, agrupamos as teses e dissertações das outras áreas do conhecimento das Ciências da Saúde: Odontologia²², Ortodontia²³, Pediatria²⁴ e Reumatologia²⁵ por apresentarem um número pequeno de produções.

Essas publicações tratam das mulheres como atletas, buscando avaliar o conhecimento sobre cuidados de saúde bucal e apontando que a maioria desses sujeitos, dentre eles as mulheres que jogam futebol, são conscientes de que uma boca com problema pode prejudicar o desempenho do atleta. Outra pesquisa analisa a contribuição da força na aquisição de massa óssea, constatando que essas atletas apresentam maiores valores de massa óssea, massa muscular e melhor desempenho muscular isocinético

²² Dissertação correspondente ao número 9 do Anexo 1.

²³ Dissertação correspondente ao número 12 do Anexo 1.

²⁴ Dissertação correspondente ao número 21 do Anexo 1.

²⁵ Dissertação correspondente ao número 19 do Anexo 1.

concêntrico de tronco e joelho dominante em relação a sujeitos controles considerados sedentários.

Identificamos as praticantes de futebol feminino, que foram tratadas a partir de avaliações biomecânicas do pé, em que uma pesquisa constatou alta incidência de entorses de tornozelo e do complexo articular do tornozelo e pé de mulheres, sendo que isso poderia ser ocasionado devido ao início precoce de treinamento esportivo, durante a infância e adolescência, quando as meninas estão adaptando o corpo às mudanças corporais.

Já as estudantes que participam de torcidas organizadas, foram analisadas a partir da relação do comportamento violento e ao uso de drogas, constatando que poucas mulheres participam de torcidas organizadas, sendo que algumas já tiveram algum comportamento violento no estádio, como insultar, xingar, se envolver em brigas e que o uso de algum tipo de bebida alcoólica ou drogas ilícitas elevam o comportamento violento.

Nas teses e dissertações deste grupo das Ciências da Saúde, não constatamos que haja afinidades estabelecidas entre as áreas do conhecimento em relação a temas específicos. O que encontramos foi que no grupo da área da Educação Física, as mulheres no futebol são faladas a partir de abordagens de gênero, sexualidade, preconceito, masculinização.

Neste segundo momento nos dedicamos às teses e dissertações que encontramos na grande área das Ciências Humanas, onde agrupamos as publicações em dois grupos: um que se relaciona especificamente à área do conhecimento da Educação e, o outro, que engloba as outras áreas como a Psicologia, Psicologia Social, História, Sociologia e Antropologia.

O primeiro grupo é constituído pelas teses e dissertações da área da Educação²⁶ e tratam as mulheres no futebol no contexto escolar – da educação física e do recreio. Constatam que na prática do futsal as meninas são mais fracas e frágeis, que não gostam e não sabem jogar futsal, embora manifestem vontade de praticá-lo. Semelhante a isso, outra pesquisa concluiu que na escola a participação das meninas no futebol é muito maior atualmente e a discriminação é menor, porém, esse esporte ainda é visto como masculino e a mulher continua sendo inferior ao homem, desvalorizada e tendo o campo de atuação reduzido. De tal modo, outra constatação é de que as brincadeiras entre

²⁶ Dissertações correspondentes aos números 14, 15 e 16 do Anexo1.

meninos e meninas são distintas e as meninas que se aventuram a jogar futebol são chamadas de meio menino, que tem jeito de menino, até a sua voz.

Essas pesquisas foram produzidas a partir de um olhar das relações de gênero e sexualidade no contexto escolar, em que podemos notar que as meninas ainda são percebidas como inferiores aos meninos, mesmo demonstrando vontade de praticar, embora as vezes não consigam, pois são comparadas ao jeito de ser dos meninos.

No segundo grupo, trouxemos as outras áreas do conhecimento das Ciências Humanas: a Psicologia²⁷, Psicologia Social²⁸, História²⁹, Sociologia³⁰ e Antropologia³¹. Nessas áreas, identificamos que as mulheres no futebol são torcedoras, futebolistas, jogadoras, atletas, espectadoras.

Em relação as torcedoras de futebol masculino e que frequentam os estádios, foi concluído que ainda está internalizada a ideia do futebol como espaço e comportamento associado ao masculino, porém, essas mulheres não se intimidam que a maioria da presença no futebol, seja dos homens, tanto nas torcidas ou entre os praticantes do esporte. Segundo esses trabalhos, as mulheres pesquisadas sentem-se vítimas do preconceito ou oprimidas, mas esses sentimentos são superados pela paixão de torcer. Semelhante a outra pesquisa, na qual as mulheres se identificam enquanto conjuntos organizados para atuar nas dimensões físicas, políticas e simbólicas dos clubes que frequentam, concluindo que a inclusão dos grupos femininos no âmbito clubístico se dá através da reiteração da feminilidade e que a atuação nesse espaço e os cargos de poder ainda são limitados e reservados aos homens.

A pesquisa que tratou das espectadoras constatou que as mulheres, nos primórdios do século XX, apareciam no contexto futebolístico como espectadoras, inferiores aos homens, frequentando as partidas de futebol somente para flertar e embelezar o ambiente. Além disso, essa investigação afirma que as mulheres não podiam torcer da mesma forma que os homens e nem praticar o futebol, pois poderiam perder a graça, a suavidade que marcavam a sua condição feminina.

Também identificamos as mulheres que jogam futebol, as quais são nomeadas diferentemente pelas teses e dissertações como futebolistas, atletas, jogadoras e praticantes.

²⁷ Teses correspondentes aos números 10 e 11 do Anexo 1.

²⁸ Teses correspondentes aos números 6 e 7 do Anexo 1.

²⁹ Tese e dissertação correspondentes aos números 3 e 4 do Anexo 1.

³⁰ Tese correspondente ao número 5 do Anexo 1.

³¹ Dissertação correspondente ao número 8 do Anexo 1.

Quanto às futebolistas, constatamos nas pesquisas que a homossexualidade é fortemente destacada e é uma característica que está presente nas equipes de futebol de mulheres e que elas são vistas como masculinizadas, apresentando uma tensão com a noção de feminilidade e identificando que, em virtude disso, gera invisibilidade e silenciamento de suas histórias. Para estas produções, essas mulheres sofrem preconceitos, discriminação e a sua sexualidade é questionada.

Com relação às atletas, as pesquisas também constataam que no ambiente esportivo as mulheres ainda estão à sombra da dominação masculina, que elas são discriminadas, sofrem violência, como a falta de apoio e preconceitos pela suposta perda da feminilidade.

Assim como também as jogadoras profissionais de futebol feminino, a sexualidade dessas mulheres é posta sob suspeita, sendo que elas sofrem preconceitos e manifestações de machismos, que levam à falta de apoio da federação à modalidade, à falta de incentivo da prática pela sociedade, à ausência de patrocinadores e à falta de visibilidade ao esporte.

Sobre as praticantes, outra investigação conclui que o futebol foi uma das preferências dos sujeitos masculinos e que as mulheres preferem caminhada, vôlei e hidroginástica, sendo o futebol a de menor preferência entre elas. Essa pesquisa pressupõe que o caráter competitivo do futebol, o papel da cultura, do esporte e a motivação (incentivo) para a prática podem ter sido os motivos, pelos quais elas apontaram o futebol como o de menor preferência.

Percebemos que as mulheres se deparam com a dominação masculina. Porém, cabe ressaltar que entre as mulheres que jogam futebol prevalecem as questões relacionadas ao preconceito, à discriminação, à suposta perda da feminilidade, à masculinização, à homossexualidade e à falta de apoio.

Por fim, neste terceiro momento, agrupamos as outras grandes áreas: Multidisciplinar – Sociais e Humanidades³²; Engenharias – Engenharia Biomédica³³; Ciências Agrárias – Ciência e Tecnologia de Alimentos³⁴, e Ciências Social Aplicadas – Serviço Social³⁵, para discorrer sobre as teses e dissertações encontradas nessas áreas.

Identificamos que as mulheres no futebol são torcedoras, mulheres que jogam futebol - jogadoras, praticantes, atletas.

³² Dissertações correspondentes aos número1 e 2 do Anexo 1.

³³ Tese e dissertação correspondentes aos números 17 e 18 do Anexo 1.

³⁴ Dissertação correspondente ao número 20 do Anexo 1.

³⁵ Tese correspondente ao número 13 do Anexo 1.

A pesquisa sobre as torcedoras de futebol masculino que frequentam o estádio, concluiu que as mulheres são vistas como acompanhantes, que sofrem preconceitos dentro do estádio pelo modo como se comportam e pela roupa que usam, sendo que as mesmas adotam a forma masculina de torcer, reforçando e legitimando esse espaço como uma vivência do masculino.

Identificamos que as mulheres que jogam futebol são nomeadas de jogadoras, praticantes e atletas.

Em relação às jogadoras de futebol feminino, os trabalhos constataram que esse esporte é uma prática inadequada para as mulheres, questionando as relações de gênero e sexualidade e produzindo-as enquanto masculinizadas e homossexuais. As pesquisas afirmam que as mulheres sofrem preconceito e carregam marcas dos padrões da sociedade que reafirmam e cristalizam modos de pensar e agir relacionados à mulher. Por outro viés, outra pesquisa, que tratou de jogadoras profissionais de futebol feminino, em que foi avaliado o estado nutricional de ferro dessas jogadoras e constatou uma deficiência de ferro relacionada à queda do desempenho, comprometendo a performance e até a sua saúde.

Uma outra pesquisa constatou que as praticantes de futsal tem a pior percepção em relação à qualidade de vida, o que, segundo a investigação, pode estar relacionada ao preconceito que as mesmas sofrem por serem de um esporte ainda considerado masculinizante, além de identificarem a falta de apoio familiar e financeiro, de serem chamadas de “machonas” e pouco “femininas”.

Sobre as atletas, as pesquisas tratam do desempenho físico humano através de variáveis fisiológicas e constatam que as mulheres, quando comparadas aos homens em relação à atividade eletromiográfica do músculo durante o movimento do chute no meio aquático e terrestre, se equiparam a eles, pois tanto os homens quanto as mulheres têm uma maior atividade muscular abdominal no meio terrestre e do adutor da coxa no meio aquático. Já quando comparadas, através da análise de variáveis respiratórias, metabólicas e cardiovasculares durante a prática de atividade física, elas são inferiores aos homens, ou seja, constatou-se uma superioridade dos atletas homens quando comparados às mulheres do futebol feminino em relação ao consumo de oxigênio.

Percebemos que em relação as torcedoras, jogadoras e praticantes ainda há um destaque a uma possível inferioridade da mulher que joga futebol quando relacionada ao homem, além de relacioná-las com a masculinização e à homossexualidade.

As teses e dissertações foram lidas inteiramente, da primeira à última página e relidas à medida que sentíamos necessidade. Com esse investimento, conseguimos visualizar algumas temáticas recorrentes que falam sobre as mulheres que circulam no futebol. Essas recorrências tratavam o que envolvia discussões de gênero, sexualidade, preconceitos, discriminações, violências, homossexualidades, masculinização a partir de diferentes contextos e abordagens.

No nosso entendimento, o que as teses e dissertações falam sobre as mulheres no futebol constrói formas de pensar sobre elas. Assim, a partir do nosso modo de olhar que se sensibilizou as recorrências, elas se tornaram potentes e puderam ser percebidas, justificando nossas escolhas e análises.

IV. Mulheres no futebol: entre olhares, enunciações e recorrências

É o olhar que botamos sobre as coisas que, de certa maneira, as constitui. São os olhares que colocamos sobre as coisas que criam os problemas do mundo [...] as 'coisas' do mundo são refeitas como dados que são interpretados e explicados (VEIGA-NETO, 2002, p.30).

Instadas pelo excerto acima, lançamos o nosso olhar sobre as teses e dissertações do Banco de Teses CAPES que falavam sobre as mulheres no futebol, de onde extraímos algumas materialidades, produzidas sob a forma de enunciações³⁶, para tratar de alguns argumentos recorrentes que foram emergindo da análise e se tornaram potentes para pensar esta investigação. Entendemos que esta é apenas uma maneira de olhar para as enunciações que estão materializadas naquelas teses e dissertações e, a partir daí, construir outras possibilidades de pensar essas relações.

Neste investimento, apresentamos a análise em dois (2) momentos:

No primeiro, tratamos o que as teses e dissertações dizem sobre a construção do ser mulher (da mulher) no futebol, discorrendo sobre três (3) perspectivas de análise: na primeira suspeitamos que ao falar sobre as mulheres no futebol, as enunciações remetem a um modelo de homem, de ser masculino e de produzir uma masculinidade, a qual é tomada como referência para construir um modo da mulher praticar, de ser e estar no futebol. As teses e dissertações apontam que o futebol se produziu como um espaço dos e para os homens, pois os elementos que os constituem dizem respeito, portanto, a vivências daquilo que é considerado como atributo masculino e de um modelo de masculinidade; na segunda a partir dessa referência, as mulheres também são produzidas, levando em consideração alguns modelos que ditam modos pelas quais elas devem seguir, a fim de constituir as suas feminilidades, destacando aquelas mulheres que não se enquadram ao que é esperado de um padrão de mulher; na terceira as enunciações apontam que algumas mulheres mantêm e outras acabam escapando desses modelos, fazendo com que elementos como preconceitos, violências e discriminações sejam ativados no universo do futebol.

No segundo momento, destacamos a recorrência do acionamento da noção de gênero, pois foi um elemento trazido nas enunciações com certa regularidade, percorrendo a maioria das teses e dissertações. Identificamos diferentes usos que são

³⁶ As referências das fontes apresentadas pelas enunciações nesta pesquisa estão destacadas em *itálico* dentro de caixas de texto. Para essas, utilizamos o primeiro nome do/a autor/a para diferenciá-los (las) com relação ao referencial teórico, bem como à identificação de gênero, que se mostrará importante neste estudo.

feitos como pressuposto de temáticas relacionadas à mulher e também sobre a utilização e recorrência dos mesmos conceitos de gênero. Desse modo colocamos sob suspeita a possibilidade de gênero se constituir enquanto enunciado a partir das recorrências que emergiram das enunciações e tratamos das características que compõem um enunciado.

4.1 A construção do ser mulher (da mulher) no futebol: dialogando com possibilidades

Como chegamos a pensar que o que falavam sobre as mulheres no futebol permitiu construir e dialogar com possibilidades de ser mulher? Foi possível, pois como aponta Veiga-Neto (2002) é a linguagem que atravessa e produz o nosso modo de olhar as coisas. Assim partimos do entendimento de que a linguagem produz o sujeito de que fala e, nessas teses e dissertações, essas mulheres que estavam na condição de ser falada estavam sendo construídas discursivamente. Essa construção foi percebida a partir de algumas recorrências que circulavam repetidamente, identificadas a partir de algumas enunciações que tratamos a seguir.

4.1.1 Homem (s), masculino (s) e masculinidade (s) como referência no futebol

Ao falar sobre as mulheres no futebol nas teses e dissertações, foi possível perceber que algumas enunciações se tornavam recorrentes: elas partiam de uma referência de homem(s), de masculino(s) e de masculinidade(s) para pensar essa temática.

“Futebol é, no nosso imaginário, ‘pra’ homem. Futebol ‘é de’ homem para homem. Entretanto, de um modo geral, verifica-se o aumento da participação feminina no futebol” (VALDO, 2010, p.15).

“o universo do futebol, bem como o dos esportes em geral, desde sua origem é predominantemente ocupado por homens” (MARIANE, 2012, resumo).

“Na concepção de que o estádio é um espaço para a vivência do masculino e que, desde a inserção das mulheres nesse local, elas deveriam estar acompanhadas de homens – pais, maridos ou irmãos – para serem respeitadas perante a sociedade, tais valores ainda são conservados” (PRISCILA, 2010, p.102).

“O futebol, culturalmente no Brasil, é considerado um espaço masculino, cuja a participação feminina dependeu de autorização dos homens para sua inserção e permanência nos gramados” (ENNY, 2012, p.248).

Nessas enunciações trazidas acima, notoriamente está sendo produzida a ideia de que o universo do futebol, por ser ocupado por homens é um espaço masculino, os quais produzem as suas masculinidades. Não se espera que o mesmo seja de circulação de mulheres, pois se o fizerem estarão ultrapassando essa referência. Entretanto, elas estão ali, ou seja, mesmo que sejam vistas sob essa ótica masculina, elas estão presentes no futebol.

Essa referência do masculino no futebol nos remeteu a pensar na discussão que Michel Foucault faz sobre a noção de “norma”. Para o autor (2012) a norma define, a partir de um conjunto de regras, o que é normal e desviante em determinados espaços, no caso dos seus estudos, se referia aos da loucura, da saúde e do direito. Assim, a constituição do que é ser normal ou desviante se dá por meio de relações de poder.

Essa conexão direta entre a norma e a referência não aparece de forma explícita nas teses e dissertações, mas instigou nosso pensamento a estabelecer essa aproximação, pois entendemos essa referência de homem (s), de masculino (s) e de masculinidade (s) como a “norma” a ser seguida por àqueles e àquelas que desejam adentrar ou participar do futebol, já que ele é penetrado pelo poder e constituído como uma maneira de separar, de organizar a vida em torno dela.

Partindo dessa ideia, a autora Guacira Louro (2000) aponta para a questão da referência do masculino nos espaços socioculturais, permitindo-nos pensar no por que da construção do ser mulher (da mulher) no futebol estar sendo estabelecida a partir dessa referência. A autora afirma que:

No Brasil, operamos, explícita ou implicitamente, com uma identidade referência: o homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão (Louro, 1998). As outras identidades são constituídas, precisamente, como "outras" em relação a essa referência; em relação à identidade que, por se constituir na norma, no padrão e critério, goza de uma posição não marcada ou, em outros termos, é representada como "não-problemática". Causaria estranheza se alguém, ao se apresentar diante de um grupo, afirmasse: "eu sou heterossexual". A estranheza advém exatamente do fato de que se espera que todos sejam (ou pelo menos devam ser) heterossexuais, daí que a notícia relevante seria uma afirmação distinta: "eu sou homossexual" ou "eu sou bis sexual". A norma não precisa dizer de si, ela é a identidade suposta, presumida; e isso a toma, de algum modo, praticamente invisível. Será, pois, a identidade que foge à norma, que se diferencia do padrão, que se toma marcada. Ela escapa ou contraria aquilo que é esperado, ela se desvia do modelo. Como tal, ela é, via de regra, representada não apenas por comparação à identidade hegemônica, mas a partir do olhar hegemônico, daí

que, muitas vezes, a identidade marcada não pode falar por si mesma (LOURO, 2000, p.68).

As enunciações abaixo apontam que o futebol foi sendo produzido como um espaço dos homens, do masculino e das masculinidades, as quais reforçam essa referência ao longo dos tempos. Mariano (2005) denuncia essa referência masculina, afirmando que a noção de sujeito está engendrada na universalização do homem, tornando a mulher como outro, invisível. Para isso, a autora traz Simone de Beauvoir³⁷, que fala do homem como o sujeito e da mulher como o outro, sendo que o masculino representa a totalidade, estando à frente do outro gênero.

“o futebol é um esporte eminentemente masculino, continua sendo um esporte de ‘macho’. Isso ocorre porque todos os valores e elementos do futebol são considerados como masculinos. O futebol sempre representou um símbolo de força e poder” (FABIO, 2009, p.158).

“ainda hoje a prática do futebol é vista sob a ótica da norma masculina” (JORGE, 2006, p.112).

“futebol como reprodutor de masculinidades, ou de disposições para a ação que estejam em conformidade com o gênero masculino” (LEILA, 2012, p.101).

As enunciações demarcam que o futebol foi construído culturalmente, embora tenha se naturalizado o entendimento de que é um espaço e prática dos e para os homens, pois os elementos que os constituem dizem respeito, portanto, à vivência do masculino e de produção de masculinidades. A norma, nesse sentido, faz com que não se perceba e não se questione o que se encaixa nela perfeitamente, assim, naturalizando-se (LOURO, 2000). Para Louro (2000)

A identidade masculina branca heterossexual é o exemplo mais acabado da invisibilidade da norma. Ela é, por excelência, não-problemática. Para muitos, ela não é somente a identidade normal, mas é, antes de tudo, "natural". Apenas muito recentemente, em consequência da maior divulgação dos estudos feministas e do crescimento da teorização homossexual, é que se passou a interrogar também sua produção (LOURO, 2000, p.69).

Se reconhecer o espaço do futebol como masculino, onde o esperado é que homens o frequentem, as mulheres que ali ingressam estariam fora da norma,

³⁷ Simone de Beauvoir foi uma das mais importantes filósofas, escritoras e feministas francesas que integrou o movimento existencialista nos anos 40 e foi também uma referência para o feminismo (movimento feminista), que perdura desde os anos 60 até a contemporaneidade.

contradizendo o que se aspira social e culturalmente da mulher, do feminino e das suas feminilidades, como é colocada na enunciação que segue.

“O ingresso feminino no futebol é um processo contraditório. Se, por um lado, as mulheres sofrem preconceitos, por outro elas são idealizadas. O que permanece invariável é a objetificação feminina”
(MARCELO, 2010, p.62).

É possível pensar que essa contradição é produzida porque são criados padrões a partir de critérios biológicos, culturais, sociais e históricos que atribuem aos homens e às mulheres características inerentes, que deveriam ser seguidas e que, supostamente, são claramente identificáveis (LOURO, 2000). Como se existisse intrinsecamente, uma essência de mulher e de homem ou feminina e masculina, da qual a mulher e o homem não podem escapar. Porém, “se há diferenças biológicas entre os sexos, não são elas que determinam as desigualdades entre eles” (FILHO, 2005, p.138).

Além disso, identificamos a possibilidade de pensar que o futebol possa ser um esporte também para as mulheres, ou seja, que ele não persista em ser pensado somente como um espaço para os homens, do masculino e de masculinidades. Para isso, algumas estratégias são criadas, como, por exemplo, a necessidade de qualificar o futebol praticado pelas mulheres como “feminino”, o chamado “futebol feminino”. Como traz a seguinte enunciação:

“O futebol praticado por mulheres e as suas atletas deixarão de sofrer estigmas e preconceitos quando as associações entre mulher e feminino no esporte cessarem. Podemos começar repensando a expressão ‘Futebol Feminino’, afinal o futebol não possui sexo, portanto, não pode possuir gênero – feminino ou masculino. Corremos riscos ao relacionarmos um gênero à prática esportiva, pois quase que instantaneamente pensamos seus praticantes como modelos específicos de feminilidade e masculinidade”
(MARIANE, 2012, p.66).

Porém, parece que o que é trazido na enunciação acima acaba criando barreiras para pensar a mulher no futebol e no esporte. Além disso, alguns problemas, barreiras, diferenças estão amarradas também às questões biológicas, por ela ter nascido mulher ela tem de assumir determinadas características que as opõem e as hierarquizam em relação aos homens, sendo que configuram formas de ser e se comportar. Filho (2005) afirma que:

Esta visão binária do mundo e das relações de gênero identifica o masculino e o feminino como termos opostos, ainda que complementares: eles podem conviver um com o outro, mas nunca um no outro. Os atributos considerados femininos são positivos se encontrados em mulheres, mas desqualificam os homens que os possuem, o mesmo se dando com a masculinidade em relação às mulheres. Neste caso a natureza explica a essência de cada sexo, e perverter esta distribuição de atributos é perverter a própria natureza, sempre sábia em suas ‘decisões’ (FILHO, 2005, p.143).

Quanto às características e diferenças biológicas que constituem homens e mulheres, não é possível desconsiderá-las, ou seja, devemos reconhecer que elas existem, mas não servem para delimitar que há superioridade ou inferioridade entre homens e mulheres. Desse modo, não basta “apenas entender o que faz com que homens e mulheres sejam vistos como essencialmente diferentes, mas porque esta diferença constitui uma hierarquização onde o masculino se impõe como superior ao feminino” (FILHO, 2005, p.140). Embora estas categorizações estejam sendo problematizadas, elas existem e implicam em constituir formas diferentes de praticar, ser e estar no mundo, nos esportes, no futebol.

O ingresso da mulher no futebol consiste em estar deslocando, rompendo, desviando, inclusive, ao padrão/modelo de feminino, de mulher, de feminilidade. É possível ver essa ideia nas enunciações trazidas a seguir.

“O ideal feminino tradicionalmente incorporado pela sociedade é incompatível com a figura da mulher esportista. O contexto esportivo ainda é considerado um ambiente de domínio masculino” (MARIA, 2006, Artigo 3, p.1).

“mulheres, praticando qualquer esporte, poderiam perder o encanto e graça, qualidades admiráveis e que marcavam a condição feminina naquele momento” (HENRIQUE, 2012, p.141).

“a expectativa de gênero legítima que o masculino tenha mais oportunidades de acesso e desenvolvimento de habilidades corporais diversas. Tal expectativa não está posta, a priori, para o feminino” (LIANE, 2012. p.76).

Nesta perspectiva, como já foi dito anteriormente, o que caracteriza a mulher é aquilo que a diferencia do homem. Filho (2005) aponta que,

a diferenciação entre os sexos pressupõe a definição do que são as características que formam a identidade do masculino e do feminino. Não apenas as mulheres aprendem a ser femininas e submissas, e são controladas nisso, mas também os homens são vigiados na manutenção de sua masculinidade (FILHO, 2005, p.139).

Assim, as enunciações descritas abaixo mostram que as mulheres que se aventuraram a se inserir no futebol são vistas como coadjuvantes, estando inferiorizadas ao homem, vivendo à margem e à sombra dele. Como vimos,

“mesmo estando presente no estádio, a representação da torcedora foi sendo pautada na figura de acompanhante, incentivadora dos clubes e dos jogadores e não em um sujeito que tem os seus conhecimentos sobre futebol legitimados ou o espaço e o público necessários para contar seus casos. Embora essa concepção esteja mudando, ainda são muitos os lugares que continuam vendo a mulher como coadjuvante” (PRISCILA, 2010, p.73).

“A mulher continua sendo considerada inferior ao homem, continua sendo desvalorizada em muitos aspectos, e dessa forma, ela acaba tendo o seu campo de opções reduzido” (FABIO, 2009, p.185).

“a presença feminina relacionada ao futsal vem acontecendo não na condição de personagem principal, mas em muitas oportunidades, ‘elas são apenas mais uma’: torcedora, animadora das torcidas, um número nas estatísticas. Isto é, o tipo de visibilidade que o gênero feminino tem alcançado pode ser observado em ginásios, nas torcidas, nos intervalos dos jogos e até na apresentação das camisas das equipes masculinas que disputam os jogos da Liga Nacional de futsal. Ao meu entender, parece que elas (mulheres e meninas) estão, de certa forma, a margem deste fenômeno esportivo” (CARLOS ALBERTO, 2009, p.93).

“Ser mulher no contexto esportivo, tem sido, e ainda é, viver à sombra de questões culturais advindas da dominação masculina” (MARIA, 2006, Artigo 3, p.7).

Nas enunciações acima, as mulheres estão presentes no futebol, porém, são destacadas, colocadas ou identificadas, a partir do que compõem uma visão naturalizada/essencializada de mulher, ou seja, sendo hierarquicamente colocada em uma posição inferior e/ou caricata ao do homem.

Ainda que estejam presentes continuamente no futebol, a enunciação abaixo aponta que no momento em que as mulheres buscaram ocupar outras posições, as quais não eram previstas para elas, foram consideradas como invasoras. Em outras palavras, elas acabaram ultrapassando os limites das posições que deveriam ser ocupadas por elas, pelo fato desse espaço seguir uma lógica do masculino.

“No Brasil, o futebol de campo ainda é altamente generificador reproduzindo e mantendo padrões sociais androcêntricos levando a mulher a uma situação estigmatizada, como uma invasora de um ambiente que pertence, exclusivamente, aos homens – masculinos – sexistas” (ANA MARIA, 2005, p.74).

Eriberto Moura (2005, p.132) fala que o esporte, entre eles o futebol, é generificado, já que “os esportes de contato (como futebol, basquetebol, handebol, futebol americano, rugby etc), eram considerados áreas exclusivas dos homens, e estavam ligados totalmente ao ideal masculino, arrogante e fisicamente forte, contrapondo-se ao feminino, representado como tímido, frágil e dependente”. Nessa esteira, as mulheres não foram invisibilizadas no futebol, pois elas estavam lá, mas apareciam no papel de rainha de clubes, espectadoras, lavadeiras, ou seja, assumindo determinadas posições de sujeito que lhe eram previstas e aos homens outras.

O que acontece é que as mulheres estão reivindicando borrar as fronteiras destas posições, disputando e ocupando espaços que eram pretensamente dos homens (ou masculino) e é aí que os problemas também se instauraram e isto também está causando tensionamentos. Elas não estariam nas posições previstas, o que gera certo estranhamento quando elas buscam ocupar/disputar outros determinados espaços.

Este tensionamento acaba constituindo em uma disputa, no sentido de que elas reivindicam não serem vistas com desconfiança ou julgadas por estarem transitando por este espaço, ou seja, a disputa se acirra quando se pensa na possibilidade das mulheres circularem livremente onde o futebol acontece, procurando ocupar um outro espaço em que podem assumir outras posições daquelas historicamente definidas para elas. Como apontam as seguintes enunciações:

“Considerado um espaço reservado à exibição da virilidade e força, características convencionalmente associadas a masculinidade, esse será mais um palco de disputa entre gêneros no Brasil. Assim, o futebol se constituiu como um dos lugares de disputas entre homens e mulheres” (ENNY, 2012, p.25).

“Todavia, como a presença de mulheres no futebol favoreceu a constituição de novos territórios femininos, contribuindo para que estas assumissem novas posições sociais” (HENRIQUE, 2012, p.131).

“No caso específico do futebol, percebe-se que as mulheres não estão se opondo a um mundo masculino, mas sim querendo ter o direito de, enquanto mulheres e portanto, diferentes, participarem igualmente – com direito à mídia, a remuneração justa, à profissionalização, a campos e a treinos, e, sobretudo, o direito de não serem vítimas de preconceitos e discriminações que as alijem da prática” (JORGE, 2006, p.142).

O fato das mulheres ultrapassarem barreiras produzidas socialmente é entendido como uma transgressão, o que escaparia do padrão construído para ser mulher, do

feminino e de feminilidade. Até mesmo as características reproduzidas para a ação de jogar, torcer, ser técnica, ser gestora estariam mais próximas àquilo que se espera dos homens. Isso faz com que as mulheres sejam comparadas/equiparadas/relacionadas às formas de ser homem, do masculino e da masculinidade. Como mostram as enunciações:

“as mulheres concordam (e é evidente, pelo menos numericamente) que os estádios são espaços predominantemente masculinos [...] que o comportamento habitual de um torcedor é culturalmente associado ao comportamento masculino” (VALDO, 2010, p.140).

“para ser técnica existe um perfil específico. [...] é fundamental para uma treinadora esportiva ter capacidade de liderança, carisma, conhecimento, sensibilidade para lidar com os atletas e autoridade para manter o grupo coeso e sob comando. [...] Devido à forte associação da figura do treinador com a masculinidade, espera-se que o técnico tenha uma postura firme, não surpreendentemente caracterizada por comportamentos agressivos. Assim, para cumprir as expectativas dos atletas e impor autoridade, as técnicas modificam suas atitudes” (HEIDI, 2012 p.21).

“as mulheres acabam reproduzindo o modelo masculino se perpetuando na gestão de seus cargos” (EUZA, 2006, p.158).

“Ao adotar como referência a forma de torcer masculina, as mulheres acabam reforçando uma visão unívoca do que é ser uma torcedora dificultando a sua apropriação e inserção legítima nesse espaço e desconsiderando que existem várias formas de torcer e de manifestar o pertencimento clubístico” (PRISCILA, 2010, p.109).

“no futebol, as mulheres boas de bola se equiparam aos homens em tudo, como na força, na agilidade, na velocidade, etc. Enfim, em todas as qualidades e características físicas, as mulheres postas à prova, tanto quanto os homens para desempenhar o futebol de forma brilhante [...] Por esse motivo, as atletas, principalmente as praticantes do futebol, desenvolvem um biótipo ‘masculinizado’, caracterizado, sobretudo, pela hipertrofia dos membros inferiores. Creio que esse é o motivo gerador de diversas formas de preconceito direcionado as atletas” (ENNY, 2012, p.210).

Foi possível evidenciar que, para as mulheres, estar no futebol se torna um processo complexo, pois precisam ter um “capital esportivo”³⁸, uma habilidade exacerbada ou jogar como um homem. Como se, ao assumirem esse modelo masculino e de masculinidade no futebol, obteriam credibilidade e maior aceitação neste esporte.

³⁸ Luís Eduardo Thomassim (2007), fala que o capital esportivo é o saber jogar, tendo habilidades, desempenhos eficientes como jogadoras.

Talvez, se a mulher não fosse julgada a partir de um modelo masculino e oposto ao feminino, essas questões não chamariam atenção, porém, isso se destaca nessas teses e dissertações analisadas. Como aponta Filho (2005):

O que se configura hoje como uma liberação para os gêneros, a emancipação do homem e da mulher, seria simplesmente liberar alguns aspectos masculinos da personalidade das mulheres (trabalho, produção científica, competição, esportes) e alguns (mas nunca todos) femininos da personalidade do homem (afeto, paternidade responsável, cuidados da casa, beleza). Daí um discurso confuso e equivocado de feministas, e de alguns homens, principalmente médicos, de que as mulheres devem se emancipar sem perder a ternura jamais, sem abandonar suas características intrinsecamente femininas, sem o risco de virarem homens. Da mesma forma se tranquilizam os homens que se dedicam aos seus afetos ou à sua aparência não os transformará – Deus nos livre! – em mulheres.

Este discurso não só cria uma essência do que é ser homem e mulher, uma identidade à qual mulheres e homens são convidados a interferir, mas mantém intactos todos os preconceitos que diz eliminar. Assim, mulheres não devem ser homens porque elas não têm capacidade para isso, porque isso vai contra sua natureza, como dizia Sêneca, uma mulher que se faz passar por homem é um “mundo às avessas”. E o homem não deve se rebaixar à condição de uma mulher, por isso ele não deve se preocupar em chorar ou demonstrar seus afetos, pois isto faz parte de seu lado feminino que pode ser expresso, porque é apenas um lado, não uma totalidade, e porque não coloca em risco sua heterossexualidade (FILHO, 2005, p. 140-141).

Vale ressaltar que nestas teses e dissertações as jogadoras são as mais enfatizadas em relação a estarem transgredindo a norma, embora algumas das gestoras, técnicas e torcedoras também sejam. Isto pode ser visto quando, por exemplo, uma mulher tem um “capital esportivo” para o futebol (tão grande ou igual ao que é esperado do homem) e desconstrói algumas verdades que foram produzidas e acabaram sendo cristalizadas. As enunciações abaixo apontam para essa ideia:

“O futebol ainda pode ser considerado um lugar socialmente aceito para o ensino dos habitus masculinos. Uma mulher – mesmo que ainda criança – que adentra um campo de futebol, que participa de torneios, que disputa lugares e posições em igualdade de condições com os homens e ainda demonstra habilidades com a bola causa desconforto, surpresa, estranheza, vira atração, uma vez que sua presença desconstrói e desloca esse lugar de perpetuação de masculinidades” (MARIANE, 2012, p.73).

“Para homens e mulheres, normas impostas, de acordo com a predominância do gênero corrente, nesse caso, o masculino são vivenciadas como naturais. Dessa forma, aqueles que destoarem dessa suposta natureza serão percebidos pela sociedade como ‘fora do padrão’. Ambos sofrem as consequências ao se comportarem diferentemente daquilo que é esperado” (ANA MARIA, 2005, p.12).

“O futebol de mulheres, em contexto tradicional, é um espaço de transgressão da feminilidade e de diálogo para a reflexividade de todos (as) sobre os novos estilos de vida do cotidiano” (ALEXANDRE, 2010, p. 217).

“as meninas mais habilidosas nesse espaço das aulas de EF, subverteram a regra e romperam com concepções estereotipadas de gênero de que ‘meninas são menos habilidosas’” (LIANE, 2012, p.90).

Ao se colocar determinadas experiências de ser mulher no futebol, como se as mesmas fossem anormais, na maioria das vezes, chama-se a atenção para àquelas que não se enquadram ou escapam ao que é esperado de um modelo padrão de mulher, de feminino e de feminilidade sustentados biológica, social e culturalmente, como trataremos a seguir.

4.1.2 Postas à prova: as mulheres no futebol

As mulheres, em algumas enunciações contidas nas teses e dissertações, são postas à prova porque há uma associação do futebol com uma suposta masculinização e homossexualidade da mulher. Como aponta Louro (2000),

o olhar intensivo e extensivo posto sobre os corpos das crianças, dos jovens e dos adultos ganha em atenção e toma-se mais minucioso quando se volta para o gênero e a sexualidade. Não seriam essas, afinal, as questões primeiras que são lançadas aos indivíduos? A "definição" sexual e de gênero resulta central; ela se constitui, via de regra, na referência primordial sobre os sujeitos (LOURO, 2000, p.63).

Essa ideia se reforça e condiz com as denominações atribuídas ao que aponta Revel (2011), como se fosse uma transgressão das normas da sexualidade, que é a heterossexualidade. De acordo com Louro (2000),

linguagem, crenças, fantasias, códigos sociais, desejos inconscientes, atributos biológicos constituem a sexualidade, em combinações e articulações complexas. Tal como o gênero, a raça ou a classe, a sexualidade também precisa ser compreendida no âmbito da história e da cultura. Nessa ótica, as identidades sexuais deixam de ser concebidas como meros resultantes de "imperativos biológicos" e passam a ser entendidas como constituídas nas relações sociais de poder, em complexas articulações e em múltiplas instâncias sociais. Isso aponta para o fato de que as identidades precisam ser compreendidas sob uma ótica política. Nomeadas no contexto da cultura, experimentam as oscilações e os embates da cultura: algumas gozam de privilégios, legitimidade, autoridade; outras são representadas como desviantes, ilegítimas, alternativas. Enfim, algumas identidades são tão "normais" que não precisam dizer de si; enquanto outras se tomam "marcadas" e, geralmente, não podem falar por si (LOURO, 2000, p.67).

Em outras palavras, essas mulheres estariam fora do padrão estipulado, o que soa de forma pejorativa rotulando aquelas que se encaixam nesse procedimento. Sobre essa ideia, apresentamos as seguintes enunciações.

“possuir uma feminilidade que tenha características próximas das que são constituídas social e historicamente como masculinas faz com que o futsal e futebol feminino sejam ‘rotulados’. Esse rótulo consiste na associação da prática do futsal feminino com a masculinização, o que tornaria todas as praticantes, conseqüentemente, homossexuais, pois o rótulo se forma e se mantém pelas aparências e não pelas ações” (RAQUEL, 2008, p.136).

“algumas delas vêm utilizando gestos, trejeitos e comportamentos peculiares dos meninos no decorrer de jogos. Assim, e como se, para ‘provar’ que o futsal também é possível de ser praticado por meninas, elas tivessem (me parece) que ‘esquecer’ sua feminilidade (aqueles atributos e construções de sensibilidade, delicadeza, emotividade, etc). Ao entrar nesse jogo – feminilidade ‘versus’ masculinidade – o gênero feminino tem que ‘provar’ pelo menos duas vezes para a sociedade que elas não fogem das normas aceitas como ‘corretas’. Ou seja, se elas os imitam são, muitas vezes, taxadas como ‘sapatão’, expressão recorrente e com sentido pejorativo” (CARLOS ALBERTO, 2009, p.100).

Louro (2000) fala que a homossexualidade é cultural, ou seja, o espaço acaba produzindo-a. Corroborando com essa colocação, Michel Foucault (2004), ao falar sobre a sexualidade, aponta que ela

faz parte de nossa conduta. Ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste mundo. A liberdade é algo que nós mesmos criamos — ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Nós devemos compreender que, com nossos desejos, por meio deles, instauram-se novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de ascender a uma vida criativa (FOUCAULT, 2004, p. 260).

Nesse sentido, para o autor, trata-se de criar maneiras, modos ilimitados de torna-se homossexual e não de descobrir-se enquanto tal, uma vez que estamos mergulhados em um mundo da cultura, a qual nos produz e nos constitui enquanto sujeitos. Assim, apesar do futebol ser constituído como um elemento da nossa cultura, temos que entender que a relação que é estabelecida entre as mulheres no futebol e a homossexualidade não está estritamente ligada a este esporte, mas as que constituem os gêneros e os sujeitos, uma vez que

o *locus* da construção das identidades é o corpo. Ali se inscreve e, conseqüentemente, se pretende ler a identidade dos sujeitos. Marcado pela história, moldado e alterado por distintos discursos e práticas disciplinadoras, o corpo da mulher permanece, ainda hoje, como o alvo mais visível e o mais claro representante da sexualidade. De algum modo, ele carrega toda a

ambivalência que, historicamente, lhe foi atribuída: mantém-se "problemático", escorregadio, fragmentado em representações divergentes ou antagônicas. A mãe e a prostituta, a garota boazinha e a má podem assumir outras designações, mas continuam acenando para uma divisão e um sistema classificatório que toma a sexualidade como referência (LOURO, 2000, p.71).

Assim, talvez essa associação entre a homossexualidade e as mulheres no futebol se estabelece a partir de determinadas marcas corporais que as associam ao gênero masculino e não ao feminino. Isso porque o futebol foi construído historicamente e culturalmente por e para os homens e que se perpetua enquanto verdade. Louro (2000) trabalha com a noção de gênero e sexualidade para tratar do que denomina de “marcas”, “mas que marcas são essas? O que, supostamente, elas mostram?” (LOURO, 2000, p.61). Para a autora,

as marcas devem nos "falar" dos sujeitos. Esperamos que elas nos indiquem - sem ambiguidade - suas identidades. Gênero? Sexualidade? Raça? Aparentemente seriam evidentes, "deduzidos" das marcas dos corpos. Teríamos apenas de ler ou interpretar marcas que, em princípio, estão lá, fixadas, de uma vez e para sempre. Então, ficamos desconfortáveis se, por algum motivo, nossa leitura não é imediatamente clara e reveladora; se, por algum motivo, não conseguimos enquadrar alguém (ou a nós próprios) numa identidade a partir da aparência de seu corpo. Afinal, o sujeito é masculino ou feminino? É branco ou negro? O corpo deveria fornecer as garantias para tais identificações. Pretendemos reconhecer a identidade - aquilo que o sujeito é - e, ao mesmo tempo, estabelecer o que ele não é - a diferença. Desejamos afirmar, com segurança, que o sujeito é isso, e, conseqüentemente, ele não é aquilo (LOURO, 2000, p.62).

É possível perceber, a partir das ideias que estão sendo abordadas nas teses e dissertações, juntamente àquilo que Louro aponta que são estabelecidos às mulheres, acaba rotulando essas mulheres como sapatão, lésbicas, homossexuais. Pode-se considerar que este é um “processo que, ao supor 'marcas' corporais, as faz existir, inscrevendo e instaurando diferenças” (LOURO, 2000, p.61). As identidades produzidas por estas marcas não são iguais, únicas, homogêneas, porém, algumas são marcadas, outras visíveis e outras invisíveis, desejáveis ou indesejáveis.

Que identidades são, afinal, marcadas? Aquelas que são diferentes - é a resposta imediata. Mas diferentes em quê? Ou melhor, diferentes ... de quem? A busca da resposta obriga-nos a estabelecer algum tipo de comparação, analogia, confronto. Uma identidade é sempre, necessariamente, definida em relação a outra, depende de outra - na afirmação da identidade, inscreve-se a diferença. Contudo, ainda que o caráter relacional seja constituinte da representação de qualquer identidade, podemos notar que algumas delas ocupam, culturalmente, uma posição central e servem de referência a todas as demais. Essas identidades são representadas como "normais", básicas, hegemônicas. É por contraponto ou comparação a elas que as outras são qualificadas como diferentes (LOURO, 2000, p.67).

Para se afastar dessas rotulações, “desfixar”/romper com essas marcas que são visíveis e consideradas indesejáveis, faz-se aproximações com o que é desejável, o que caracteriza a mulher, o feminino e a feminilidade. Para Louro (2000)

seria pertinente, antes de tudo, indagar sobre os significados que, neste momento e nesta cultura, estão sendo atribuídos a uma dada aparência corporal; seria importante indagar sobre os processos históricos e culturais que possibilitaram que determinadas características se tomassem tão especiais; sobre os processos que permitiram, finalmente, que certas características passassem a "valer mais" do que outras. Porque, no fundo, é disso que se trata: não é possível ignorar que no processo de atribuição de identidades (e, ao mesmo tempo, de atribuição de diferenças) está em ação um jogo de poder. As identidades, constituídas no contexto da cultura, produzem-se em meio a disputas, supõem classificações, ordenamentos, hierarquias; elas estão sempre implicadas num processo de diferenciação (LOURO, 2000, p.63).

Com as enunciações abaixo procuramos mostrar que algumas mulheres tendem a manter e reafirmar um modelo tradicional de mulher, de feminino e de feminilidade. Elas procuram definir, ao máximo, os atributos que marcam uma identidade feminina, ou seja, podem ser entendidas também como formas de ser que as constituem.

“O fato de ser mulher faz com que ela esteja constantemente sujeita às provações e reafirmações de sua legitimidade” (PRISCILA, 2010, p.106).

“Essa associação do esporte feminino com a masculinização da mulher atleta faz com que muitas atletas de alto rendimento, evidenciem seus símbolos de feminilidade heterossexual. Elas se distanciam da imagem masculina, deixando os traços femininos mais explícitos, os cabelos longos, as unhas pintadas, o uso freqüente do batom” (MARIA, 2006, Artigo 3, p.5).

“ao parecer bonita, a jogadora está contribuindo para a desmistificação da modalidade, o desmistificar da masculinização das futebolistas” (LEILA, 2012, p.135).

“As mulheres que jogam futebol passam a ser associadas e controladas em sua sexualidade, ou seja, elas até podem praticar o esporte, desde que mantenham suas características femininas – que supõem-se próprias da mulher - e que não demonstrem, com comportamentos masculinizados, o interesse pelo mesmo sexo [...] As jogadoras de futebol exibem corpos musculosos e bem definidos, estes são frutos do preparo físico diário [...] O corpo dessas atletas é colocado, muitas vezes, no centro das discussões sobre esporte e gênero, uma vez que a compleição física da mulher sempre suscitou inúmeros debates” (MARIANE, 2012, p.89).

Por outro lado e devido a essa associação de que ser uma mulher no futebol é ser masculinizada, outras mulheres, para fugir a estas rotulações, buscam demonstrar uma

aparência pretensamente o mais feminina possível, sendo que, muitas vezes, acabam afirmando ou reforçando marcas corporais que historicamente são tidas como sendo das mulheres e femininas. Esta busca pelo modelo de feminilidade hegemônica, também pode ser usada para afastá-las da associação com a masculinização, como podemos visualizar nas enunciações abaixo,

“Técnicos me revelaram que hoje em dia já costumam pedir veementemente, ou mesmo forçar que as atletas tenham cabelos compridos, e uma aparência considerada por eles mais feminina. De certo modo, eles têm afastado ou evitado atletas com uma aparência mais masculinizada, no sentido de procurarem o que eles chamam de profissionalismo, melhorar a imagem da modalidade, e algumas coisas não ‘pegam bem’, como por exemplo garotas com bermudões, cabelo curto, camisetas, com muitas tatuagens à mostra” (JORGE, 2006, p. 78).

“Em claras tentativas de extirpar traços masculinos do futebol praticado por mulheres, algumas campanhas de ‘conscientização’ promovidas por órgãos reguladores do esporte. Pedem às atletas que deixem os cabelos compridos, cuidem da aparência e não ostentem ‘jeito de homem’. E novamente vemos escancarados, ou oficializados, os machismos e preconceitos, pois a tentativa é de encaixar essas mulheres nas normas de gênero. Assim, elas podem seguir praticando o futebol desde que permaneçam femininas e não demonstrem interesse sexual por mulheres” (MARLANE, 2012, p.138).

“Isso explicita o ‘pinçamento’ de elementos femininos no espaço do futebol, como uma forma de comprovar que nesse ambiente as mulheres também são femininas, embora, futebolistas” (LEILA, 2012, p. 128).

Parece que, no futebol as mulheres precisam produzir-se enquanto femininas, carregando atributos vinculados a um padrão de feminilidade que as definem enquanto mulheres. Essas iniciativas acabam reafirmando os padrões de feminilidade da sociedade, pois

as marcas das identidades "do outro" não devem se instalar, não podem aparecer e, se por acaso, se insinuarem, precisam ser disfarçadas, escondidas, negadas. É preciso banir dos corpos quaisquer sinais, gestos, desejos, comportamentos que possam situar o sujeito naquele lugar marcado (LOURO, 2000, p.70).

É possível ainda perceber nas enunciações abaixo, que o espaço do futebol, ao mesmo tempo em que busca a fixação de marcas/atributos femininos, não tolera a ideia de exaltar tanta feminilidade, sendo que a mulher deve ser feminina na medida certa, nem muito nem pouco, como vimos,

“Atualmente, o vestuário é pautado no modelo masculino. Às mulheres é permitida certa dose de feminilidade, expressadas em acessórios, bijuterias ou maquiagens discretas tornando-se mais respeitadas ou camufladas em meio à multidão. Com isso, ampliam o seu acesso e o direito de pertencer a esse local. As que estão dentro dos padrões de feminilidade, por opção ou por não conhecerem os códigos locais, recebem o constrangimento verbal e simbólico tanto dos homens como das próprias mulheres. Talvez essa violência e, mais, a dificuldade de assimilar os códigos locais fazendo-as abrir mão da sua performatividade façam com que muitas mulheres não voltem ao estádio” (PRISCILA, 2010, p.113).

“as mulheres que utilizam a feminilidade e a sedução como estratégia para ascender nas relações de poder entre os gêneros não conseguem permanecer no cargo e caem na própria armadilha” (EUZA, 2006, p.146).

“Essa feminilidade exaltada no futebol é uma feminilidade própria construída a partir da permissibilidade do jogo, mas buscando a normatividade e por consequência, a distinção” (LEILA, 2012, p.131).

Parece que ser mulher no futebol é ter que fugir do que caracteriza o masculino e se aproximar daquilo que é considerado feminino, ou seja, por onde transitam elas carregam e buscam provar que não fogem do padrão normal do ser mulher, de feminina e de feminilidades. Isso sugere pensar a falta de aceitação das mulheres no futebol, assim como a popularização do futebol feminino, em que se vincula a aparência das mulheres, as quais estariam responsabilizadas pela imagem de masculinizadas. Não buscamos afirmar, mas suspeitar da aparência dita masculinizada e da homossexualidade como responsáveis pela falta de aceitação das mulheres nesse espaço, ou seja, que isso poderia interferir no processo de inserção no futebol.

“O futebol no Brasil em vez de aparecer como um lugar de possível expressão de um outro modo de ser mulher, acaba contribuindo para reificar um estilo específico e hegemônico de ser mulher: cabelos compridos, ajeitados, não-‘jeito de homem’. E uma opção sexual: a heterossexual” (MARIANE, 2012, p.88).

Entendemos que isso vai produzindo discursivamente os sujeitos, ou seja, constituem o sujeito mulher como se ela tivesse que ter uma identidade única, porém,

nem mesmo o corpo (tido, por muitos, como estável, universal e trans-histórico) pode servir como indicador definitivo e conclusivo das identidades. O corpo também escapa: ele é maleável; ele pode falar mil línguas, ter muitos significados... ele engana e ilude (LOURO, 2000, p.63).

A partir das enunciações que viemos analisando, desconfiamos que haja uma tentativa de fixar o sujeito ou uma identidade³⁹ a partir do que é dito, produzido sobre as mulheres, pois “ser identificado é ser objetivado duplamente: como objeto de discurso e como objeto de práticas, isto é, construído sob a forma paradoxal de um sujeito objetivado dos saberes e dos poderes” (REVEL, 2011, p.81). Nesta análise, especificamente, a mulher passa a ser objeto do próprio conhecimento científico, ou seja, ela é objeto que se fala, como se todas fossem iguais, deixando de lado suas especificidades e singularidades.

Sobre a criação de “identidade”, entendemos que a construção do sujeito e a sua definição é realizada a partir de relações de poder-saber (REVEL, 2011). A autora aponta que,

há uma distinção a ser feita entre o que as relações de poder constroem sob a forma de uma identidade (isto é, uma subjetividade objetivada, reificada, reduzida a uma série de características definidas, as quais se tornam o objeto de práticas e de saberes específicos), e a maneira pela qual a própria subjetividade constrói sua própria relação com o si”. No primeiro caso, trata-se de um assujeitamento que fixa as identidades a partir de um conjunto de determinações consideradas como ‘dizer a verdade do sujeito’ [...]. No segundo caso, a recusa dessa ‘identitarização’ das subjetividades leva Foucault a teorizar outro modelo de relação com o si e com os outros – inclusive por meio das práticas sexuais – por meio da introdução da noção de modo de vida” (REVEL, 2011, p.83).

Trabalhando com o excerto acima, suspeitamos que o assujeitamento em relação à identidade que é fixada às mulheres no futebol pode ser percebido quando, em algumas enunciações, como as descritas abaixo, elas são reconhecidas como sapatão, lésbicas, homossexuais, masculinizadas. Como dizem,

“uma das estratégias forjadas com base nas convenções sociais foi definir a mulher praticante de futebol como lésbica, ou seja, fora dos padrões da normalidade sexual, como forma pejorativa de identificá-la, estigmatizando e rotulando historicamente essas jogadoras” (ENNY, 2012, p.41).

“Segundo os (as) atletas, a sociedade estigmatiza as mulheres esportistas, com maior frequência, as mulheres que jogam futebol e ou futsal, chamando-as, por exemplo, de ‘sapatão’. Isso nos mostra uma associação indevida entre a prática esportiva feminina e as preferências sexuais” (MARIA, 2006, Artigo 3, p.5).

³⁹ Consideramos que existem alguns movimentos diferentes para a noção de identidade, não como ideias contrárias que substituam um modelo de mulher ou que criem outra identidade, mas como maneiras diferentes de pensar a constituição do sujeito.

Dialogando com a produção do sujeito, na qual Revel (2011) apontou dois casos: o assujeitamento que fixa as identidades e a recusa dessa “identitarização” das subjetividades entendemos a “identitarização”, como o processo de produção de um modo de vida específico. Percebemos que há um movimento para não ser identificada enquanto lésbica, homossexual, masculinizada, sapatão, mas reivindicar a escolha de um modo de viver, que poderá ou não ter relações com o futebol, podendo ser produzidas diferentes e outras identidades.

Nesse sentido, o espaço do futebol possibilita construir uma possível “identidade” de mulher, especialmente, daquela que joga. Algumas enunciações demonstram isso:

“as atletas creditam ao futebol um potencial muito forte de criar a identidade da mulher, mas simultaneamente propõe, no seu discurso, que a identidade da mulher não é unificada, é posta à prova quando esta joga futebol. Por isso ser uma dentro e outra fora do campo, ou mesmo mostrar que a mulher também joga futebol e permanecer mulher, e que aquelas mais masculinizadas já podem ser vistas com bons olhos, como mulheres ‘normais’, só ficaram um pouco diferentes em virtude dos movimentos do futebol, mas não há problemas nisto” (JORGE, 2006, p. 143).

“o fato das meninas se identificarem com o mundo do futebol feminino, não significa que se apresentarão sempre com todos os símbolos que marcam essa identidade. Elas vão lidar com esse conjunto de símbolos em suas interações e opções cotidianas” (ALEXANDRE, 2010, p.148).

Parece que as mulheres no futebol têm que ter, buscar e estabelecer uma identidade que as caracterize. Assim como também consideram que essa identidade não é única, fixa e homogênea, tampouco ligada a uma visão essencial e natural de mulher, mas são muitas as possibilidades de ser mulher no futebol. Para fugir de uma possível definição de identidade, devemos entender que

"uma mulher tem que devir-mulher", isto é, reencontrar o ponto onde sua auto-afirmação, longe de ser a de uma identidade inevitavelmente definida por referência ao homem, é essa "feminilidade" intangível e sem essência que não se afirma sem comprometer a ordem estabelecida das afecções e dos costumes, uma vez que essa ordem implica sua repressão. E eis também por que o devir-mulher diz respeito tanto aos homens quanto às mulheres: estas últimas não cultivam a linha de fuga senão quando são na situação dada (e não na identidade que esta lhes impõe) sem fazer fugir o conjunto da situação (ZOURABICHVILI, 2004, p.30).

Essas possibilidades de ver a construção do ser mulher (da mulher) no futebol nos permitiram dialogar com autores pós-estruturalistas que trabalham com a ideia de

que as práticas humanas são produtoras e produtos de uma cultura, portanto, não é possível buscar ou ter uma identidade, pois ela solidifica um modelo de sujeito, de ação, neste caso, das mulheres no futebol, e isso passaria a ser incompatível com as mudanças sociais e culturais. O que nos inquieta é tentar fugir das obviedades, trabalhando com a inexistência de uma única forma de ser mulher no futebol, pois,

se os devires passam por uma relação privilegiada com a feminilidade, com a infância etc., é porque essas relações fazem fugir uma situação constituída de dicotomias que se organizam a partir de um estado de maioridade (qualitativa) definido pelo macho adulto. Daí o caráter factível de uma emancipação que consistiria na afirmação de uma identidade de mulher, uma vez que esta não teria outro conteúdo senão os caracteres oriundos da distribuição dos papéis, das atitudes etc. instituída pela relação de dominação (ZOURABICHVILI, 2004, p.30).

Por essa esteira, Deleuze não trabalha com noção de identidade, pois ao invés de ajudar a pensar o sujeito, ela acaba cristalizando-o. E se ela for buscada, impede o sujeito de se modificar, vir a ser ou se tornar outro, uma vez que, no processo de relações sociais e culturais que o sujeito vivencia na sociedade, ele vai se modificando o tempo todo. Nesse sentido, o autor trabalha com a noção de “desterritorialização” e que a isso se aplicam mais dois movimentos: a territorialização e a reterritorialização.

Assim, buscamos pensar essa desterritorialização no que Deleuze chama de produção de “linhas de fuga”⁴⁰, como uma ideia de movimento, de deslocamento de um modelo. As enunciações podem parecer demarcar uma identidade, mas suspeitamos que algumas mulheres se orientem por outros modos de ser e se reconhecer, produzindo outras linhas. Queremos dizer com isso, que a construção do ser mulher (da mulher) no futebol se produz por “linhas de fuga”, ou seja, como um deslocamento

da própria forma, dicotômica, da possibilidade: ou isso ou aquilo, disjunções exclusivas de todas as ordens (masculino-feminino, adulto-criança, humano-animal, intelectual-manual, trabalho-lazer, branco-preto, heterossexual-homossexual etc.) que *estriam* previamente a percepção, a afectividade, o pensamento, encerrando a experiência em formas totalmente prontas, inclusive de recusa e de luta (ZOURABICHVILI, 2004, p. 29).

Nesses movimentos, consideramos todas as possibilidades de ser mulher no futebol. Não se pode afirmar que existe um modo único de ser mulher, ou seja, um

⁴⁰ Entendemos ‘linha de fuga’ a partir do Dicionário de Deleuze (ZOURABICHVILI, 2004, p.29): “A linha de fuga é uma *desterritorialização*. Os franceses não sabem bem do que se trata. Evidentemente, eles fogem como todo mundo, mas acham que fugir é sair do mundo, mística ou arte, ou então que é algo covarde, porque se escapa aos compromissos e às responsabilidades. Fugir não é absolutamente renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É igualmente fazer fugir, não obrigatoriamente os outros, mas fazer fugir algo, fazer fugir um sistema como se arreventa um tubo... Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia”.

modelo que seja globalizante, pois isso excluiria ou ignoraria outras formas de ser, mas pensar que estas produções se dão, a partir do acionamento de estratégias linguísticas, uma construção discursiva (MARIANO, 2005). Percebemos que o que há são possibilidades de produzir-se enquanto mulher no futebol, tanto àquelas que aderem aos modos de ser tradicionais quanto as que assumem outros comportamentos corporais, mas podem não querer ser identificadas como homossexuais e masculinizadas, bem como, há outras que podem gostar ou não se importam de ser assim identificadas. Não é julgar quem rompe ou afirmar que quem não rompe é submissa, mas dizer, com isso, que as mulheres transitam o tempo inteiro pelas possibilidades encontradas nos limites de gênero e de sexualidades.

Assim, a construção do ser mulher (da mulher) no futebol é dinâmica, mantendo-se em movimento, impossibilitando a fixação de uma identidade. A todo o momento ela se territorializa, desterritorializa, reterritorializa e é isso que lhes dá potência de vida. Como diz a enunciação,

“as atletas de futebol estão num processo permanente de construção, reconstrução e questionamento de sua identidade de mulher enquanto jogadoras de futebol [...] E para elas, o pior pesadelo muitas vezes é o de serem confundidas com uma identidade que não é delas, a identidade masculina” (JORGE, 2006, p. 145).

A fixação, limitação a uma identidade não ajuda a pensar a constituição das mulheres no futebol e nem de pensar linhas de fuga, tampouco construir possibilidades de sair dessa condição de denúncia que circula na produção científica. Queremos dizer que essa relação de como cada mulher vive, expressa, sente sua sexualidade e gênero, não precisa ser feita pelo fato dela ser uma mulher no futebol e sim porque ela dá para si um jeito de ser, no qual ela se territorializa. Ao estabelecer outras relações, se deparar com outros caminhos, esse jeito de ser pode mudar, então, ela se desterritorializa. Ao sair dessa condição e conformar um novo modo de ser e viver, ela se reterritorializa e, assim, o processo de produção do sujeito vai se constituindo. Portanto, esse movimento é contínuo, singular e infinito.

Nesse sentido, entendemos os sujeitos/as mulheres no futebol na possibilidade, em um “devir”. De acordo com o Dicionário de Deleuze (ZOURABICHVILI, 2004, p.24):

Devir é nunca imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem um ao qual

se chegue ou ao qual se deva chegar. Tampouco dois termos intercambiantes. A pergunta 'o que você devém?' é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, de núpcias entre dois reinos (ZOURABICHVILI, 2004, p.24).

Seria impossível demarcar uma identidade devido a inviabilidade de se ter uma forma única de ser mulher no futebol ou um espaço único para se praticar, mas sim considerar que existem múltiplas possibilidades, maneiras, modos de ser e se produzir mulher no futebol. Como apontamos na enunciação a seguir,

“não existe um futebol ‘feminino’, ou melhor, inexistente ‘a mulher futebolista brasileira’; o que sim existe é uma diversidade de possibilidades de ser mulher e ao mesmo tempo jogar futebol, ou seja, uma grande variedade de vivências do feminino também no interior do futebol” (JORGE, 2006, p.390).

Cabe destacar que não basta ser feminina para que o futebol praticado por mulheres ganhe legitimidade, pois nenhum esporte, tanto masculino quanto feminino, no Brasil, se equiparará ao futebol masculino, porque o mesmo adquiriu características mundiais que o diferenciam de qualquer prática esportiva. Há que se lutar por espaço, reconhecimento, considerando que a instituição futebol praticado por homens é incomparável em relação às outras práticas esportivas, sejam elas praticados por homens ou mulheres.

Nesse sentido, o “problema” não está somente na prática do futebol pelas mulheres, mas ele perpassa outros desportos, tanto as modalidades masculinas quanto as femininas. Moura (2005) aponta que no Brasil o futebol é o esporte popular e hegemônico, culturalmente masculino. Porém nos Estados Unidos, por exemplo, as mulheres no futebol ganham destaque também, isso talvez por não estarem inseridas nas modalidades como o basquete, o futebol americano os quais são os que ganham maior destaque e visibilidade.

4.1.3 Violências, preconceitos e discriminações: elementos associados ao falar sobre mulheres no futebol

No Brasil, o reconhecimento no futebol existe só em relação ao masculino sendo que isso não acontece em outro esporte. Pode ser que por essas e outras razões que as mulheres ao se inserir nesse esporte, causam estranhamento e algumas vezes são

colocadas na posição de quem sofre, isto é, de quem é vítima. Algumas enunciações exemplificam isso:

“pode-se verificar que as jogadoras não querem ser confundidas com as jogadoras homossexuais. Ao denunciarem a discriminação, reafirmando sua heterossexualidade, acabam filiando-se a um discurso também discriminatório em relação ao homossexualismo. [...] resposta à exigência social de demonstração de heterossexualidade. [...] ocupa uma posição que vitimiza o FF e suas jogadoras” (ROSANGELA, 2009, p.54).

“Compreende-se que as mulheres ainda são vítimas de atitudes de preconceito e discriminação que necessitam ser superadas em nossa sociedade” (PETRUCIO, 2011, p.52).

À medida que as mulheres no futebol são colocadas na posição de vítimas, elas são os sujeitos que "sofrem" as violências, preconceitos e discriminações, independente das posições (mulheres que jogam, torcedoras, gestoras, técnicas, espectadoras...) que elas ocupam no futebol.

Encontramos em algumas teses e dissertações que a mulher se torna vitimizada quando sofre atos de violência. Esta demarcada sem nenhum qualificativo, mas também nomeada de outras formas, como violência de gênero e violência simbólica. Chauí (1998) caracteriza a violência em cinco pontos:

1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4) todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; 5) conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror (CHAUÍ, 1998. p. 1).

A violência de gênero é identificada para delimitar que estão se remetendo as mulheres. Como conseguimos perceber na enunciação,

“O fenômeno da violência também se encontra atravessado por essa perspectiva de gênero, na medida em que nos apresenta quem são as pessoas que violentam e quem são as pessoas que sofrem violência. É neste sentido que a violência de gênero pode ser fundamental para compreendermos a violência no esporte” (MARIA, 2006, p. 18).

Ela age e opera no futebol e no esporte, pois permite separar e identificar que são as mulheres que estão na condição de sofrerem atos de violência, a partir de um domínio que ainda hoje é masculino, o qual constitui o esporte.

Outra forma de violência percebida é a simbólica que resulta em ações que desconsideram as diferentes possibilidades de ser mulher no futebol, esquecendo quem são elas. Foi possível identificar as seguintes enunciações,

“a história do futebol das mulheres, como tantas outras histórias de mulheres, foi marcada por formas sequenciais de violências. Dentre essas formas destaco a violência simbólica implementada e caracterizada pelo silenciamento e pelo esquecimento destinado ao futebol feminino baiano e brasileiro” (ENNY, 2012, p.249).

“o corpo feminino no esporte passa por processos que visam adaptá-lo às noções ‘universais’ de feminilidade, que nada mais é que a ação da violência simbólica pautada em fundamentos ocultos de dominação masculina” (LEILA, 2012, p.137).

Essa violência simbólica tem efeitos caracterizados pela falta de apoio da família, pelo silenciamento e esquecimento das histórias e trajetórias de mulheres no futebol, através das atitudes preconceituosas e discriminatórias relacionadas normalmente ao corpo e ao gênero dessas mulheres, assim como também à sua sexualidade. Isso devido às formas de pensar, tomadas como referência o masculino, ou seja, aquele que domina e se sobrepõe a elas.

Entendemos que esses tipos de violências são “invisíveis”, pois não tem contato físico, mas são visíveis porque geram efeitos sociais e desiguais entre homens e mulheres. A violência não é natural, ela é produzida, construída socialmente.

A violência também é percebida como uma forma de preconceito e de discriminação, “portanto, pensar o preconceito nos parece indispensável, uma vez que este pode se constituir em uma fonte de violência” (BANDEIRA; BATISTA, 2002, p.120).

Para pensarmos o elemento do preconceito, que é bastante destacado e associado às mulheres no futebol nas dissertações e teses utilizadas para esse trabalho, entendemos que não basta simplesmente partir da obviedade de que as mulheres no futebol são por si só vítimas de preconceitos, mas sim entender o que é considerado por esse termo, a partir daquilo que está sendo dito nos trabalhos.

Com as enunciações abaixo, procuramos trazer alguns entendimentos sobre preconceito:

“Preconceito. Esta é a palavra que parece estar na mente das atletas, e que salta de suas bocas, quando instadas a falarem sobre suas vivências no futebol” (JORGE, 2006, p.388).

“No cargo de técnica esportiva, o campo de atuação ainda se encontra muito limitado para o público feminino. Para se inserir e progredir na carreira elas se deparam com muitos obstáculos, desde o preconceito até os baixos salários” (HEIDI, 2012, p.6).

“o futebol de mulheres no Brasil e suas praticantes sofrem com os preconceitos e machismos que levam à falta de apoio da federação à modalidade, à falta de incentivo da prática pela sociedade, à ausência de patrocinadores e à falta de visibilidade ao esporte” (MARIANE, 2012, p.141).

Pinheiro (2011) faz alguns apontamentos sobre o preconceito, a partir de um viés da área da psicologia, e de diferentes correntes, abordagens e perspectivas para compreender os mecanismos colocados em prática para pensar o processo educativo de valores e da moralidade. Com base no que trata, a autora nos permite entender o que seria o preconceito, antes mesmo de ser demonstrado, expressado através de uma atitude preconceituosa, por exemplo.

Os conteúdos do meio, nas situações diversas que nos são apresentadas cotidianamente, são percebidos de forma diferente por cada um de nós, de acordo com a nossa história de construção dos valores, que tem estrita relação com a forma como sentimos e, de forma dinâmica, assimilamos os valores que existem em nossa cultura, compondo a nossa moralidade e, também, a nossa identidade. Tal construção, deveras complexa, pode proporcionar que tenhamos múltiplos juízos morais, de acordo com os conteúdos e situações com os quais nos deparamos. Isso significa dizer que o preconceito, nesse ínterim, poderia ser um termo utilizado em seu plural – *preconceitos* –, uma vez que o sujeito pode ter preconceitos direcionados a diferentes conteúdos, em diversos posicionamentos em nosso sistema moral. O sujeito pode ter vários valores relacionados ao preconceito. Alguns atuando como centrais em seu sistema moral e outros como periféricos. Uma pessoa, por exemplo, pode ter como valor central o preconceito contra pessoas de baixa renda, pois esse valor se mostra persistente diante de algumas situações morais. Essa mesma pessoa pode ter como valor periférico o preconceito contra homossexuais, já que esse valor pode receber mais ou menos carga afetiva de acordo com as situações, ou seja, em uma determinada situação, por exemplo, em companhia de um amigo homossexual, essa pessoa pode não revelar esse valor, mas em outra situação, como a de um filho revelando-se homossexual, pode levá-la a ter juízos preconceituosos (PINHEIRO, 2011, p. 223).

Trabalhando com essa autora, os preconceitos são sustentados pelos argumentos que negam e não aceitam aquilo e aqueles que fogem de uma norma, de padrões construídos e naturalizados, ou seja, que se baseiam no que foi construído culturalmente

na sociedade e que se naturalizou como uma forma de pensar, cristalizando/criando barreiras para as possibilidades de mudanças sociais e culturais, através de pensamentos rígidos e inflexíveis. Assim como esses padrões são construídos, os preconceitos também o são. Não nascemos embebidos por eles, mas nos constituímos a partir do que nos cerca cultural e socialmente, de valores que nos são colocados e essa relação com o meio vai nos tornando sujeitos preconceituosos em relação a determinadas situações.

A autora (2011, p.218) cita Crochík, dizendo que “o preconceito tem mais a dizer sobre o preconceituoso do que sobre quem é estigmatizado e sofre com a ação discriminatória. Porém, o alvo do preconceito diz muito sobre o julgamento realizado pelo preconceituoso”.

O preconceito pode ser percebido e sustentado nas enunciações de diferentes formas: pelas ações, pelas atitudes, pelos entendimentos daqueles que negam, rejeitam e julgam, por partirem de modelos fixos de gênero e sexualidade estabelecidos socialmente e culturalmente.

Segundo as teses e dissertações analisadas, existe o preconceito em relação à sexualidade dessas mulheres, por serem produzidas como masculinizadas, lésbicas, homossexuais, ou seja, se posicionam de maneira diferente ao padrão da heterossexualidade. E isso é dirigido àquelas que não apresentam padrões de feminilidade. Com as enunciações abaixo, procuramos demarcar tal questão.

“como o preconceito se faz presente entre as crianças, nos deboches, ofensas ou gestos que ridicularizam as pessoas que não se enquadram nos padrões de comportamento da heterossexualidade. Apesar da discriminação, a homossexualidade se faz presente nas escolas, conquistando o direito à cidadania” (CLEUZA, 2011, Resumo).

“Outro aspecto que é destacado como negativo por causa da rotulação do futebol e seus derivados é a falta de patrocínios para as equipes femininas. [...] devido ao preconceito da sociedade para com os homossexuais, dificilmente a mídia vai apoiar o futebol feminino que, até então, está associado à masculinização da mulher e à homossexualidade” (RAQUEL, 2008, p.112).

“o preconceito em relação às mulheres do futebol se deu pelo fato de todas serem consideradas lésbicas e esse foi o fator preponderante para o silenciamento de suas histórias, como também da história do futebol feminino no Brasil” (ENNY, 2012, p.28).

“Dentre tantos fatores de cunho cultural que endossam o preconceito contra as mulheres que jogam futebol, podemos citar os questionamentos sobre a sexualidade dessas atletas. [...] por não apresentarem

em seus corpos o habitus feminino, ou apresentarem um habitus diferente ao estereótipo de feminilidade, a sexualidade dessas atletas era (e muitas vezes ainda é) posta à prova, pois, quando o padrão de corpo é rompido, tem-se a sexualidade questionada” (LEILA, 2012, p.121).

Além do preconceito em relação à sexualidade, existe também o de gênero. Percebemos que ele é acionado quando remetido às mulheres ou contra elas. A partir das enunciações, o preconceito de gênero, parte por que algumas mulheres destoam do que se espera do gênero feminino e, por conseguinte, serem constituídas socialmente numa posição inferior tanto aos homens quanto às mulheres, ou seja, como elas não se enquadram naquilo que é esperado ao masculino e ao feminino, estas mulheres sofreriam ações que não as reconhecem como seres humanos possíveis. Procuramos demarcar isso com as seguintes enunciações:

“para o grupo do futsal, algumas atletas referiram a falta de apoio familiar, pelo preconceito dos pais em relação à prática de um esporte considerado masculinizante, o que ficou bastante caracterizado pelas falas das participantes. Aqui, o preconceito é de gênero, pois existe uma opinião formada na sociedade em geral (um estereótipo), reforçado pelas próprias famílias, de que as mulheres que praticam futsal são ‘machonas’ e pouco ‘femininas’” (MARINEZ, 2007, p.73).

“Um dos preconceitos vividos e reforçados pelas torcedoras refere-se à vestimenta utilizada para ir ao Mineirão” (PRISCILA, 2010, p.112).

“Persiste ainda o preconceito em relação à prática esportiva pelo sexo feminino daquelas consideradas ‘masculinas’ – herança do passado” (ALINE, 2010, p.106).

Inclusive, o preconceito serviria para afirmar que essas opções de escapar dos padrões que normatizam formas de ser mulher podem ser consideradas negativas para a imagem do futebol, destacando-as como indesejáveis. O que seria esse preconceito que está sendo visto como obstáculo às mulheres no futebol? Como identificamos nas enunciações descritas anteriormente, esse preconceito vem gerando, como efeito, por exemplo, a falta de patrocínio ao futebol feminino, a invisibilidade, o não apoio e o silenciamento com relação a este esporte.

Arelado a essa discussão, decorrente da associação do esporte e do futebol com uma suposta masculinização e homossexualidade das mulheres, foi possível pensar que estar fora da norma é estar sujeito a discriminação, vista também como uma forma de julgamento. Moreno (2009) analisa conceitos de discriminação e diz que a

discriminação é a prática de ato de distinção contra pessoa do qual resulta desigualdade ou injustiça, sendo essa distinção baseada no fato de a pessoa pertencer, de fato ou de modo presumido, a determinado grupo. Discriminar é excluir, é negar cidadania e, via de consequência, a própria democracia. Todavia, para que a igualdade seja garantida a todos, não basta apenas a eliminação das diferenças, mas sim a obtenção da igualdade e, para tanto, torna-se necessário identificar as verdadeiras origens da desigualdade (MORENO, 2009, p. 144).

A discriminação é, então, percebida pela relação entre esporte e masculinidade, cujos preconceitos cruzam essa relação, como apontamos nas enunciações a seguir.

“Devido à relação íntima entre esporte e masculinidade, os preconceitos e estereótipos face às mulheres atletas cruzam os limites das mais variadas formas de discriminação” (MARIA, 2006, Artigo 2, p.5).

“a participação das meninas no futebol é muito maior atualmente; a discriminação contra elas é bem menor, a sociedade está discriminando muito menos as meninas que se dedicam ao esporte; está ocorrendo claramente um processo social de aprovação às meninas praticantes de futebol; entretanto, esse processo ainda está longe de atingir totalmente seu objetivo. As meninas ainda são discriminadas, principalmente na escola” (FABIO, 2009, p.158).

“Mulheres que praticassem qualquer tipo de modalidade esportiva eram duramente julgadas em sua feminilidade” (MARIANE, 2012, resumo).

Como vimos, esses elementos – violência, preconceito e discriminação - se apresentaram de diferentes maneiras e foram percebidos porque estão colados com as discussões de gênero e sexualidade ou então que gênero e sexualidade vêm funcionando porque estão associados com esses elementos. Em algumas teses e dissertações essas vinculações são mais fortes e em outras com menor relevância, associando-as às técnicas, gestoras, torcedoras, espectadoras, mas, em sua grande parte, às “mulheres que jogam futebol”.

Temos que entender que os elementos do preconceito, da discriminação e da violência mesmo que, em alguns momentos se conectem, se assemelhem, se aproximem, se liguem, se misturem, se amarrem uns aos outros, assumindo um tom de obviedade, não servem para explicar um pelo outro. Por exemplo, quando é anunciado que a discriminação é vista como uma forma de preconceito; ou que a violência se caracteriza nas maneiras de discriminações e preconceitos. Desconfiar dessas obviedades é uma das coisas que nos inquietou para continuar olhando para essa

temática, no sentido de perguntar como algumas coisas se “colavam”, se associavam, se repetiam quando se falava de mulher no futebol.

Com um olhar de suspeita, chamamos a atenção para que a superação dos problemas que a mulher encontra ao se inserir no futebol seja muito mais difícil e complexo do que supõem as propostas que normalmente são apresentadas como solução, como, por exemplo, ter um corpo, uma aparência e um comportamento próximo do feminino e que isso proporcionaria uma maior visibilidade, superaria o preconceito e adquiriria legitimidade. Nesse sentido, essas soluções que são apresentadas podem não dar conta de vazar essa resistência que se tem para pensar uma possibilidade com relação à inserção mais democrática e igualitária da mulher no futebol.

Embora possa causar mudanças significativas, estas estratégias propostas acabam criando exigências às que reforçam um modelo de mulher, no sentido de efetivamente surtir o efeito desejado, assim como podem gerar outros efeitos, como, por exemplo, a requisição de que aquelas que jogam futebol precisam se enquadrar no modelo de mulher, de feminino e de feminilidades para poderem ser visibilizadas. Essas exigências que buscam demonstrar que são femininas, não são contradições e sim efeitos das disputas de verdade, das relações de poder que estabelecem como é que as mulheres devem ser em qualquer espaço, inclusive, dentro do futebol, reforçando que esse esporte é masculino, que homens e mulheres têm características diferentes, não podendo fugir ou ultrapassar os seus limites.

Identificadas algumas recorrências, destacamos que elas nos levaram à noção de gênero como uma das mais potentes para a próxima análise, pois o nosso olhar foi inclinado e despertado ao que vinha sendo falado e construído, nas teses e dissertações, sobre as mulheres no futebol.

4.2 Das recorrências ao acionamento da noção de gênero

A partir das análises que realizamos, percebemos que, ao falar de mulheres no futebol, as teses e dissertações traziam principalmente a noção de gênero de uma maneira recorrente. Em outras palavras, a noção de gênero era aquela que mais circulava, transitava, estava sendo abordada dentro desses trabalhos. Foi possível perceber que essa recorrência acionou uma diversidade de usos dessa noção e que esses diferentes usos não estão dissociados, eles se misturam. Dada essa diversidade, como a

noção de gênero vem sendo acionada nas teses e dissertações que compõem esta pesquisa?

Primeiramente, passamos a suspeitar que uma destas utilizações relacione o falar de mulheres no futebol à "necessidade" de buscar se apoiar aos estudos de gênero. Sobre isso, as enunciações dizem que,

“a pesquisa sobre os processos de inserção das mulheres no universo do futebol, [...] sugere uma discussão de gênero” (MARCELO, 2010, p. 63).

“estudando a mulher, percebi claramente – e parece que este caminho foi também seguido por diversos teóricos – que, para efetivamente compreendê-la em diversos contextos sociais, e no esporte não poderia ser diferente, seria necessário estudar os aspectos relacionais dos gêneros, como eles se integram e são representados em nossa sociedade” (JORGE, 2006, p.2).

“Compreender quem são essas mulheres que adentram esse universo tido como masculino é muito importante para ampliar o olhar sobre o futebol, suas características e contradições, entendendo como as relações de gênero se constituem nesse espaço” (PRISCILA, 2010, p. 9).

“MULHERES NO ESPORTE: UMA QUESTÃO DE GÊNERO” (LEILA, 2012, p. 11).

“observa-se ainda que as discussões sobre o FF e as jogadoras são frequentemente associadas a questões de gênero e da sexualidade” (ROSANGELA, 2009, p.52).

“o ambiente esportivo é um lugar muito apropriado para estudar sobre desigualdades de gênero, pois ele ainda está estritamente relacionado à hegemonia masculina” (ANA MARIA, 2005, p.3).

“apontamentos sobre o conceito de gênero, por ser esse um pressuposto do tema abordado” (RAQUEL, 2008, p. 21).

Partindo dessas enunciações acima e de outras tantas que são apontadas recorrentemente nas teses e dissertações, é possível visualizar que ao falar sobre mulheres no futebol, gênero vem sendo usado e composto por alguns qualificativos, tais como discussão de gênero, aspectos relacionais dos gêneros, relações de gênero, questão de gênero, desigualdades de gênero. A partir desses usos, entendemos que isso vem se construindo como uma maneira de pensar, falar e produzir sobre essa temática. Mas, então, o que seria esse movimento de tomar a ideia de que falar de mulheres está

implícito a necessidade de tratar de gênero? Ou por que assuntos relacionados à mulher (no futebol) acionam a noção de gênero?

Colocando essa ideia sob suspeita, ou melhor, para entender e analisar como que se passou a pressupor que falar de mulheres necessita falar de gênero, buscamos, primeiramente, como diz Foucault (1979), partir da sua emergência. Para o autor,

emergência designa um lugar de afrontamento; é preciso ainda se impedir de imaginá-la como um campo fechado onde se desencadeara uma luta, um plano onde os adversários estariam em igualdade; é de preferência – o exemplo dos bons e dos malvados o prova – um "não-lugar", uma pura distância, o fato que os adversários não pertencem ao mesmo espaço. Ninguém é portanto responsável por uma emergência; ninguém pode se autoglorificar por ela; ela sempre se produz no interstício (FOUCAULT, 1979, p.16)

Isso porque Foucault (1979) nos indica a rejeição da noção de origem, entendendo que não há uma existência original, pois esse sentido remete à essência e, para ele, as coisas são produzidas e não partem de uma essencialidade ou naturalidade. Ele afirma:

O grande jogo da história será de quem se apoderar das regras, de quem tomar o lugar daqueles que as utilizam, de quem se disfarçar para pervertê-las, utilizá-las ao inverso e voltá-las contra aqueles que as tinham imposto; de quem, se introduzindo no aparelho complexo, o fizer funcionar de tal modo que os dominadores encontrar-se-ão dominados por suas próprias regras. As diferentes emergências que se podem demarcar não são figuras sucessivas de uma mesma significação; são efeitos de substituição, reposição e deslocamento, conquistas disfarçadas, inversões sistemáticas (FOUCAULT, 1979, p.17).

Partir da emergência é olharmos para o mundo e entender que a história não é natural e que a noção de gênero emergiu nela. É pensá-la como uma invenção, uma construção no tempo e no espaço, dotado de uma história que vem sendo construída, produzida, inventada, modificada, transformada constantemente, fazendo com que se busque os acontecimentos que possibilitaram que determinada realidade se materializasse.

Para Veiga-Neto (2002)

O que importa não é saber se existe ou não uma realidade real, mas, sim, saber como se pensa essa realidade. O que se pensa é instituído pelo discurso que, longe de informar uma verdade sobre a realidade ou colocar essa realidade em toda a sua espessura, o máximo que pode fazer é colocá-la como uma re-presença, ou seja, representá-la (VEIGA-NETO, 2002, p. 31).

Também é entender que a história não é linear, embora se busque maneiras para contá-la, pois as coisas não têm um início ou um fim claramente definido, que

possibilita que outras aconteçam, mas emergem e se misturam o tempo inteiro. Cabe a nós buscarmos pontuar o que se torna relevante para a nossa compreensão a partir da emergência. Para isso, devemos estar atentos a determinados momentos e contextos que possibilitaram que se chegasse nessas constatações/associações/aproximações.

Dialogamos com Filho (2005) para discorrer sobre a história dos estudos de gênero. O autor aponta sobre a sua emergência ou, como diz o autor, o aparecimento do termo gênero, na segunda metade do século XX, em meados da década de 80, utilizado para tratar da construção cultural e social do masculino e do feminino, produzindo suas representações, a partir da constituição biológica de como os sujeitos são reconhecidos enquanto homem e mulher.

De tal modo, tratar de gênero não passa somente pela questão de ser/da mulher e também que gênero não pode ser tomado como sinônimo de temáticas que envolvem a mulher, embora ainda se faça essa associação. Mariano (2005) salienta que os estudos de gênero emergiram a partir das demandas femininas, que, com o passar do tempo, deixaram de tratar somente das relações que envolvem as mulheres e se dedicaram a analisar conexões sociais e culturais entre homens e mulheres. Para corroborar com essa discussão, trouxemos uma enunciação que dialoga com outros autores e diz que,

“O termo gênero nasce no movimento feminista, ele surge com a necessidade de contrapor o argumento irrecorrível de que homens e mulheres são biologicamente distintos e recolocar esse debate no campo social (LOURO, 1997). Desta forma procurou, desde sua origem, denunciar a invisibilidade, que de modo geral as mulheres estavam submetidas, e revelar uma nova forma de entender as relações entre homens e mulheres na sociedade” (ALEXANDRE, 2010, p, 12).

Segundo Filho (2005), em décadas anteriores, em meados de 1960, as mulheres começaram a se organizar enquanto movimentos sociais, nomeado movimento feminista, buscando o empoderamento de mulheres na luta/busca por direitos, como o trabalho, a circulação pelo espaço público, porque a elas cabia somente o domínio privado da casa, da família, da maternidade, da submissão ao homem.

Para Mariano (2005), o movimento feminista desse período lutava politicamente por uma reconfiguração da posição da mulher na sociedade, ou seja, tratava-se de uma militância das mulheres, constituída a partir de diferentes concepções políticas de pensamento.

Assim, em meados dos anos 80, a utilização do termo gênero buscava um distanciamento ideológico, uma “despolitização”, saindo da zona da militância e adquirindo um caráter acadêmico e científico. Essa diferenciação daquilo que vinha sendo produzido pelo movimento feminista se deu porque o termo gênero foi produzido para dar ideia de uma aparente neutralidade, “desprovido de propósito ideológico imediato” (FILHO, 2005, p.130).

Isso porque, em determinado momento da nossa história, se fez uma separação entre militância/política e neutralidade/ciência, baseado na ideia de que o cientista teria que ser neutro, manter uma imparcialidade, não podendo ter preferências políticas e que o militante seria o oposto disso, ou seja, o cientista não podia ser militante e vice-versa. Nesse sentido, os estudos feministas eram considerados como encharcados por um caráter militante/político e os estudos de gênero por um caráter neutro/científico. Por isso que, para adquirir uma legitimidade científica, alguns autores teriam se associado ao que seria nominado de estudos de gênero.

Porém, ainda persiste o questionamento a respeito de como se mantém a relação entre estudos que envolvem as mulheres e os de gênero. Para tanto, trouxemos uma enunciação que mostra o que seria denominado de estudos feministas que nos parece importante nesta relação que é estabelecida.

“O que se entende por gênero, aqui, é uma categoria de análise oriunda das conquistas nascidas dos movimentos feministas que pretendiam pôr abaixo as condições e normas que resultavam em sufocamento e restrições dos papéis e atividades reservadas às mulheres na sociedade. Essas ações, no contexto das ciências humanas e sociais, como empreendimentos intelectuais, foram denominadas de Estudos Feministas” (CARLOS ALBERTO, 2009, p.31).

Não partimos do pressuposto de que os estudos feministas evoluíram para os estudos de gênero e nem que um substitui o outro, embora tenham ambos, em sua maioria, emergidos e sejam conduzidos por feministas, mas eles têm propósitos e convicções diferentes, eles se retroalimentam. Além disso, consideramos a ideia de que não existe somente um movimento feminista, mas vários, que trabalham sob diferentes perspectivas, vertentes, pautados, para atender os interesses e direitos relacionados à mulher, outros para questionar, defender os direitos e deveres de homens e mulheres.

Outro aspecto que parte da análise da emergência dos estudos de gênero é a própria constituição do pensamento científico. Identificamos que uma característica ao

modo de pensar moderno é a necessidade de se produzir um conceito, neste caso, um conceito de gênero. A nossa forma de pensar moderna é baseada em conceitos que atravessam a ciência, a religião, a política, a economia etc.

Não cabe à ciência a produção de conceitos, mas a filosofia (DELEUZE & GUATARRI, 1992). A ciência dá uma funcionalidade a esse conceito. Entendemos o conceito não como uma ferramenta de uso exclusivo da ciência, mas uma forma de pensar da modernidade fortalecido pelo jeito de fazer ciência. O conceito não dá conta de explicar-se por si só, mas de uma emergência de acontecimentos que possibilitaram que ele fosse inventado. Por que a ciência tem a necessidade de operar com os conceitos?

Partindo dessa pergunta, fomos buscar no livro “O que é a Filosofia?”, de Deleuze & Guatarri (1992), em que os autores propõem a discussão sobre como, na ciência moderna, emergiu a necessidade de constituição de conceitos. Para os autores, os conceitos são inventados, criados, provocados por uma desconfiança do pensamento e que emerge como uma tentativa de simplificação que dê conta de dizer o que são as coisas, de explicar tudo, normalizando, deixando de fora o que não está na norma. A ciência objetiva e simplifica os conceitos, tornando-os utilizáveis para explicar os conhecimentos.

Essa simplificação é também uma estratégia que acaba reduzindo o conhecimento e que exclui outras formas de pensar, buscando a universalização do conhecimento e fazendo com que se busque que ele funcione em todas as situações e tempos históricos.

Por que estamos falando da invenção de conceitos? Porque apesar de um conceito não ser limitado, ele vem com a ideia de estabelecer “limites” do que está se falando e compartilhar significados para haver diálogo. Essa prática de explicar, de trazer conceitos, de dizer o que é e o que não é, é uma tradição das ciências ditas naturais e exatas e que as ciências humanas e sociais absorveram para as suas práticas de investigação (DELEUZE & GUATARRI, 1992).

Para tanto, dialogamos com Gomes-Santos (2006), que nos ajudou a olhar para o nosso corpus de análise, pois em sua pesquisa discutiu sobre a emergência e implicações do conceito de gênero na pesquisa acadêmico-científica brasileira, a partir da análise de artigos científicos. O autor pressupõe que essa emergência aproxima algumas áreas de estudos relacionadas à linguagem, partindo de questões teóricas e aplicadas, e constata que as pesquisas que não analisam um objeto específico são

àquelas que buscam problematizar algum aspecto ou ideia relativa ao conceito de gênero.

Nessa esteira, em se tratando de conceitos, identificamos, a partir das enunciações, uma recorrência do uso dos mesmos conceitos de gênero ou evocadas as ideias que se remetiam a determinado conceito, trazidos recorrentemente pelas autoras Joan Scott (1995)⁴¹; Judith Butler (2003)⁴²; Guacira Louro (1997)⁴³; Linda Nicholson (2000)⁴⁴.

A partir da recorrência do uso dos mesmos conceitos dessas autoras destacadas, entendemos isso como uma forma de produzir e agrupar o que vem sendo dito sobre as mulheres no futebol. E isso nos inclinou para pensar a função autor trabalhada por Foucault (2012), ao afirmar que

o autor, não é entendido, é claro, como o indivíduo falando que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência. [...] nos domínios onde a atribuição a um autor é de regra – literatura, filosofia, ciência – vê-se bem que ela não desempenha sempre o mesmo papel; na ordem do discurso científico, a atribuição a um autor era, na Idade Média, indispensável, pois era um indicador de verdade. Uma proposição era considerada como recebendo de seu autor seu valor científico (FOUCAULT, 2012, p.25).

Apesar de o autor ser uma posição ocupada por alguém em um discurso, não se preocupa com quem fala, mas o que fala, desempenhando alguma funcionalidade, como, por exemplo, agrupar discursos. Assim, as autoras e seus conceitos usados recorrentemente, desempenham funções em um discurso.

Começando pela recorrência da historiadora Joan Scott, a qual passou a servir de referência desde a década de 80, a mesma foi

influenciada pelas correntes pós-estruturalistas que se inspiraram no pensamento de Foucault e Derrida, esquematizou uma nova forma de pensar gênero, a partir de uma crítica a outras concepções, inclusive a do sexo/gênero, que, em sua opinião, eram incapazes de historicizar a categoria sexo e o corpo. Assim, Scott reforça uma utilidade analítica para o conceito de gênero, para além de um mero instrumento descritivo, e chama a atenção para a necessidade de se pensar na linguagem, nos símbolos, nas instituições

⁴¹SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99. Jul./dez. 1995.

⁴²BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003. 236 p.

⁴³LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 8ª edição, 1997.

⁴⁴ NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis (SC), 2000; 8(2): 9-42.

e sair do pensamento dual que recai no binômio homem/mulher, masculino/feminino⁴⁵.

Algumas das enunciações que usam o conceito de gênero, a partir da concepção de Joan Scott (1995), foram utilizadas do texto “*Gênero: uma categoria útil de análise histórica*”, apontando que,

“*Gênero é entendido também como uma categoria de análise (SCOTT, 1995) que propicia observarmos e analisarmos o que se define por masculino e feminino, não como um dado, mas como construções culturais sobre as diferenças percebidas entre os sexos. Joan Scott (1995) considera que pensar gênero como uma construção social e relacional não descarta as diferenças biológicas existentes entre os sexos, mas que, baseadas nessas diferenças, outras são construídas. Essas construções dizem respeito ao modo de se vestir, atitudes, comportamentos, funções e lugares sociais entre outros. Assim, a autora define gênero como ‘um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornecem um meio de decodificar o significado e compreender as complexas formas de interação humana’ (p.89)” (LLANE, 2012, p. 23).*

“*Nas palavras da historiadora Joan Scott (1995), gênero – no aspecto relacional das definições normativas de feminilidade – indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’, e, introduzia uma noção relacional ao vocabulário analítico, no sentido de que as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de qualquer um poderia existir através de estudo inteiramente separado” (LEILA, 2012, p. 12).*

Outro conceito identificado e de referência desde os anos 80 é o da filósofa Judith Butler, a qual é

uma das autoras mais badaladas da atualidade, inspiradora da vertente queer – se debruça em uma crítica ao feminismo, balançando uma série de categorias a princípio tão sólidas, tais como mulher e identidade. Butler expõe a ordem que prevê total coerência entre o sexo, gênero e o desejo/prática sexual, no bojo da sociedade heteronormativa. Nessa linha, Butler reconceitua gênero, compartilhando certas referências com Scott, e trazendo de vez o corpo e o sexo para o campo discursivo, questionando sua pretensa materialidade⁴⁶.

As enunciações com o conceito de gênero produzido por Judith Butler (2003), no texto “*Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*”, marcam que,

⁴⁵ Referência retirada do site <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/04/09/o-conceito-de-genero-por-seis-autoras-feministas/>. Acessado em outubro de 2015.

⁴⁶ Referência retirada do site <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/04/09/o-conceito-de-genero-por-seis-autoras-feministas/>. Acessado em outubro de 2015.

Para Butler, “a distinção entre sexo e gênero é problemática. Para ela, a performance do gênero, sexo e sexualidade não é uma escolha voluntária, mas uma escolha socialmente permitida para parecer coerente ou natural, imposta aos sujeitos por meio de técnicas disciplinares coercitivas repetidas através do tempo. Mais que um atributo fixo em uma pessoa, gênero era para essa autora uma variável que pode se alterar em diferentes contextos e em diferentes tempos, ou seja, o gênero é uma relação entre sujeitos constituídos socialmente em contextos específicos. É o que um sujeito faz em um determinado tempo, mais que aquilo que ele é considerado universalmente. Seria sua identidade cultural naquele momento e naquele espaço” (MARINEZ, 2007, p.24).

Outra autora recorrente é a professora/pesquisadora brasileira Guacira Lopes Louro, a qual é uma referência nacional e

contribuiu para a constituição e a consolidação do campo de estudos sobre gênero, sexualidade, teoria *queer* e educação no Brasil. Pesquisadora da temática desde a década de 1990, quando traduz o Artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” de Joan Scott (Porto Alegre: Faculdade de Educação UFRGS, 1990) [...].

Tem várias publicações na área de gênero, sexualidade, teoria *queer* e educação em revistas e livros nacionais e estrangeiros (BRÍCIO, 2012, p.1).

As enunciações que trazem o conceito de gênero de Guacira Louro (1997) se baseiam no texto “*Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*” e trazem que,

“Para Louro, ‘o conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos’ (1997, p. 23). Porém, a contribuição que destaco de Louro e Meyer, na abordagem da característica relacional do gênero, consiste em não confundir-la com a ‘construção de papéis masculinos e femininos’ (LOURO, 1997, p. 23)” (RAQUEL, 2008, p.26).

“Foi criado o termo gênero no sentido de ‘demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade [...]’ (LOURO, 1997, p.21)” (FABIO, 2009, p. 42).

Outro conceito utilizado é o da historiadora norte-americana Linda Nicholson⁴⁷, que se dedica à temática envolvendo os estudos de gênero e sexualidade, estudos sobre a mulher, teorias feministas.

⁴⁷ Referência retirada do site https://history.artsci.wustl.edu/linda_nicholson. Acessado em outubro de 2015.

As enunciações que aparecem usando o conceito de gênero a partir da autora Linda Nicholson (2000) foram fundamentadas no texto *“Interpretando o gênero”* e dizem que,

“Linda Nicholson (2000) traça uma profunda análise do desenvolvimento histórico do conceito de gênero, mostrando que este conceito possui suas raízes na soma e na articulação de (...) duas ideias centrais do pensamento ocidental moderno: o da base material da identidade e da construção social do caráter humano” (JORGE, 2006, p.30).

“o conceito de gênero sob a visão de Linda Nicholson. No texto ‘interpretando o gênero’, a autora constata que o conceito em questão tem ‘suas raízes na junção de duas idéias importantes do pensamento ocidental moderno: a da base material da identidade e a da construção social do caráter humano’ (2000, p. 10). Em outras palavras, o termo gênero possui relações tanto com os fatos biológicos quanto com os culturais, pois segundo ela, essas relações com a biologia e com a cultura possibilitam que a compreensão e a utilização do termo gênero ocorram a partir de duas perspectivas: o determinismo biológico e o ‘fundacionalismo biológico’” (RAQUEL, 2008, p.24).

Essas são algumas enunciações que estão nas teses e dissertações, as quais se apropriam dos mesmos conceitos e das mesmas autoras. Esses nos ajudaram a perceber que essas autoras são legitimadas a falar quando o assunto são os estudos de gênero. Embora tenhamos extraído somente algumas enunciações para demonstrar, as teses e dissertações que utilizam os mesmos conceitos ou ideias tratadas pelas mesmas autoras são de diversas áreas como a Educação Física, Serviço Social, Sociais e Humanidades, História, Educação, Psicologia Social, Psicologia e Antropologia. Assim, podemos dizer que essas recorrências acabam abrindo um diálogo para produzir quem são as mulheres no futebol, aproximando diferentes áreas do conhecimento em que as teses e dissertações estão distribuídas.

E como todas essas recorrências associadas a gênero nos ajudaram a pensar sobre as mulheres no futebol? Através do entendimento de que nas teses e dissertações analisadas, parte-se de uma referência de gênero que vem operando na constituição do sujeito a partir de relações de poder e saber, que se dedicam a analisar os padrões e modelos que constituem a feminilidade e a masculinidade das quais homens e mulheres são submetidos.

Considerando esses dados que foram produzidos até o momento e trabalhando com as enunciações, percebemos que ao analisar as noções de gênero nas teses e dissertações, alguns elementos estavam associados e circulando por diferentes áreas do

conhecimento. Em outras palavras, essas constatações vêm possibilitando pensar e suspeitar de um suposto enunciado, ou seja, gênero como um possível enunciado que atravessa as teses e dissertações que falam sobre as mulheres no futebol. Isso é possível de afirmar, porque conseguimos vislumbrar características daquilo que Foucault (2013) propôs como sendo constituintes de um enunciado.

Primeiramente, o que seriam enunciados? O que nos permite suspeitar de um possível enunciado? Como o identificamos? Como vamos extraí-lo e analisá-lo?

Buscando nos movimentar a partir destes questionamentos, construímos algumas estratégias e ferramentas teóricas e metodológicas que partem do entendimento de que o enunciado

é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita) (...) É essa função que é preciso descrever agora como tal, ou seja, em seu exercício, em suas condições, nas regras que a controlam e no campo em que se realiza (FOUCAULT, 2013, p.105).

Trouxemos o excerto para direcionar a escrita as quatro (4) condições ou características da função enunciativa que devem ser preenchidas, “para que uma sequência de elementos linguísticos possa ser considerada e analisada como um enunciado” (FOUCAULT, 2013, p.120). Para o autor, entender o enunciado enquanto uma “função” requer que as quatro características sejam preenchidas: 1) um referente, 2) um sujeito, 3) domínios associados e 4) a existência material. Operando com isso, podemos suspeitar que gênero seja um enunciado, pois possui:

1) A existência de um referente: “o referencial do enunciado forma lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado” (FOUCAULT, 2013, p. 110). É o que é posto em jogo, não é apenas aquilo que é dito, onde podemos encontrar possibilidades de recorrência. A produção do conhecimento que analisamos nos permitiu visualizar que o referente está pautado na constatação biologicista das diferentes formas de ser homens e mulheres, isto é, na divisão biológica que os separa e classifica como algo natural, essencial.

2) A existência de um sujeito: “é um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes” (FOUCAULT, 2013, p. 115), pois o

sujeito é uma posição ocupada. Assim sendo, o sujeito do enunciado não é o sujeito da frase, nem o autor, mas todos que vierem a interagir com a formulação e que nessa posição se enxergam.

Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer); mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito (FOUCAULT, 2013, p. 116).

Entendemos que, no caso das teses e dissertações analisadas, o sujeito deste enunciado seria a posição de mulher ou quem está na condição de ser falado nas teses e dissertações, podendo ser homens e mulheres ou outros que nessa condição se identificam, que poderão ser interpelados, atravessados pelo que é dito.

3) Um domínio associado: “um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados” (FOUCAULT, 2013, p. 118), ou seja, eles coexistem com outros enunciados, a partir de relações possíveis, com campos que se ligam, se conectam, se associam, em contextos determinados. Na nossa análise, os elementos que se associam seriam o do preconceito, da discriminação, da violência, da sexualidade que poderiam ser possíveis enunciados que estariam no mesmo nível de gênero e o sustentam e apoiam se eles estiverem, neste caso, associado às mulheres no futebol.

4) Uma existência material: o enunciado é repetível, porém, necessita e é apresentado através de uma materialidade específica, uma forma concreta que não pode ser repetida. Nesse caso, essa característica é preenchida através das enunciações extraídas que produzem uma materialidade específica e concreta nas teses e dissertações que acionam a noção de gênero para tratar de mulheres no futebol. Essa materialidade é o que está dito e pode ser entendida como enunciação.

Diante do exposto, não queremos dizer que os fragmentos extraídos são estruturas ou unidades que caracterizariam um enunciado, mas permitem uma “função de existência”, ou seja, o enunciado “não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (FOUCAULT, 2013, p.105). Para o autor, é

a função enunciativa [que] faz aparecer o enunciado como um objeto específico e paradoxal, mas também como um objeto entre os que os homens produzem, manipulam, utilizam, transformam, trocam, combinam, decompõem e recompõem, eventualmente destroem. Em vez de ser uma coisa dita de forma definitiva - e perdida no passado, como a decisão de uma

batalha, uma catástrofe geológica ou a morte de um rei -, o enunciado, ao mesmo tempo que surge em sua materialidade, aparece com um *status*, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra em operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga. Assim, o enunciado circula, serve, se esquivava, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade (FOUCAULT, 2013, p.128).

Considerando que o enunciado exerce uma função enunciativa, Foucault (2013) aponta que:

A análise enunciativa supõe, finalmente, que se levem em consideração os fenômenos de *recorrência*. Todo enunciado compreende um campo de elementos antecedentes em relação aos quais se situa, mas que tem o poder de reorganizar e de redistribuir segundo relações novas. Ele constitui seu passado, define, naquilo que o precede, sua própria filiação, redesenha o que o torna possível ou necessário, exclui o que não pode ser compatível com ele. Além disso, coloca o passado enunciativo como verdade adquirida, como um acontecimento que se produzia, como uma forma que se pode modificar, como matéria a transformar, ou, ainda, como objeto de que se pode falar (FOUCAULT, 2013, p.152).

O que fizemos nesta pesquisa foi olhar para as enunciações e identificar algumas recorrências em relação ao que é dito sobre as mulheres no futebol, dando-nos condições de suspeitar da emergência de enunciados. Neste caso, foi a constatação de existência do enunciado de gênero, que vem orientando o nosso olhar e que vem atravessando e funcionando sobre a temática, possibilitando enxergar as mulheres no futebol a partir dessa perspectiva. Assim, o enunciado teria uma função que atravessa a linguagem, produzindo um conjunto de saberes tidos como verdades fazendo com que o discurso funcione, circule.

Trabalhando com a função autor e percebendo que a recorrência era de conceitos trazidos por mulheres, abrimos uma brecha na discussão de gênero, inclinando o olhar para ver quem estava produzindo essas teses e dissertações que foram analisadas, no que se refere à relação de homens e mulheres que hoje estão produzindo saberes sobre a temática mulheres no futebol.

Nesse sentido, para além do futebol, lançamos um olhar para a presença e inserção da mulher na Ciência. O que vimos foi que 17 teses e dissertações foram produzidas por mulheres e 21 por homens.

Diferente do que encontramos na nossa pesquisa, alguns estudos como os de Silva (2012), Chassot (2004) e Olinto (2011) demarcam a superioridade masculina no fazer científico, ou seja, uma das ideias que se tem ainda hoje é a de que quem produz

conhecimento na ciência, na maioria, são os homens, constituindo o pensamento de que a ciência é masculina.

Silva (2012) nos aponta que desde os anos 1970 as pesquisas sobre a inclusão da mulher na Ciência vêm ganhando um olhar de destaque, mas aponta que a mulher foi e ainda está sob o “olhar da invisibilidade” em algumas áreas ou temas.

No contexto brasileiro, por um longo período a educação feminina esteve restrita ao ensino elementar, uma vez que a educação superior era eminentemente masculina. As mulheres foram excluídas das primeiras faculdades brasileiras – Medicina, Engenharia e Direito – estabelecidas no século XIX (SILVA, 2012, p.19).

A autora analisou a participação das mulheres na Ciência, entrevistando cientistas de diferentes áreas do conhecimento como da Farmácia, das Ciências Biológicas, da Física e da Engenharia de Computação. Ela utiliza algumas ferramentas dos estudos de gênero e feministas para debater essa questão que perpassa pelas funções e características as quais constituem homens e mulheres na sociedade. Ela concluiu que, especificamente nessas áreas, os padrões e os valores são masculinos, gerando preconceito de gênero, o que dificulta e restringe a participação das mulheres na Ciência. Para Silva (2012), estas constatações levam as mulheres a terem que se adaptar ao modelo considerado masculino para que pensem, façam ciência e adquiram sucesso profissional. Segundo a autora,

o mundo da ciência se estruturou em bases quase exclusivamente masculinas, ora excluindo as mulheres, ora negando as suas produções científicas, através de discursos e práticas nada neutros. Contudo, apesar dos mecanismos de exclusão, seja pelos processos formais que impediam por leis ou regulamentos o acesso das mulheres às universidades, pelos discursos científicos que, ao “naturalizarem” as diferenças entre homens e mulheres, determinavam os lugares sociais que os sujeitos deveriam ocupar de acordo com suas características biológicas, ou até mesmo pelos processos culturais de invisibilização de mulheres cientistas ao longo da história, as mulheres, em maior ou menor representatividade, estiveram presentes e atuantes na história das ciências (SILVA, 2012, p.20).

Além disso, este estudo apontou que determinadas áreas do conhecimento são ditas masculinizadas ou feminizadas, em função de características biológicas (sexo) que diferenciariam homens e mulheres, justificando que elas fazem ciência de maneira diferente dos homens (SILVA, 2012).

Chassot (2004) afirma que as mulheres estão produzindo ciência há muitos anos, porém, com uma representatividade e reconhecimento muito inferior aos homens e que isso estaria sustentado em explicações históricas e biológicas. Sua discussão traz como a mulher era vista a partir das vertentes greco-judaica-cristãs, base para a construção de

uma sociedade machista, e que isso contribuiu para que houvesse a superioridade masculina também na Ciência:

O número de mulheres que se dedicam às Ciências, em termos globais, é ainda menor que o de homens, mesmo que se possa dizer que nas décadas que nos são mais próximas tem havido uma muito significativa presença das mulheres nas mais diferentes áreas da Ciência, mesmo naquelas que antes pareciam domínio quase exclusivo dos homens. Parece que usualmente não se valorizam significativamente as contribuições femininas (CHASSOT, 2004, p. 22).

Em relação a uma possível superioridade masculina nas produções sobre as mulheres no futebol, nossa pesquisa não demonstrou tal fato e a diferença nos nossos dados não foram significativos. Por outro lado, o estudo de Olinto (2011), que analisa a diferença estabelecida e mantida entre homens e mulheres no campo científico, destaca que as mulheres têm suas possibilidades de escolhas profissionais reduzidas, devido às situações e papéis marcados socialmente, como a maternidade, os cuidados com a família e a casa, que são impostas e pré-estabelecidas e que, muitas vezes, não possibilita que elas escapem.

Reconhecemos, em nossa análise, que a quantidade de teses e dissertações realizadas por homens foi maior que a das mulheres, mas não podemos afirmar que houve ou não superioridade significativa. De acordo com nosso corpus de análise, foi possível visualizar que tanto homens e mulheres estão produzindo saberes sobre as mulheres no futebol, a partir de diferentes áreas do conhecimento.

Nesse sentido, o que se busca não se conforma apenas em só constatar e denunciar a situação da mulher na sociedade, e não só para chamar a atenção para a mulher no futebol, ela ultrapassa no sentido de buscar mudar as relações sociais e culturais que estão postas com relação à mulher.

V. E por falar em mulheres no futebol...

O que constitui o interesse principal da vida e do trabalho é que eles lhe permitem tornar-se diferente do que você era no início. Se, ao começar a escrever um livro, você soubesse o que irá dizer no final, acredita que teria coragem de escrevê-lo? O que vale para a escrita e a relação amorosa vale também para a vida. Só vale a pena na medida em que se ignora como terminará (FOUCAULT, 2004, p.294)⁴⁸.

Trouxemos a citação de Michel Foucault para este fechamento, pois corrobora com o que buscamos desde o início desta dissertação. Queremos dizer com isso que, quando propusemos esta pesquisa, o que nos interessava era o processo de escrita através daquilo que nos movia, do que impulsionava o pensamento, não para por um ponto final naquilo que pretendíamos investigar, mas para reconhecer até onde chegaríamos, através de uma maneira de olhar para o que estava sendo dito sobre as mulheres no futebol nas teses e dissertações do Banco de Teses CAPES. Assim como, também, buscamos lançar algumas possibilidades para quem sabe, num próximo encontro, dar sequência ao que foi analisado até o momento e propor novos investimentos de pesquisa, pois esse assunto ainda está por ser falado.

Em função disso, através da escolha por um modo de operar os dados, não estabelecemos a priori para onde olhar e sim nos movimentamos a partir dos encontros e das inquietações que nos atravessavam com questões recorrentes, reverberadas e que funcionam enquanto verdades que produzem as mulheres no futebol. Não para denunciar essas questões, mas para entender como determinadas recorrências são produzidas. Para nós, que buscamos desconfiar das obviedades, entender o que vem sendo dito e como as mulheres no futebol são produzidas, se trata de perceber que a linguagem não é neutra, pois o que é dito sobre elas constitui, constrói, produz as mulheres de que fala.

Debruçadas sobre as teses e dissertações, foram identificadas algumas recorrências, que o nosso olhar foi se inclinando para construir o objetivo desta pesquisa, do qual não partimos, mas fomos esculpindo até chegar a ele, a partir da delimitação e do manuseio do corpus de análise. Objetivamos extrair e analisar as enunciações das teses e dissertações que falam sobre as mulheres no futebol, publicadas no Banco de Teses CAPES, entre os anos de 2005 e 2012. Do encontro com alguns argumentos recorrentes, buscamos responder a esse objetivo.

⁴⁸ FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade e política. Coleção Ditos & Escritos, V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

Para começar, primeiramente suspeitamos que as teses e dissertações que falavam sobre as mulheres no futebol buscavam o que chamamos de a construção do ser mulher (da mulher) no futebol das torcedoras, integrantes de torcidas organizadas, espectadoras, técnicas, gestoras e “mulheres que jogam futebol” - jogadoras, praticantes, atletas, futebolistas.

Foi a partir dessa visualização que foi possível pensar que as enunciações acionavam o modelo de homem, de masculino e de masculinidade, que servia como referência para pensar a construção do ser mulher (da mulher) no futebol, implicando em modos de agir, de praticar, de se comportar, de ser e estar no futebol. Nas enunciações vimos que a característica do futebol estaria mais próxima da masculina e isso acabou produzindo o que é esperado de uma mulher na sociedade, ocupando uma situação/figura de coadjuvante, acompanhante, incentivadora, em uma posição inferior a do homem e ficando à margem e à sombra dele, sendo desvalorizada por estar aquém dessa referência masculina.

Entendemos que a construção do ser mulher (da mulher) no futebol e ao assumirem determinadas posições que não eram previstas para elas são questionadas, à medida que reivindicam, borram as fronteiras do que é posto para elas e para eles, disputando e ocupando espaços que pretensamente seria dos homens. Ser uma mulher no futebol gera estranhamento, pois parece não se enquadrar no que é esperado social e culturalmente para ela, é escapar do padrão essencializado, natural de mulher, acarretando conflitos e disputas no que se espera da mulher, do feminino e da sua feminilidade, sendo que, no futebol, elas são destacadas justamente por estarem fora desse padrão, que acaba produzindo como está sendo vista a mulher nesse espaço, cuja referência é o homem, o masculino e a masculinidade.

Ainda foi possível vislumbrar uma forte associação do futebol com a masculinização da mulher, colocando sob suspeita a sua sexualidade e gênero. Essa associação tenta produzir uma identidade de que ser uma mulher no futebol, é também ser homossexual, ter uma aparência e comportamento masculino. Esse destaque dado é recorrente, principalmente, às mulheres que jogam futebol, embora algumas das gestoras, técnicas e torcedoras também carreguem essa imagem. O que nos leva a suspeitar que essas mulheres são consideradas fora dos padrões de uma normalidade, resultando em rotulações e estigmatizações fixadas, inclusive, pelo discurso científico. Porém, entendemos que não há um único modo de ser mulher no futebol, embora as

teses e dissertações permitam construir um, mas que há diversas possibilidades de ser mulher.

Identificamos que as mulheres no futebol são associadas a elementos como violências, preconceitos e discriminações, geralmente, relacionados à sexualidade e ao gênero. Esses elementos se misturam, se complementam, se caracterizam, se justificam e são percebidos de diferentes formas, independente da posição que elas ocupam. Muitas vezes, esses elementos são trazidos e tomados a priori para justificar porque há falta de patrocínio ao futebol feminino, há invisibilidade, não há apoio, há silenciamentos, que são explicados pela suposta associação de que mulheres no futebol seriam masculinizadas e homossexuais. Além disso, haveria um comprometimento do processo de desenvolvimento, inserção e permanência das mulheres nesse cenário futebolístico, que socialmente e culturalmente não foi pensado para elas.

Dando continuidade, tratamos o acionamento da noção de gênero como uma recorrência expressiva e que transitou, atravessou as teses e dissertações, pois nas enunciações percebemos que essa noção vem tendo usos diferentes, sendo acionada como um pressuposto de temáticas relacionadas à mulher, a partir de alguns qualificativos como discussão de gênero, aspectos relacionais dos gêneros, relações de gênero, questão de gênero, desigualdades de gênero, conceito de gênero. Também percebemos que a apropriação do uso dos mesmos conceitos de gênero foi recorrente e abriu um diálogo entre as áreas do conhecimento em que as teses e dissertações estão distribuídas.

Esses desdobramentos nos levaram a suspeitar de um suposto enunciado, ou seja, que gênero poderia ser um enunciado que atravessa e faz funcionar parte do discurso científico sobre as mulheres no futebol, produzindo verdades que as constituem e geram efeitos. Entendemos que isso venha se construindo como uma maneira de pensar, falar e produzir sobre essa temática. Colocamos como uma possibilidade de gênero ser um enunciado, pois para afirmar isso precisaria buscar outras produções científicas, as condições e possibilidades, a emergência e funcionalidade que permitiram que o enunciado fosse produzido, inventado, construído. Porém, foi uma possibilidade que merece ser melhor discutida, mais bem tratada, merecendo um estudo mais aprofundado.

Desse modo, percebemos que as enunciações permitiram enxergar como as mulheres no futebol estão sendo constituídas nessas teses e dissertações e que há uma luta constante, não só no futebol, mas em todos os esportes para adquirirem respeito,

reconhecimento, espaço, visibilidade. Não seria a mudança do ser mulher (da mulher) no futebol que faria com que preconceitos, estereótipos, estigmatizações acabassem e nem que se a mulher no futebol apresentasse feminilidades normatizadas, elas seriam reconhecidas.

Para nós, ser mulher ou ser homem não é somente binarismo, antagonismo, masculino ou feminino, mas sim uma diversidade de “seres” que vai nos constituindo. É olhar para o pensamento e tentar sair da possibilidade de não pensar mulher e homem a partir de uma divisão biológica. Inclusive para pensar também os esportes ditos masculinos e femininos. As linhas de fuga apontadas ainda continuam dentro dessa ideia, de que os saberes e conhecimentos biológicos reconhecem que só existem esses dois seres. E essa tem sido a referência das quais os estudos sobre as mulheres no futebol continuam se apoiando, utilizando.

Vale ressaltar que se tem como referência o futebol como espaço do homem, masculino e de masculinidades, mas por que as mulheres têm/teriam que jogar, participar, agir e atuar no futebol, a partir das mesmas formas de organização e de profissionalização dos homens?

Lançamos um olhar para as recorrências a fim de tentar superar as denúncias relacionadas às mulheres no futebol, pois não enxergamos que o caminho seja seguir denunciando essas questões, mas sim apontar o caráter político que essas questões fazem ou deveriam acionar. Pois percebemos que a necessidade é de buscar politizar a visibilidade, os engajamentos, os empoderamentos, o reconhecimento, as lutas políticas por espaços, oportunidades, igualdade, a partir do que temos e do que podemos produzir.

Reconhecemos que outros enfoques ou investimentos analíticos poderiam ser realizados, envolvendo as áreas do conhecimento, como estudar os tempos, os espaços e as perspectiva teóricas e metodológicas destas dissertações e teses, fazendo um diálogo entre estes dados, bem como cruzando com as temáticas, os programas e os anos em que as pesquisas foram desenvolvidas. Porém, estes empreendimentos demandariam outras análises e, independente do tempo que nos é institucionalizado, no momento, tivemos que fazer escolhas, além de existir a possibilidade deste investimento nos remeter a outras iniciativas que nos deslocariam do foco desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Estudos Feministas**, 2002. p. 119 - 141.

BRÍCIO, Vilma. CONVERSACÕES SOBRE GÊNERO, SEXUALIDADE, TEORIA *QUEER* E EDUCAÇÃO: ENTREVISTA COM GUACIRA LOPES LOURO. **ARTIFÍCIOS**. Revista do Difere, v. 2, n.4, dez/2012.

CHASSOT, Attico. A Ciência é masculina? É, sim senhora!... **Contexto e Educação** – Editora UNIJUÍ, ano 19. n.71/72 – jan/dez 2004. p. 9 – 28.

CHAUÍ, Marilena. Ética e violência. **Teoria & Debate**, Ano 11, n. 39, out/nov/dez 98, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, p. 32-41. Disponível em: <http://www.teoriaedebate.org.br/index.php?q=materias/sociedade/etica-e-violencia&page=0,0>. Acesso em setembro 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FILHO, Amílcar Torrão. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **cadernos pagu** (24), janeiro-junho de 2005, pp.127-152.

FISCHER, Rosa. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**. Rio de Janeiro, n. 114, 2001, p. 197 - 223.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P e DREYFUS, H. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

_____. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. **VERVE: Revista Semestral do NU-SOL - Núcleo de Sociabilidade Libertária**, São Paulo, n.5, p. 260-277, maio 2004.

_____. **A ORDEM DO DISCURSO**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 22. ed., 2012.

_____. **A arqueologia do saber**. 8. ed. 2. tiragem. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

GOMES-SANTOS, Sandoval Nonato. **SABERES SOBRE O CONCEITO DE GÊNERO: O PROBLEMA DOS CORPORA DE INVESTIGAÇÃO**. Anais do 6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, Florianópolis – SC, 2006.

HENNING, Paula; CHASSOT, Attico. Por uma ciência do riso e da sabedoria. **Revista Espaço Acadêmico**. n.109, 2010.

LOURO, Guacira. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**. 25 (2), jul./dez, 2000. p. 59-76.

_____. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MARIANO, Silvana A. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(3): 320, setembro/dezembro, 2005. p. 483 – 505.

MORENO, Jamile. Conceito de minorias e discriminação. **Revista USCS – Direito – ano X - n. 17 – jul./dez. 2009**

MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO, J. (Org). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, p. 131-147.

OLINTO, Gilda. **A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil**. Inc. Soc., Brasília, DF, v. 5 n. 1, p.68-77, jul./dez. 2011.

PINHEIRO, Viviane. Preconceito, moralidade e educação moral para a diversidade. **Revista Brasileira de Educação**. v. 16 n. 46 jan./abr. 2011.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Palavra: Discurso. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SILVA, Fabiane Ferreira da. **Mulheres na ciência: vozes, tempos, lugares e trajetórias**. Rio Grande: FURG, 2012. 147f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O Adeus às metanarrativas educacionais. In: _____. **O sujeito da educação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996, p. 236- 258.

STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. São Paulo: Editora 34, 2002.

THOMASSIM, Luís Eduardo Cunha. Imagens das crianças da periferia em projetos sociais esportivos. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; SILVEIRA, Raquel da. **O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p.97-115.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares. In.: COSTA, Marisa Vorraber (org). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, . p. 23-38, 2002.

_____. **Foucault & a educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2004.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2.ed., 2013.

OUTRAS REFERÊNCIAS

<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/04/09/o-conceito-de-genero-por-seis-autoras-feministas/>. Acessado em outubro de 2015.

https://history.artsci.wustl.edu/linda_nicholson. Acessado em outubro de 2015.

<http://www.nuteses.ufu.br/index.php?id=22>, Acessado durante o ano de 2013.

<http://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acessado durante o ano de 2013.

<http://www.dominiopublico.gov.br/Missao/Missao.jsp>. Acessado durante o ano de 2013.

<http://bancodeteses.capes.gov.br/>. Acessado durante o ano de 2013.

Fontes analisadas

ALMEIDA, Rosângela de Sena. **Imprensa e Futebol Feminino no Brasil: a Memória Discursiva em Campo**. 2009. 122 f. Dissertação (Mestrado em MEMÓRIA SOCIAL) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2009.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **Mulheres Torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube Presentes no Mineirão**. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2010.

CAPITANIO, Ana Maria. **Mulher, gênero e esporte: a análise da auto-percepção das desigualdades**. 2005. 103 f. Dissertação (Mestrado em EDUCAÇÃO FÍSICA) - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2005.

CHAN-VIANNA, Alexandre Jackson. **Meninas que jogam bola: identidades e projetos das praticantes de esportes coletivo de confronto no lazer**. 2010. 210 f. Tese (Doutorado em EDUCAÇÃO FÍSICA) - UNIVERSIDADE GAMA FILHO, 2010.

CHELUCHINHAK, Aline Barato. **O consumo das práticas do lazer e de bens culturais por quem produz conhecimento científico tecnológico junto ao Lactec**. 2010. 215 f. Dissertação (Mestrado em EDUCAÇÃO FÍSICA) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 2010.

CORDEIRO, Marco Antônio dos Santos Carneiro. **Relação do polimorfismo I/D do gene ACE com a capacidade funcional aeróbica de mulheres jovens.** 2010. 111 f. Dissertação (Mestrado em EDUCAÇÃO FÍSICA) – UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA, 2010.

COSTA, Felipe Rodrigues da. **A escola, o esporte e a concorrência entre estes mercados para jovens atletas mulheres no futsal de Santa Catarina.** 2012. 85 f. Tese (Doutorado em EDUCAÇÃO FÍSICA) - UNIVERSIDADE GAMA FILHO, 2012.

CUNHA, Renata de Andrade Cunha. **Elaboração e Validação do Questionário sobre Qualidade de Vida de Atletas QQVA.** 2008. 103 f. Dissertação (Mestrado em CIÊNCIAS DO ESPORTE) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, 2008.

EVANGELISTA, Paulo Henrique Mellender. **As Atitudes Morais no Esporte de Competição: um Estudo Descritivo-Exploratório com Atletas dos Jogos Coletivos de Invasão.** 2011. 82 f. Dissertação (Mestrado em CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2011.

FERRAZ, Marcelo Antônio. **A preferência pela prática de atividades físicas e esportivas: uma análise psicofísica.** 2005. 176 f. Tese (Doutorado em PSICOLOGIA) - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO/ RIBEIRÃO PRETO, 2005.

FERREIRA, Heidi Jancer. **O Percurso de Mulheres como Técnicas Esportivas no Brasil.** 2012. 101 f. Dissertação (Mestrado em EDUCAÇÃO FÍSICA) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, 2012.

FILONI, Eduardo. **Índice do arco plantar, linha de Feiss, classificação de Viladot e índice na Staheli para avaliação do arco longitudinal medial do pé em praticantes de futebol feminino.** 2009. 75 f. Dissertação (Mestrado em SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, 2009.

GOMES, Sérgio Adriano. **Tipologia dos Esquemas de Gênero e os Níveis de Aptidão Física dos Atletas de Futsal.** 2007. 88 f. Dissertação (Mestrado em EDUCAÇÃO FÍSICA) - UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA, 2007.

HILLEBRAND, Marinez Domeneghini. **Dando voz às Mulheres Participantes do Esporte Universitário: Contradições e Desafios para a Prática Esportiva.** 2007. 162 f. Tese (Doutorado em SERVIÇO SOCIAL) - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, 2007.

JUNIOR, José Roberto Andrade do Nascimento. **Estudo da validação do questionário de ambiente de grupo e sua relação com a liderança no contexto esportivo competitivo.** 2011. 149 f. Dissertação (Mestrado em EDUCAÇÃO FÍSICA) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, 2011.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Femininos e masculinos no futebol brasileiro**. 2006. 494 f. Tese (Doutorado em PSICOLOGIA SOCIAL) - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2006.

MELILLO, Carlos Eduardo Naliato. **Mulheres da classe alta no futebol: o caso do Nova Iguaçu Country Club**. 2010. 84 f. Dissertação (Mestrado em EDUCAÇÃO FÍSICA) - UNIVERSIDADE GAMA FILHO, 2010.

MORAES, Enny Vieira. **As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970 - 1990)**. 2012. 287 f. Tese (Doutorado em HISTÓRIA) - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, 2012.

MOURA, Petrucio Venceslau de. **Imagem Corporal do Atleta: a Experiência da Dor Física no Esporte de Rendimento**. 2011. 104 f. Dissertação (Mestrado em EDUCAÇÃO FÍSICA) - UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA, 2011.

NISHIMORI, Ricardo. **Avaliação do Estado Nutricional do Micronutriente Ferro em Atletas Femininas**. 2008. 98 f. Dissertação (Mestrado em ALIMENTOS E NUTRIÇÃO) - FACULDADE DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS DE ARARAQUARA, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ARARAQUARA, 2008.

NORONHA, Marcelo Pizarro. **Futebol é coisa de mulher! Um estudo etnográfico sobre o lugar feminino no futebol clubístico**. 2010. 233 f. Tese (Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS) - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, 2010.

PAIM, Maria Cristina Chimelo. **Violência contra a Mulher no Esporte sob a Perspectiva de Gênero**. 2006. 121 f. Tese (Doutorado em PSICOLOGIA) - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, 2006.

PAIVA, Euza Maria de. **Participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas**. 2006. 249 f. Tese (Doutorado em EDUCAÇÃO FÍSICA) - UNIVERSIDADE GAMA FILHO, 2006.

PENNA, Cleuza Maria Abranches. **Brincadeiras no Recreio: uma Reflexão sobre as Relações de Gênero e Sexualidade**. 2011. 83 f. Dissertação (Mestrado em EDUCAÇÃO) - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/BOTUCATU, 2011.

PEREIRA, Fabio Alves dos Santos. **Currículo, educação física e diversidade de gênero**. 2009. 198 f. Dissertação (Mestrado em EDUCAÇÃO) - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, 2009.

PISANI, Mariane da Silva. **PODEROSAS DO FOZ: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol**. 2012. 166 f. Dissertação

(Mestrado Acadêmico em ANTROPOLOGIA SOCIAL) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2012.

POLIZELLI, Adriano Borges. **Análise Eletromiográfica do Músculo Adutor e Abdominal Inferior Durante Atividade do Chute em Jogadores de Futsal.** 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado em BIOENGENHARIA) - UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA, 2009.

RODRIGUES, Hilton José Gurgel. **Padrão de conhecimento do atleta amador de Bauru-SP, relacionado aos cuidados da saúde bucal.** 2005. 128 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em ORTODONTIA E ODONTOLOGIA EM SAÚDE COLETIVA) - ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA LUIZ DE QUEIROZ, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2005.

SACCOL, Michele Forgiarini. **Contribuição das forças musculares isocinéticas de joelho e tronco para aquisição da massa óssea em atletas de futebol feminino.** 2007. 49 f. Dissertação (Mestrado em MEDICINA - REUMATOLOGIA) - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2007.

SALVINI, Leila. **Novo Mundo Futebol Clube e o “Velho Mundo” do Futebol: Considerações sociológicas sobre o Habitus Esportivo de Jogadoras de Futebol.** 2012. 177 f. Dissertação (Mestrado em EDUCAÇÃO FÍSICA) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 2012.

SANTOS, Henrique Sena dos. **Pugnas Renhidas: Futebol, Cultura e Sociedade em Salvador, 1901 – 1924.** 2012. 363 f. Dissertação (Mestrado em HISTÓRIA)- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, 2012.

SILVEIRA, Raquel da. **Esporte, Homossexualidade e Amizade: Estudo Etnográfico sobre o Associativismo no Futsal Feminino.** 2008. 156 f. Dissertação (Mestrado em CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2008.

SOUZA, Fabiano de Barros. **Análise de Gases Expirados Utilizando Diferentes Métodos de Obtenção de sinais para Avaliação do Desempenho Físico Humano.** 2012. 66 f. Tese (Doutorado em ENGENHARIA BIOMÉDICA) - UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA, 2012.

TENROLLER, Carlos Alberto. **Meninas e futsal – um estudo sobre questões de gênero na Educação Física da escola e para além de seus muros.** 2009. 132 f. Dissertação (Mestrado em EDUCAÇÃO) - UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL, 2009.

THOMAZ, Tatiane. **Descrição e comparação de dois tipos de chute no futebol feminino através de variáveis angulares.** 2005. 75 f. Dissertação (Mestrado em CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE) - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/MARILIA, 2005.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran. **Educação Física Escolar e Relações de Gênero: risco, confiança, organização e sociabilidades em diferentes conteúdos.** 2012. 191 f. Dissertação (Mestrado em EDUCAÇÃO FÍSICA) – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, 2012.

VIEIRA, Ricardo Alexandre Guerra. **Prevalência de Comportamento violento em Estudantes e sua Relação com Fatores como Participação em Torcidas Organizadas de Times de Futebol, Drogas Lícitas e Ilícitas e Coesão Familiar.** 2009. 95 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em HEBIATRIA - DETERMINANTES DE SAÚDE NA ADOLESCENCIA) - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO, 2009.

VIEIRA, Valdo. **Sentidos que Norteiam a participação das Torcedoras nos Estádios de Futebol.** 2010. 208 f. Tese (Doutorado em PSICOLOGIA SOCIAL) - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2010.

ANEXOS

ANEXO 1. Corpus de análise - 38 teses e dissertações

	Autor (a)	Ano	Título	Nível/Área	Objetivo
1	Rosângela de Sena Almeida	2009	Imprensa e Futebol Feminino no Brasil: a Memória Discursiva em Campo	MESTRADO SOCIAIS E HUMANIDADES	Investigar de que maneira o discurso da imprensa sobre o esporte e a atleta reitera, modifica, atualiza ou problematiza a construção de uma memória discursiva do esporte futebol feminino (FF), no período de 1970 até os anos atuais.
2	Priscila Augusta Ferreira Campos	2010	Mulheres Torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube Presentes no Mineirão	MESTRADO SOCIAIS E HUMANIDADES	Conhecer o perfil sociológico das mulheres torcedoras da equipe de futebol do Cruzeiro Esporte Clube, presentes no estádio Governador Magalhães Pinto Mineirão, Belo Horizonte/MG, e a relação estabelecida por elas com o Clube e com o estádio.
3	Enny Vieira Moraes	2012	As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970 - 1990)	DOUTORADO HISTORIA	Relatar e socializar histórias de mulheres futebolistas no interior baiano no período de 1970-1990, buscando quebrar a invisibilidade e o silenciamento, aspectos tão presentes na história do futebol feminino brasileiro.
4	Henrique Sena dos Santos	2012	Pugnas Renhidas: Futebol, Cultura e Sociedade em Salvador, 1901 - 1924	MESTRADO HISTÓRIA	Entender como os diferentes sujeitos que viviam em Salvador entre 1901 e 1924 se relacionaram com a prática do futebol.
5	Marcelo Pizarro Noronha	2010	Futebol é coisa de mulher! Um estudo etnográfico sobre o lugar feminino no futebol clubístico	DOUTORADO SOCIOLOGIA	Identificar processos sociais de inserção das mulheres no universo do futebol clubístico no Brasil.
6	Jorge Dorfman Knijnik	2006	Femininos e masculinos no futebol brasileiro	DOUTORADO PSICOLOGIA SOCIAL	Estudar as relações de gênero no futebol, tendo como pano de fundo as representações sociais das futebolistas que disputaram o Campeonato Paulista Feminino de Futebol de 2004.
7	Maria Cristina Chimelo Paim	2006	Violência contra a Mulher no Esporte sob a Perspectiva de Gênero	DOUTORADO PSICOLOGIA SOCIAL	Compreender como homens e mulheres atletas percebem a violência, a violência no esporte e a violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo, bem como compreender como esses atletas percebem as seqüências dessa violência de gênero para as atletas.
8	Mariane da Silva Pisani	2012	PODEROSAS DO FOZ: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol	MESTRADO ANTROPOLOGIA	Compreender e elucidar alguns aspectos ligados à profissão de jogadora de futebol no Brasil. Para isso, procuramos conhecer os projetos de vida, as trajetórias, os afetos, a centralidade do estudo, a família, as intercorrências para profissionalização e as migrações dessas mulheres.
9	Ricardo Alexandre Guerra Vieira	2009	Prevalência de Comportamento violento em Estudantes e sua Relação com Fatores como Participação em Torcidas Organizadas de Times de Futebol, Drogas Lícitas e Ilícitas e Coesão Familiar	MESTRADO ODONTOLOGIA	Analisar a prevalência de comportamento violento em estudantes do Ensino Médio na cidade do Recife e a associação com fatores como a participação em torcidas organizadas de times de futebol, coesão familiar e uso de drogas lícitas e ilícitas.
10	Marcelo Antônio	2005	A preferência pela prática		Identificar diferenças no julgamento da

	Ferraz		de atividades físicas e esportivas: uma análise psicofísica	DOUTORADO PSICOLOGIA	preferência de homens e mulheres pela prática de atividades físicas e esportivas.
11	Valdo Vieira	2010	Sentidos que Norteiam a participação das Torcedoras nos Estádios de Futebol	DOUTORADO PSICOLOGIA	Compreender a produção imaginária que norteia a participação de mulheres em estádios de futebol como espectadoras, assim como analisar a consequência destes sentidos nas relações de gênero da contemporaneidade.
12	Hilton José Gurgel Rodrigues	2005	Padrão de conhecimento do atleta amador de Bauru-SP, relacionado aos cuidados da saúde bucal	MESTRADO ORTODONTIA	Avaliar o padrão de conhecimento dos atletas amadores da cidade de Bauru-SP, relacionado aos cuidados de saúde bucal.
13	Marinez Domeneghini Hillebrand	2007	Dando voz às Mulheres Participantes do Esporte Universitário: Contradições e Desafios para a Prática Esportiva	DOUTORADO SERVIÇO SOCIAL	Compreender como a prática esportiva influenciou a qualidade de vida de 43 mulheres voluntárias e participantes do Esporte Universitário na PUC/RS.
14	Fábio Alves dos Santos Pereira	2009	Currículo, educação física e diversidade de gênero	MESTRADO EDUCAÇÃO	Atribuir significado e analisar, à luz da teoria, às experiências docentes baseadas na dança e no futebol com alunos e alunas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola pública estadual.
15	Carlos Alberto Tenroller	2009	Meninas e futsal – um estudo sobre questões de gênero na Educação Física da escola e para além de seus muros	MESTRADO EDUCAÇÃO	Analisar os discursos que compõem determinados regimes de verdade sobre a presença-ausência de mulheres/meninas na prática de futsal.
16	Cleuza Maria Abranches Penna	2011	Brincadeiras no Recreio: uma Reflexão sobre as Relações de Gênero e Sexualidade	MESTRADO EDUCAÇÃO	Compreender/refletir, através de análise bibliográfica, sobre a construção das identidades sexuais e de gênero das crianças no recreio escolar das séries iniciais do Ensino Fundamental.
17	Adriano Borges Polizelli	2009	Análise Eletromiográfica do Músculo Adutor e Abdominal Inferior Durante Atividade do Chute em Jogadores de Futsal	MESTRADO ENGENHARIA BIOMÉDICA	Analisar a atividade eletromiográfica do músculo abdominal inferior e adutor da coxa em atividade no meio aquático e meio terrestre em atletas do futsal masculino e feminino da UNESC-SC, durante o movimento do chute e em contração isotônico.
18	Fabiano de Barros Souza	2012	Análise de Gases Expirados Utilizando Diferentes Métodos de Obtenção de sinais para Avaliação do Desempenho Físico Humano	DOUTORADO ENGENHARIA BIOMÉDICA	Avaliar a atividade metabólica e cardiopulmonar por meio de dois diferentes métodos de captação de sinais, em diferentes condições de esforços físicos em voluntários saudáveis do sexo masculino e feminino.
19	Michele Forgiarini Saccol	2007	Contribuição das forças musculares isocinéticas de joelho e tronco para aquisição da massa óssea em atletas de futebol feminino	MESTRADO REUMATOLOGIA	Analisar a contribuição da força muscular isocinética de flexores e extensores do joelho dominante e tronco na aquisição da massa óssea das regiões correspondentes a aplicação dessas forças em atletas de futebol feminino (GAF).
20	Ricardo Nishimori	2008	Avaliação do Estado Nutricional do	MESTRADO	Avaliar o estado nutricional de ferro de 38 jogadoras profissionais de futebol feminino,

			Micronutriente Ferro em Atletas Femininas	CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS	com idade superior a 21 anos.
21	Eduardo Filoni	2009	Índice do arco plantar, linha de Feiss, classificação de Viladot e índice na Staheli para avaliação do arco longitudinal medial do pé em praticantes de futebol feminino	MESTRADO PEDIATRIA	Comparar os resultados da avaliação do ALM do complexo articular do tornozelo entre índice do arco plantar (IAP) e índice de Staheli, classificação de Viladot e linha de Feiss.
22	Tatiane Thomaz	2005	Descrição e comparação de dois tipos de chute no futebol feminino através de variáveis angulares	MESTRADO EDUCAÇÃO FÍSICA	Descrever e comparar os movimentos dos segmentos corporais inferiores a partir das variáveis angulares em dois tipos de chute no futebol feminino.
23	Ana Maria Capitanio	2005	Mulher, gênero e esporte: a análise da auto-percepção das desigualdades	MESTRADO EDUCAÇÃO FÍSICA	Verificar como mulheres, atletas e ex-atletas, percebem-se em relação aos gêneros, expectativas, reconhecimentos, preconceitos e desigualdades sociais no meio esportivo.
24	Euza Maria de Paiva	2006	Participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas	DOUTORADO EDUCAÇÃO FÍSICA	Compreender como as mulheres participam e se envolvem na gestão do esporte de alto rendimento em instituições como o Ministério dos Esportes, o Comitê Olímpico Brasileiro, as Confederações e Federações.
25	Sérgio Adriano Gomes	2007	Tipologia dos Esquemas de Gênero e os Níveis de Aptidão Física dos Atletas de Futsal	MESTRADO EDUCAÇÃO FÍSICA	Avaliar os níveis de aptidão física de atletas de alto rendimento no futsal e que diferem quanto ao perfil psicológico dos esquemas de gênero.
26	Raquel da Silveira	2008	Esporte, Homossexualidade e Amizade: Estudo Etnográfico sobre o Associativismo no Futsal Feminino	MESTRADO EDUCAÇÃO FÍSICA	Discutir o associativismo esportivo de mulheres em esportes que são ditos masculinos.
27	Renata de Andrade Cunha	2008	Elaboração e Validação do Questionário sobre Qualidade de Vida de Atletas QQVA	MESTRADO EDUCAÇÃO FÍSICA	Elaborar e validar um instrumento para se avaliar a percepção de QV de atletas brasileiros de ambos os gêneros e de diferentes modalidades esportivas individuais e coletivas (o Questionário sobre Qualidade de Vida de Atletas – QQVA).
28	Aline Barato Cheluchinhak	2010	O consumo das práticas do lazer e de bens culturais por quem produz conhecimento científico tecnológico junto ao Lactec	MESTRADO EDUCAÇÃO FÍSICA	Identificar o consumo das práticas de lazer e de bens culturais por parte dos pesquisadores que atuam profissionalmente produzindo conhecimento junto ao LACTEC.
29	Carlos Eduardo Naliato Melillo	2010	Mulheres da classe alta no futebol: o caso do Nova Iguaçu Country Club	MESTRADO EDUCAÇÃO	Identificar os motivos que levam à inserção e permanência de mulheres de classes socioeconômicas mais elevadas na prática deste esporte em um clube do Município de

				FÍSICA	Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, Estado do Rio de Janeiro.
30	Alexandre Jackson Chan Vianna	2010	Meninas que jogam bola: identidades e projetos das praticantes de esportes coletivos de confronto no lazer	DOUTORADO EDUCAÇÃO FÍSICA	Compreender quais as representações que sustentam a permanência de mulheres nesses esportes por lazer.
31	Marco Antônio dos Santos Carneiro Cordeiro	2010	Relação do polimorfismo I/D do gene ACE com a capacidade funcional aeróbica de mulheres jovens.	MESTRADO EDUCAÇÃO FÍSICA	Avaliar a influência do exercício físico regular sobre variáveis cardiorrespiratórias e investigar a relação do polimorfismo ACE indel com a capacidade funcional aeróbica de mulheres jovens.
32	Paulo Henrique Mellender Evangelista	2011	As Atitudes Morais no Esporte de Competição: um Estudo Descritivo-Exploratório com Atletas dos Jogos Coletivos de Invasão	MESTRADO EDUCAÇÃO FÍSICA	Identificar qual das dimensões atitudinais – empenho, convenção, antidesportivismo ou trapaça – representa as ações mais assumidas declaradamente pelos jovens atletas, de 13 a 16 anos, dos JCI.
33	José Roberto Andrade do Nascimento Junior	2011	Estudo da validação do questionário de ambiente de grupo e sua relação com a liderança no contexto esportivo competitivo	MESTRADO EDUCAÇÃO FÍSICA	Validar o Questionário de Ambiente de Grupo (QAG) para a língua portuguesa analisando sua relação com a liderança do treinador no contexto esportivo do futsal do estado Paraná.
34	Petrucio Venceslau de Moura	2011	Imagem Corporal do Atleta: a Experiência da Dor Física no Esporte de Rendimento	MESTRADO EDUCAÇÃO FÍSICA	Compreender a construção da imagem corporal em atletas de rendimento considerando as características e nuances da sensação de dor física advinda da experiência vivida em diferentes modalidades esportivas.
35	Leila Salvini	2012	Novo Mundo Futebol Clube e o “Velho Mundo” do Futebol: Considerações sociológicas sobre o Habitus Esportivo de Jogadoras de Futebol	MESTRADO EDUCAÇÃO FÍSICA	Entender como se dá o processo de incorporação das disposições para ação das jogadoras do Novo Mundo Futebol Clube no subcampo do futebol.
36	Heidi Jancer Ferreira	2012	O Percurso de Mulheres como Técnicas Esportivas no Brasil	MESTRADO EDUCAÇÃO FÍSICA	Analisar a atuação de mulheres como técnicas esportivas no Brasil.
37	Felipe Rodrigues da Costa	2012	A escola, o esporte e a concorrência entre estes mercados para jovens atletas mulheres no futsal de Santa Catarina	DOUTORADO EDUCAÇÃO FÍSICA	Analisar as estratégias construídas por jovens atletas de futsal feminino de Santa Catarina, para conciliarem a formação esportiva e a formação escolar, descrevendo seu perfil escolar e expectativas de formação acadêmica, bem como entender o significado atribuído ao treino, aos estudos e à escola.
38	Liane Aparecida Roveran Uchoga	2012	Educação Física Escolar e Relações de Gênero: risco, confiança, organização e sociabilidades em diferentes conteúdos	MESTRADO EDUCAÇÃO FÍSICA	Entender como se dão as relações de gênero nos diferentes conteúdos da educação física escolar.